



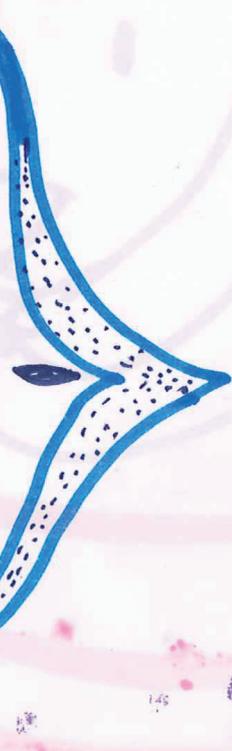
NOV 2017

FLUXO
 REO SIGNIFICAR
 VOLTA

ESCRITURA POÉTICA COMO ESCRITA PARA
 A ARTE E SUAS POSSIBILIDADES EM REGISTRO:
 DO CADERNO AO CORPO

RUPTVRAR

MUDANÇAS ESTRATÉGICAS



SUTURA

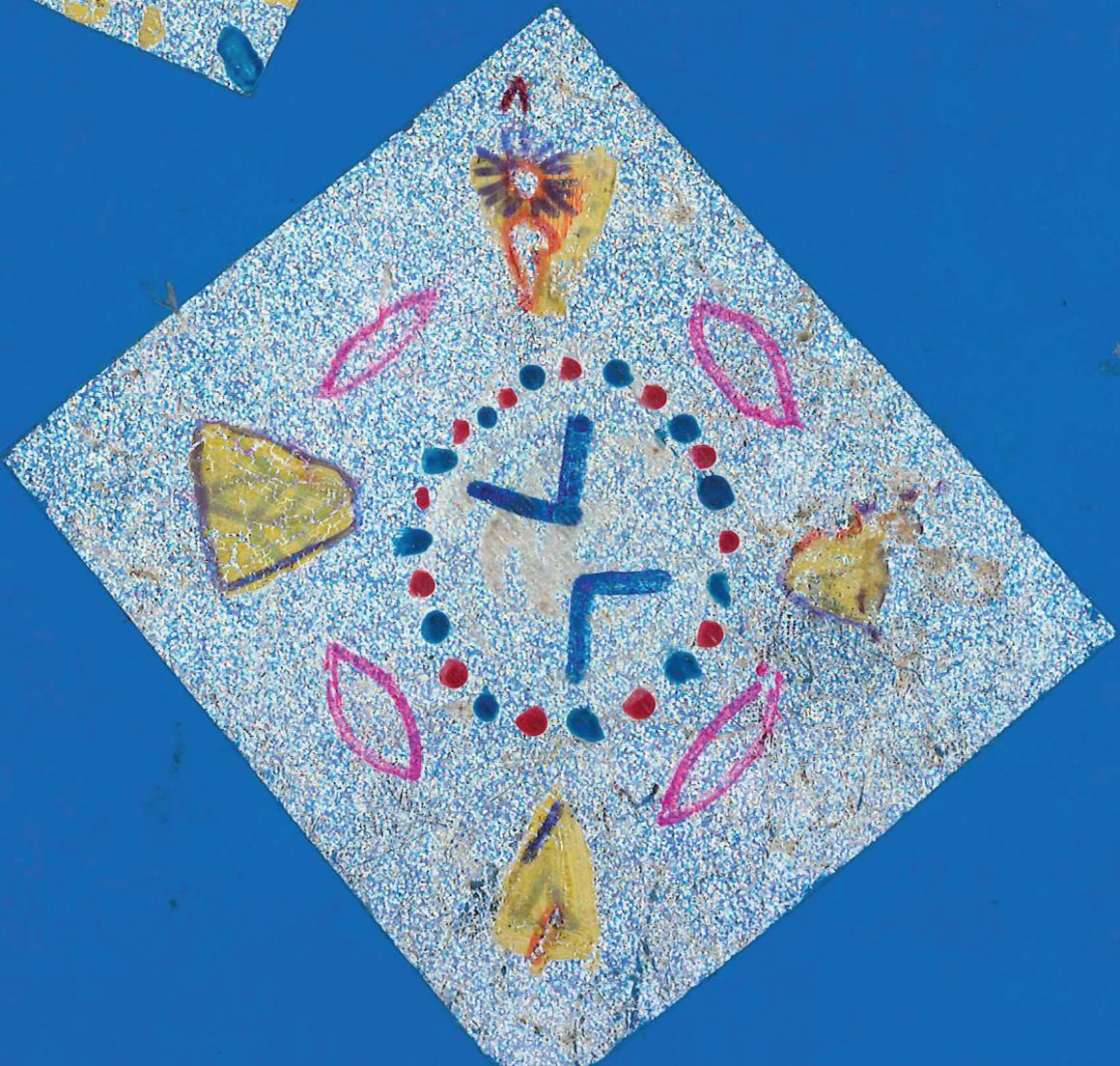
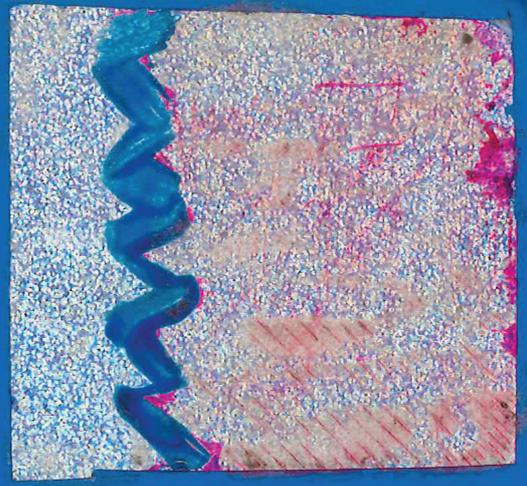
Em caso de perda, ~~por favor retorne para~~

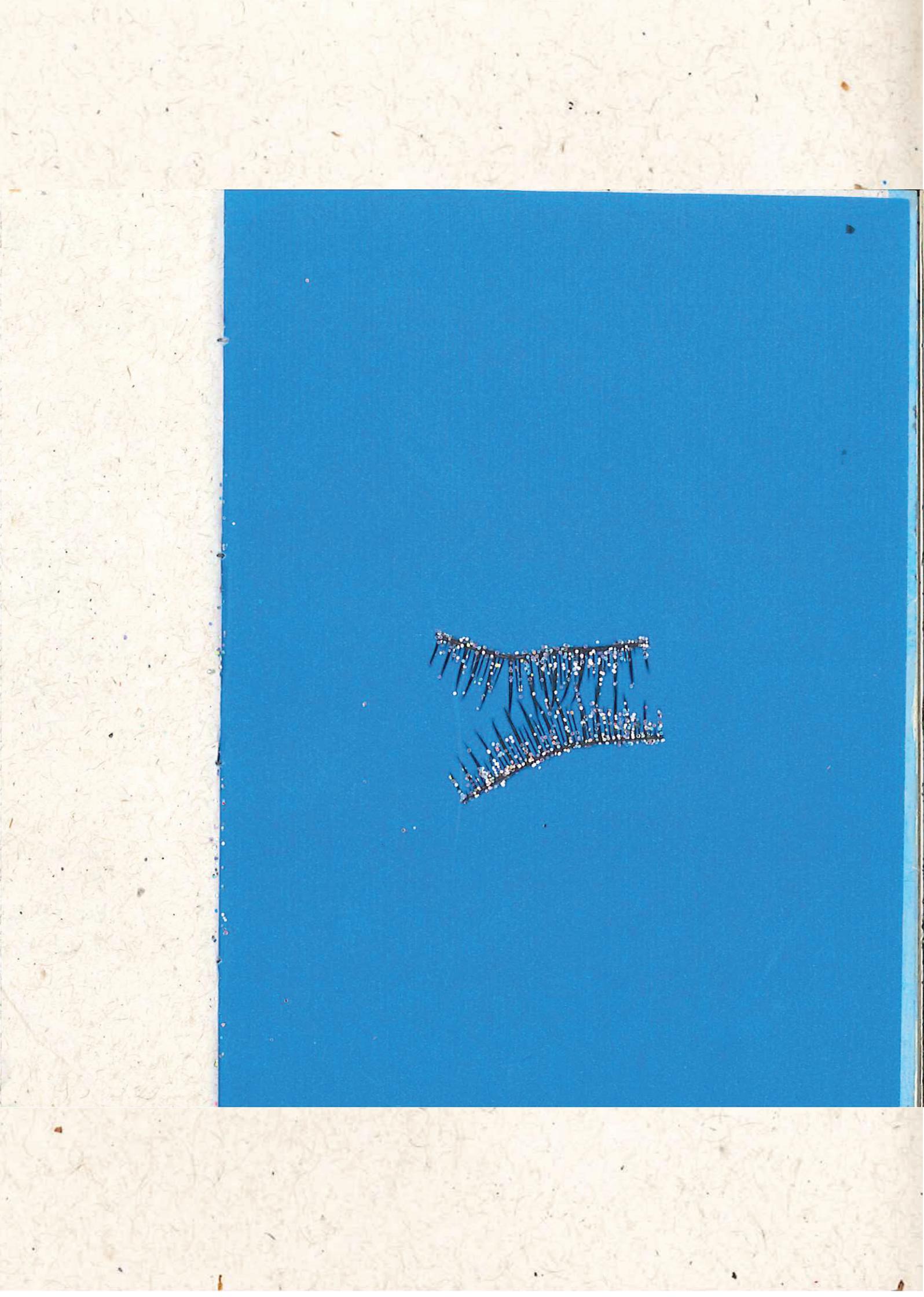
estudo nesse caderno

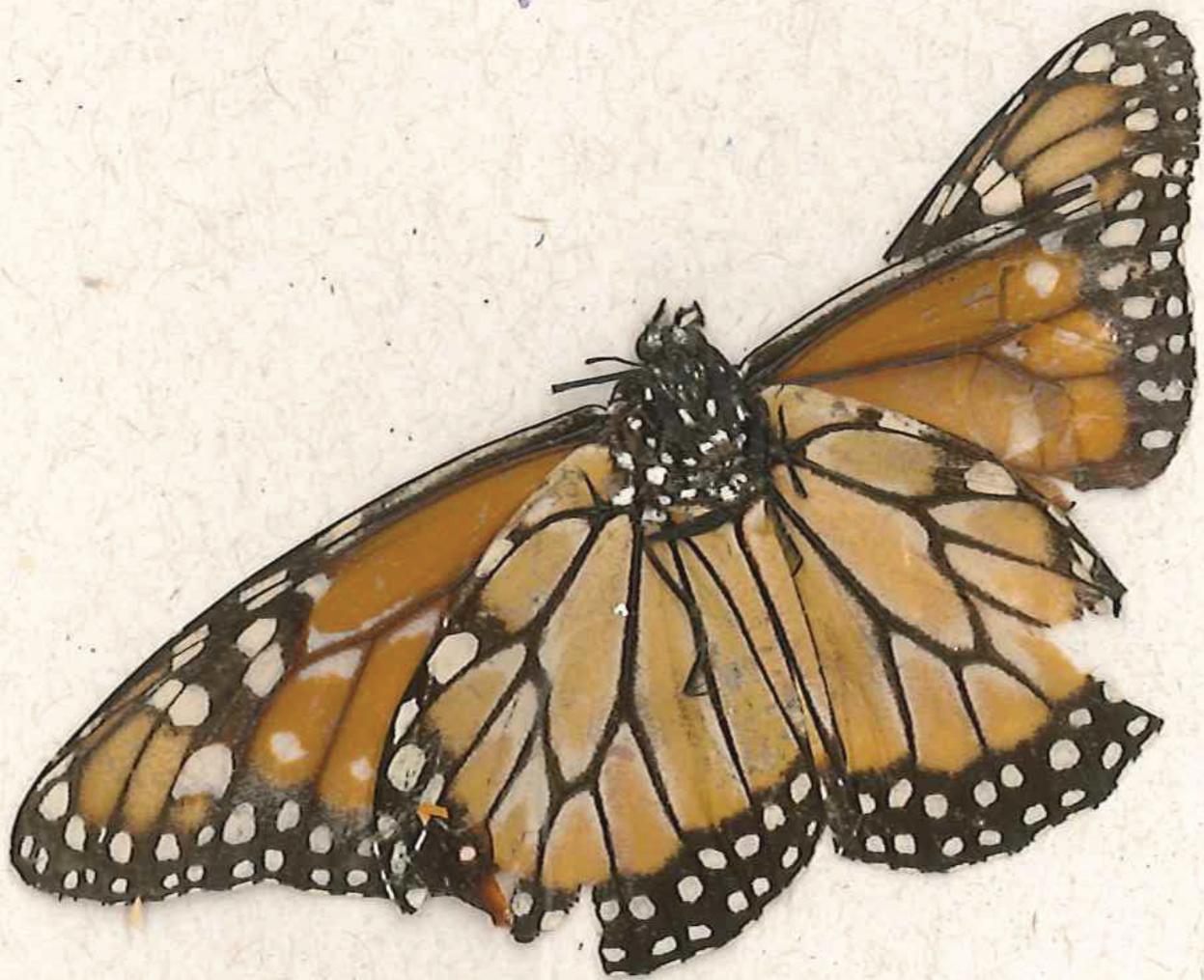
é funcional de ver:

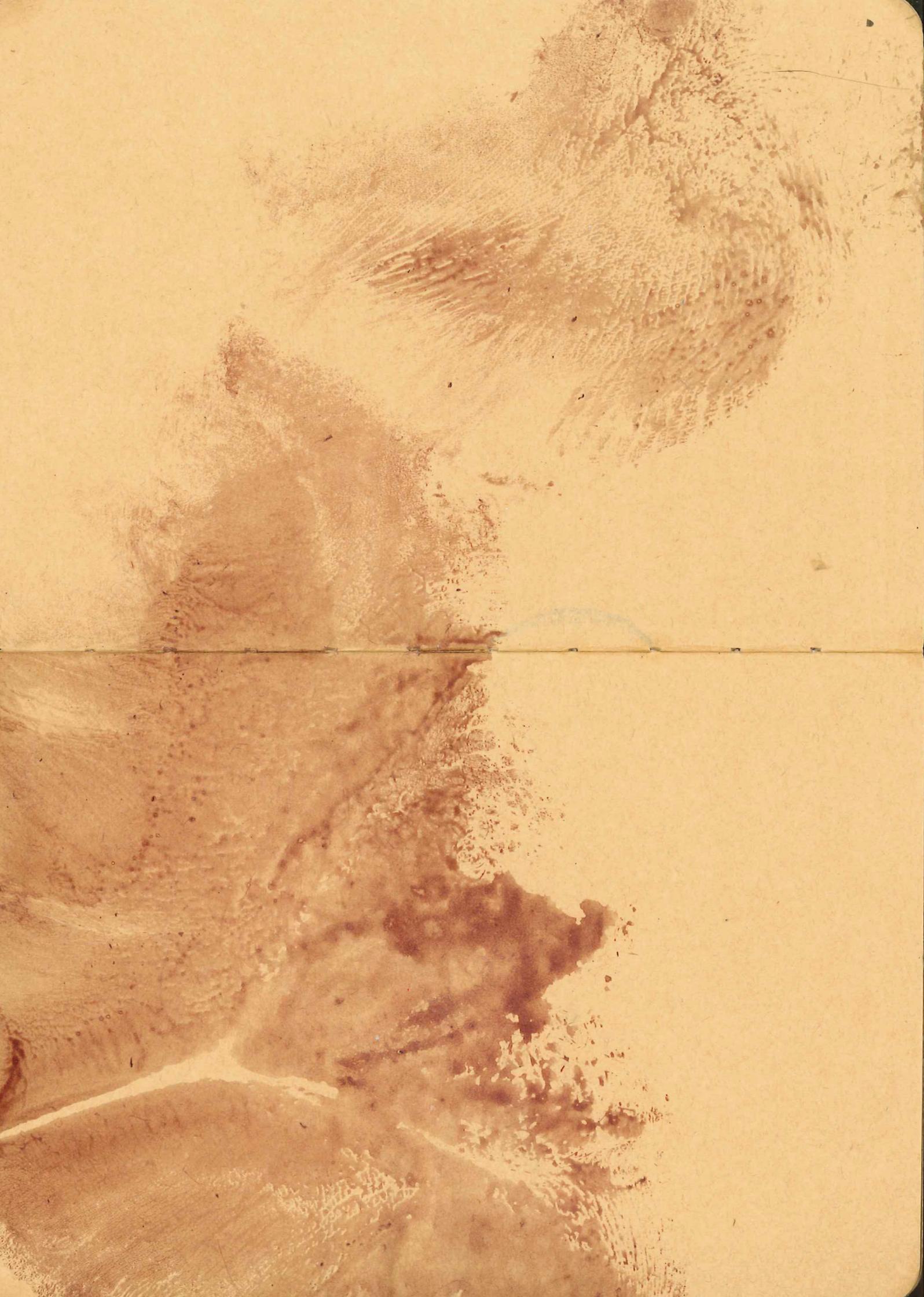
idade.

~~Como recompensa:~~











APR 2000
CHAO

F, F, D

COOL
DAYS

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Visuais – VIS
Programa de Pós Graduação em Arte – PPG-ARTE

MARIANA RAMOS SOÜB DE SEIXAS BRITES

**ESCRITURA POÉTICA COMO ESCRITA PARA A ARTE E SUAS
POSSIBILIDADES EM REGISTRO:
DO CADERNO AO CORPO**

Brasília – DF

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

RB862e Ramos Soüb de Seixas Brites, Mariana
Escritura poética como escrita para a arte e suas possibilidades performáticas em registro: do caderno ao corpo / Mariana Ramos Soüb de Seixas Brites; orientador Maria Beatriz de Medeiros. -- Brasília, 2017.
125 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Artes) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. Performance. 2. Poesia. 3. Cicatriz. 4. Registro. I. Beatriz de Medeiros, Maria, orient. II. Título.

MARIANA RAMOS SOÜB DE SEIXAS BRITES

**ESCRITURA POÉTICA COMO ESCRITA PARA A ARTE E SUAS
POSSIBILIDADES EM REGISTRO:
DO CADERNO AO CORPO**

Brasília – DF

2017

MARIANA RAMOS SOÜB DE SEIXAS BRITES

**ESCRITURA POÉTICA COMO ESCRITA PARA A ARTE E SUAS
POSSIBILIDADES EM REGISTRO:
DO CADERNO AO CORPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arte no Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Arte Contemporânea.

Área de concentração: Arte Contemporânea

Linha: Poéticas Contemporâneas

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros

Brasília – DF

2017

MARIANA RAMOS SOÜB DE SEIXAS
BRITES

Escritura poética como escrita para a arte e
suas
possibilidades em registro:
do caderno ao corpo

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arte no Instituto de
Artes Visuais da Universidade de Brasília
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestra em Arte Contemporânea.

Área de concentração: Arte Contemporânea
Linha: Poéticas Contemporâneas

Data de aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Maria Beatriz de Medeiros
Orientadora

Profa. Dra. Luísa Günther
Examinadora

Profa. Dra. Alice Maria
Examinadora

Profa. Dra. Cecilia Mori
Suplente

Brasília – DF
2017

*Para quem se dedica a trilhar o rumo metaforseante
que o desejo assume na busca da delícia de ser quem se é.*



À Prakash e Anis Maria pela acolhida animal quando a fé na humanidade diminui drasticamente;

À Laje por me fazer compreender ciclos de morte e de vida, a necessidade do cuidado mútuo e o silêncio das nossas conversas barulhentas;

À Alice, Ayirá, Antônio e Planetinha Alien, nova geração de questionadores que através de olhos infantis detonam graciosamente nossas certezas adultas;

À minha querida linhagem matriarcal repleta de fogo: Lis e Vó Ceá;

À Vó Nira: “quem faz o que quer não envelhece, vive”;

À Bia Medeiros pela incansável parceria e orientação ao longo desses dois anos de reinvenções, poéticas e pesquisa;

Às companheiras mais próximas nessa empreitada Maria Eugênia Matricardi, La Conga Rosa, Bijhuga e Kali Ojo de Tigre pelas horas de conversa, pela montanha russa emocional que compartilhamos;

À Carol Barreiro pela disposição em nossos realinhamentos ósseos, políticos e afetivos. E aos nossos manifestos que gritam o que nosso corpo já cansou de expor pacificamente;

Ao Zé do Cafezinho pelas bebidas e ideias estimulantes;

Ao Corpus Informáticos pela eterna ode ao coletivo que não esquece das multiplicidades individuais;

A todos meus guias que me fizeram continuar na linha do desejo não sucumbindo durante desafios;

À todas as sapatãs, pessoas trans e mulheres que enquanto fazedoras autônomas não cessam de construir o espaço em que vivem por meio da destruição contínua de símbolos de opressão tão recorrentes na sociedade;

À mim mesma: musa que sinto querer sempre mais;

A CAPES pelo incentivo para que essa pesquisa fosse capaz de ser realizada;

E por fim ao Tempo, querida entidade viva e pulsante, que me fez reconhecer a necessidade de agradecer e gerar amor às transformações nesse caminho que trilho e ainda desconheço.

Ao mistério.

O fragmento está em mim
reflete nesse caderno

mistura afetos e conteúdos

no fundo tudo aqui

contém 

a semente e  *in
finita*

LISTA DE FIGURAS

Imagens 1 a 6: *Cadernos de Mestre*. Scanner: Mariana Brites.

Imagens 1 a 5: *Cartografia Ferida*. Fotos: Gabi Cerqueira.

Imagem 6: *Mariana Brites por Alla Soub*. Foto: temporizador.

Imagens 7 e 8: Ações do *Coletivo Obs:Cênicos* (2014-16).

Fotos: Obs:Cênicos.

Imagem 9: Corpos Informáticos em “*Encerando o Congresso*”, 2010. Da esquerda para a direita: Daniel Toso (Espanha), Márcio H. Mota (DF), Bia Medeiros (DF), Maria Tuti Luizão (BA), Alex Topini (RJ), Dani Felix (BA), Fernando Aquino (DF), Galdino (DF), Zé Mário (BA), Camila Soato (SP), Tiago Moira (DF), Luara Learth (DF), João Matos (BA), Rose Boaretto (BA), Isaque Ribeiro (BH), três policiais legislativos e seis participantes desconhecidos.

Imagens 1 a 3: *Cartografia Ferida*. Fotos: Alexandra Martins.

Imagem 4: *Vínculo Zero*, 2013. Alexandra Martins e Mariana Brites. Foto: Gabi Cerqueira.

Imagem 5: *Vínculo Zero*, 2014. Maria Eugênia Matricardi e Mariana Brites. Foto: Corpos Informáticos.

Imagem 6 a 10: *Vínculo Zero*, 2015. Bia Medeiros, Natasha de Albuquerque e Mariana Brites. Foto: Daniel Seda Montagem: Bia Medeiros.

Imagens 11 a 15: *Registro Coração da Terra*. Scanner: Mariana Brites

Imagens 16 e 17: *Retalhos*, 2014. Alexandra Martins, João Paulo Avelar e Mariana Brites. Foto: Márcio Hagih (in memorian).

Imagem 18: *Print Screen XVideos*. Feito em 14 jan. 2016.

Imagens 19 e 20: *Pelos Pelos*, 2013. Alexandra Martins, Ana Paula Quintanilha e Mariana Brites. Fotos: Corpos Informáticos.

Imagens 21 e 22: *Print Screen* de página pessoal no facebook. Feito em abr. 2013.

Imagens 23 e 24: Documento oficial emitido pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios para marcar audiência de julgamento do grupo. Scanner: Kyll Nunes

Imagens 25 a 28: Clipping sobre a repercussão da performance nos veículos de comunicação em massa. Scanner: Kyll Nunes.

Imagens 29 e 30: *Pelada Pelada*, 2013. O grupo prefere manter-se anônimo. Foto: Obs:Cênicos.

Imagens 1 a 6: *Cartografia Ferida*, 2016. Fotos: Gabi Cerqueira.

Imagens 7 a 12: *Escritura de Potó*, 2016. Fotos: Mariana Brites.

Imagem 13: *Cartografia Ferida*. Foto: Alexandra Martins.

Imagem 14: *Cartografia Ferida*. Foto: Gabi Cerqueira.

Imagens 15 a 24: *Escrituras e Sabores*, 2016. Scanner: Mariana Brites

Imagem 25: *Escrituras e Sabores*, 2016. Foto: Natasha de Albuquerque.



Imagens 1 a 3: *Manifesto do Grelo Duro*, 2016. Auriceleste Zimmerman, Carol Barreiro, Laís Guedes, Malu Engel, Maria Eugênia Matricardi, Alla Soüb e Rômulo Barros. Fotos: Corpos Informáticos

Imagens 4 e 5: *Greve de Manifesto*, 2016. Carolina Barreiro e Alla Além

A PRÁTICA DA ARTE NÃO É MAIS DO QUE UMA PRÁTICA INDISCIPLINADA; ESSE OUTRO TEXTO NÃO VISA LIMITÁ-LA.

(ARTE)

FUNÇÃO POÉTICA

T
E
X
T
O

dobras

ESTÉTICO

POLÍTICO

DE
ZONA INTERSEÇÃO
OUTRO CORPO
TORNAR ERÓTICA
LUGAR ABERTO

! A DIFERENÇA NUNCA PODERÁ SER REFETIDA SEM DIFERENÇA !

↑ TRANSDISCIPLINARIEDADE ↓

TRANSTEXTUALIDADE

horizontaldade

L amplo o txt
jogo reflexivo

interpretação plural e ambígua
'plural irredutível' BARTHES

"O RUMOR DA LINGUA"
R. BARTHES

memória
contexto
conhecimentos



há originalidade?

TEXTO
TECIDO

(DES)ORDEM DOS FATOS

Introdução

PRIMEIROS PASSOS, POSSÍVEIS QUEDAS

- Poesia, qual?
- Sabe o que acho engraçado?
- De-compondo a linguagem
- Grupos

POÉTICAS DO DEPOIS: REGISTROS E(M) TEXTOS

↕ Vínculo Zero (2013-15)

🏠 Souvenir (2015)

♥ Coração da Terra (2014)

❖ Retalhos (2014)

🏙️ Pelos Pelos (2013)

📷 O Virtual-Real: (re)percussões

🚗 Pelada Pelada (2010)

🏛️ Depois da Poética do Depois

PELE POÉTICA

✂️ Escrituras e Cicatrizes

🕒 Do Caderno ao Corpo

👉 Caminhos (in)visíveis

Referências Bibliográficas

📢 Apêndice

Escrevo por que a vida não aplaca meus apetites e a minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo.

Gloria Anzaldúa

RESUMO

A presente pesquisa denominada Escritura poética como escrita para a arte e suas possibilidades performáticas em performance: do caderno ao corpo, aborda processos criativos autorais e poéticos em performance e seus métodos de registro. Esses processos criativos e autorais são, em sua maioria, realizados em coletivo e na rua: Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos, Coletiva Tete-a-Tete e OBS:cênicos. A palavra escrita é abordada como método poético para o registro em performance, ampliando-o fato além do audiovisual. No desenrolar do texto é possível perceber uma transposição do caderno ao corpo: couro vivo inscrito, cicatrizado de mundo. A construção poética do texto visa possibilitar brechas para que cada leitor(a) tenha uma experiência particular aliada a seu próprio corpo e a construção do mesmo. Assim, poesia e a performance se mesclam a fim de permear o sensível em formas diferenciadas. Escrituras e cicatrizes marcam, produzem diferenças nas vivências e, por conseguinte, no mundo. O registro poético em/de performance é feito como uma nova produção artística, bem como as cicatrizes que compõem as variâncias de um mesmo corpo. A performance é capaz de gerar marcas, materiais ou não, na estrutura da cidade. Essa dissertação é composta por uma rede de apoio bibliográfico que inclui: Audre Lorde, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Maria Beatriz de Medeiros, Michel Serres e Roland Barthes.

Palavras-Chave: Escritura. Performance. Registro. Grupo. Cicatriz.

ABSTRACT

The present research is called Poetic writings to Art and its performatic possibilities of performance: from the notebook to the body, these creative and authentic process is done, mostly as a collective and also on the streets with: *Corpos Informáticos*, *Coletivo Teta a Teta* e *OBS: Cênicos*. The written word approaches a poetical method to register in performance, expanding the fact beyond the audiovisual. By the text conduction its possible to realize the transposal from the notebook writings to the body itself, as a world's register in the living flesh. The text construction searches to bring possibilities to each reader to have a particular experience together to their bodies and itself. Thus poetry and performance are mixed on the purpose of permeate sensitive in different ways, writings and scars mark and produce differences on wliving and therefore in the world. The poetic register in or of the performances are done with a new artistic production, the scars defines the changeable on the body, the performance can set marks or not in the city's structure. This master's dissertation consists of a supportive bibliographic net which includes: Andre Lorde, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Maria Beatriz de Medeiros, Michel Serres and Roland Barthes.

Key words: Writting. Performance. Register. Group. Scars.

INTRODUÇÃO

A experiência da leitura já se iniciou desde o momento em que você se propôs a acolher em suas mãos esse texto, por cá encontrará as brechas textuais que compuseram meu ser-em-texto. Expostas, feridas e cicatrizes caminham ao descaminho deambulante e performático da arte. O encontro com você, leitor(a), se faz pungente, urgente. A escritura daqui quer se encontrar, se ver por outros olhos. Durante os dois anos correntes de pesquisa me observo em meio a livros, sensações, bibliotecas, doses de catuaba, romances e plantações. Fui e ainda estou sendo reconstruída enquanto o texto também se apresenta no mesmo processo: somos corpo e(m) texto. Portanto, somos juntos as mudanças e estranhezas que nos causamos. Nossas ações, reações e pronomes se mesclam. O presente texto é composto mais de inquietações do que de certezas. As inquietações são fontes potentes do desconhecido, lugares pelos quais desejamos enveredar.

Dividida em três blocos principais que se entrecruzam, o presente texto traz consigo a possível mudança das ordens capitulares. Para que isso aconteça depende da vontade de quem lê para fazê-lo. Os capítulos estão divididos por cores diferentes: amarelo, azul e rosa. Trocar a ordem dos capítulos propicia experiência outra para o mesmo texto apresentado. O texto está entregue na ordem cronológica de pesquisa e criação, mas entendo a possibilidade variante e também múltipla do tempo, asseguro diversão e estranhamentos ao criar juntas essa outra possibilidade em papel.

A seguir apresento o conteúdo dos blocos, para que fique a sua escolha a conservação ou renovação da ordem:

A cor azul traz consigo a idéia da água corrente, apresenta as influências e o nicho que a pesquisa propõe. Aqui serão encontradas as localizações dos principais conceitos que banham esta dissertação como: escritura, fuleragem, performance, eus, registro, doce, duro, mar(ia-sem-ver)gonha e terrorismo poético. Também será elogiada a formação de grupos em arte como possibilidade de multiplicar-se na rua. O grupo traz consigo a potencialidade de eus distintos. Reaproximo-me por tanto, o grupo é: criador de conceitos, dialetos, vive e marca a estrutura da cidade, acontece.

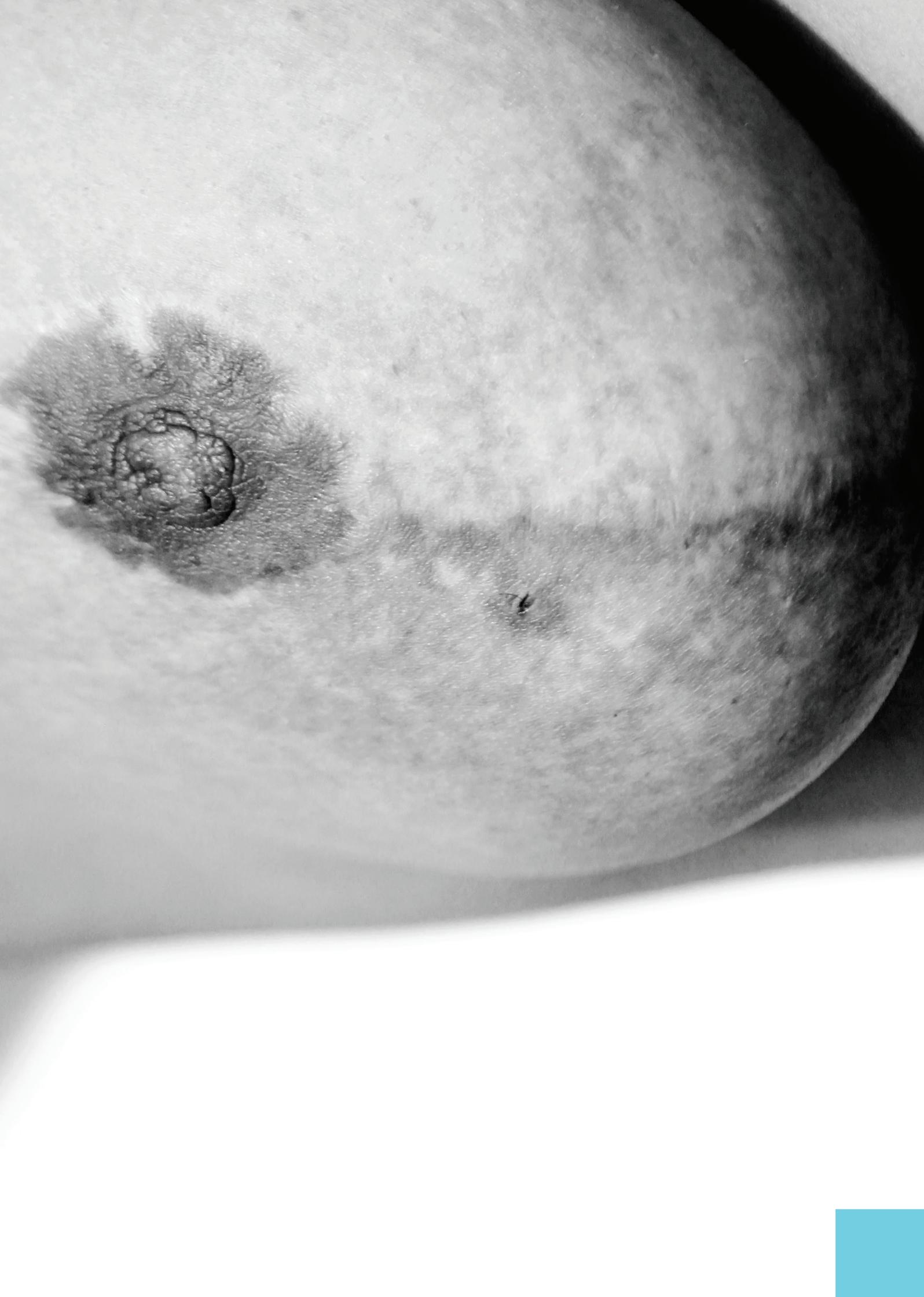
A cor rosa pulsa. É a lembrança da carne: memorial de ações feitas entre os anos de 2010 e 2016. A escritura é buscada nas frinchas, poesia-pós-acontecimento. A escritura se apresenta como possibilidade de registro para a performance, engendrando em si outras discussões pertinentes à teoria-prática do desejo arte. Serão tratados temas como: refeitura de performances e sua irrepetibilidade, repercussões virtuais de performances presenciais, a ausência de registro audiovisual como característica do espaço e arte enquanto questionamento - arte-ação – através dos feitos também políticos em performance.

Já a cor amarela é o grifo do texto, a cor coração que contrasta e dá vida; aqui estão corpo e sensações envolvidas. É um desdobramento poético que surge-nasce em meio à criação e provocações da pesquisa. Cartografia Ferida é um ensaio fotográfico de cicatrizes e marcas em pele, essas são entendidas enquanto poesia e escritura. Simultaneamente enquanto digiro conceitos filosóficos os mesmos se reapresentam no corpo. O corpo é a matéria principal da pesquisa e sincero, se insere. As imagens desse ensaio compõem também um entre capítulos, respiro de palavras, leituras de outra forma: imagem disforme. É o corpo e suas feridas que colam os capítulos, desse modo escorregadio, a cor amarela se apresenta desde antes. Sem nome, sem saber, percebendo as sensações em leitura.

Escrevo sobre escritura e quando escrevo sou disforme. Tranzo letras até que me sacie. Não tenho pudores de vomitar se empapuçoo. Nessa dança de aproximação e afastamento, comemos-nos e não sei quem somos. Obstinadamente nada-mente. Entrelinhas de eus compostos ficção, documento, histórias não gravadas ao certo, mutantes invenções. Viemos contar causos! Escrevo no presente, mesmo quando o presente já se foi, entre o toque no teclado e a aparição da letra na tela há cosmos não vistos. Por que lugar me encontro em brechas? Meus pares por onde passeiam? Letras me inquietam, eu orquestradora maluca em pensar reorganizá-las. Falho. As palavras me falham. Escrever querendo ir de contra a objetividade dos escritos, sou circular, minhas letras se caracolam. Nem eu me equilíbrio.

Venero os machucados do corpo, seus deslizos. A queda é a própria escritura, me colo ao chão para escrever, preciso desse contato. Palavras me levam ao chão. As cicatrizes reviram-me em mim desde quando as vi poesia. Sou no corpo: escrevo-me. Em mundo sou mundo tal qual. Somos mundos.

Fica de início um convite para que você leitor(a) saiba que é bem vindo, suas mudanças agregam a poesia, suas percepções compõem outro si perante o mesmo. Como um castelo de areia que é construído e quando a onda vem não o derruba inteiramente; mas lambe as beiradas criando outra estrutura dentro do mesmo desejo. O rastro que permanece espera outra onda, expectativa e contínua de ser sempre modificada. Ao entrar nesse lugar, faça-o como entrando em casa, esteja à vontade para compor com. Essas escrituras são feitas para o compartilhamento, faz sensação no caminho da praia seca que é Brasília. As escrituras desejam molhar (-me) (-te) (-nos), o texto é castelo de areia vermelha do cerrado, dura. Você é onda, seu ritmo somado às escrituras: sensações.











PRIMEIROS PASSOS, POSSÍVEIS QUEDAS

Aqui, azul, serão apresentadas os conceitos-guias que se mesclam à dissertação. Esses conceitos como aliados buscam trilhar caminho sutil na mescla de experiências e vivências em performances bem como seus desdobramentos em/pós performances. Realiza-se um apanhado-teórico – mas também e principalmente – um apanhado poético acerca de vivências e experiências.

Falo até aqui como autora desconhecida, por isso começo a me apresentar. De maneira não única grifo a importância de compreender a mim – e que se torne possível ampliar as demais pessoas – como um ser composto de várias facetas. Várias e tão múltiplas que se fundem à possibilidade de ser em grupo. O grupo – nós – segue enquanto existência compartilhada, lugar de segurança: não se está só. O grupo anuncia acolhidas e força somada para girar contra a engrenagem da normalidade que insiste em recair sobre nós. Somos o entre, a brecha, a exclamação no teclado.

Poesia, qual?

De dentro do quarto, nos cadernos ou na máquina, traço com-tato íntimo com o ato de escrever que esquenta enquanto o vento frio entra pela janela em um eterno anúncio de chuva que nunca vem. Faço desse contato uma acolhida, revejo as palavras marcadas em folha em um tipo de espelho sem reflexo: fruto e fruta de mim. Escrevo em primeira pessoa por que escrevo comigo e sobre essa experiência de escrever em arte. Comigo para atingir o consigo – papel enquanto superfície multiplicadora de sensações. Escrevo o que a boca cala e o corpo grita sem palavras. Esta primeira pessoa não é só uma como suporia a gramática em sua primeira pessoa do singular. O ‘eu’ que entremeia essa

dissertação se dissolve por várias camadas minhas, multiplica-se. Eu transmutante. Trans-forma-ção, reinvento-me em possibilidades fluidas e não únicas. A partir daí é que sou eu, agora, que escrevo. Presente. Aqui, então, escolho essa possibilidade de anunciar, manter-me no mesmo espaço, não esquivar. No desejo da conversa possível percorro o caminho fazendo aliados na decomposição da escrita-padrão (aquela que se identificaria como meramente explicativa, descritiva ou de função fática) e, ao mesmo tempo, na criação de outra forma de organizar o código escrito buscando a função poética da linguagem. Nesse caminho encontro Audre Lorde, Maria Beatriz de Medeiros, Clarice Lispector, Manoel de Barros, Michel Serres e Roland Barthes além de performáticos que criam conceitos como *Corpos Informáticos* em Brasília-DF.

Interessa trazer reflexões e escritos de Lorde, Lispector e Barros, poetas de diferentes contextos, junto aos pensamentos de Barthes, Medeiros e Serres, teóricos de formação acadêmica, a fim de cruzar teoria linguística e filosófica com apanhados de poemas metalinguísticos. A teoria está miscível na própria poesia, aconchego das palavras na forma. Os autores e autoras, até agora citados, possuem entre si diferentes maneiras na busca de experimentar na escrita outra forma, movimentam a linguagem em uma busca que cria, cada qual em seu nicho, o outro do outro: a resistência poética-política de Lorde, as palavras introspectivas de Lispector, a simplicidade de Barros, as palavras saborosas de Serres e o prazer em Barthes.

O campo específico para essa conversa é o das escrituras em arte, suas possibilidades como registro poético acionam potencial mescla de sabores. Para além da feitura do texto, é imprescindível, que seu trajeto seja concluído, perdido, devorado ou desviado do encontro com o outro por meio da leitura. Nesse encontro “se evolva um sentido secreto que ultrapassa palavras e frases.” (LIS-

PECTOR, 1988, p. 14). O texto poético, mesmo quando em papel e tinta, tem em si sempre a possibilidade de transmutação, de outrar-se pela experiência da leitura. Dentro dos formatos até onde sobrevive a poesia? Ainda tem lugar, tem corpo? Em que brechas se manifestam? Como falar de arte sendo arte? Tendo a poesia passado por tantas fases históricas, quando aqui for referido o termo poesia sugere-se pensar em um conceito de poesia em deslocamento, proposto por Manoel de Barros:

Poesia, s.f.

Raiz de água larga no rosto da noite

Produto de uma pessoa inclinada a antro

Remanso que um riacho faz sob o caule da manhã

Espécie de réstia espantada que sai pelas frinchas

de um homem

Designa também a armação de objetos lúdicos com os empregos das palavras

Imagens cores sons etc.- geralmente feito por crianças pessoas esquisitas loucos e bêbados

(BARROS, 2010, p. 181)

O texto se torna também pulsante em brincadeira com a própria estrutura da língua, cria esses remansos a que o poeta se refere. Entretanto, é nesse lugar que a poesia se torna o avesso de mansa, é a parte da linguagem que morde, morde a própria língua a fim de degustar da saliva que vai ser secretada, saliva fluida e líquida que possibilita margem para que a imaginação surja. “A palavra poética tem que chegar ao grau de brinquedo para ser séria.” (BARROS, 2010, p.345). A utilização do código verbal aqui está disposta a criação de brechas, outras interpretações, novas gramáticas que escorrem nas frinchas e formam sensações anteriores a explicações. Poesia brinca, cria o outro em si. Escrevo com letras que dançam em parque de divers.

Em que espaço e como criar esse lugar íntimo de resistência, segredo e brincadeira? Por quais frinchas utilizar a própria linguagem a fim de subvertê-la? Pesquisar em artes, auto pesquisar-se em Poéticas Contemporâneas¹, é a possibilidade de transpor também para o texto maneiras outras de produzir conhecimento – essas outras formas são aquelas que dialogam diretamente com sensações e sentimentos frente à experiência de mundo. Produzir, sobretudo, outras formas sensíveis de conhecimento que sejam menos rígidas e determinantes. Desejar e evocar o texto poético provocante, que seja capaz de tocar os sentidos, desgarrar-se do suporte e transbordar no corpo: experiência.

O leitor não só pode receber o escrito, mas compor com ele. Na leitura habita o entre, momento particular em que não é só o escrito pela autora nem só o sentido por quem lê. Cada leitura pressupõe outras entrelinhas, reinvenção da mesma poesia. “A palavra catalisa, semeia o acordo silencioso, de onde podemos retirá-la”. (SERRES, 2001, p. 85). A poesia geme, sussurra, esparrama suas percepções e não se fecha, ou se fecha logo se abre e faz disso dança em suas impressões. A função poética da linguagem cria um desvio na função normativa da língua, propondo outras formas de espaço inclusive a aparente (mas não real) inutilidade dos versos.

Acostumada a comer e viver nas margens e tendo me aprofundado na poesia para ser capaz de reconhecer minha voz, meus desejos, percebo na função poética mais do que um desvio da função normativa. Nessa função habita uma sutil sabedoria que é reconhecer-se e reinventar-se. Minhas palavras acoplam-se à voz, sou no mundo. Contaminada por Lorde que traz para a conversa a pulsão profunda da poesia enquanto espaço para sonhos e, a partir destes, criação e disseminação de outras realidades:

.....
1 Nome da linha de pesquisa que esta dissertação está vinculada.

Eu falo aqui de poesia como uma destilação revelatória da experiência, não o jogo de palavras estéril que, tantas vezes, os patriarcas brancos distorceram a palavra poesia para significar – para assim cobrir um desejo desesperado por imaginação sem vislumbre. (...) Poesia é o caminho com que ajudamos a dar nome ao que não tem nome, para que possa ser pensado. (LORDE, 1977, p.2)²

- Se a palavra fosse agora água no leito de um rio, bem delimitado por suas margens, a poesia seria o transbordamento do mesmo. O rio em seu transbordamento transpassa sua própria margem, faz curva em tudo, umedece e desliza nas normas do percurso usual. As imagens relacionadas à umidade e aos fluidos me vertem a própria noção de poesia como algo escorregadio, que desliza sobre os códigos, samba as estruturas, reinventa e mente cotidianos. Em meu corpo também a poesia se faz líquida: gozo e suor. Nas margens liquefeitas habitam plantas que se satisfazem com este transbordamento, poesia que vaza e alimenta: cria e mantém o fluxo de vida. Essas plantas podem ser observadas aqui como as próprias criações, e no caso, como performances. O transbordamento faz surgir aquele espaço no qual habita a dúvida: Rio? Mangue? Pantanal? Lama? Sem resposta exata esse fenômeno propicia o entre. O instante quase: a performance e a poesia, em potencial. O rio se reescreve, bem como a poesia sugere novas formas de escrita a partir do código verbal já existente. A performance, quando em espaços públicos, convida os transeuntes à uma outra viagem a partir de um espaço já ‘conhecido’. E vice-versa, ou visse-verso [sic], o texto e a autora se mantêm inconstantes, não há eternidade que caiba.

.....

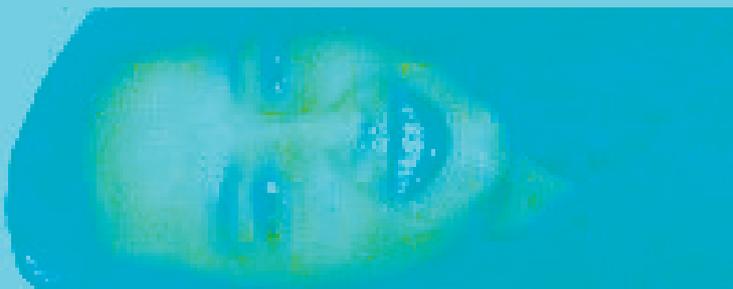
² Disponível em https://traduzidas.files.wordpress.com/2013/07/poesia_ nao_ eh_ um_ luxo_ audre_ lorde2.pdf. Acessado em 15/12/2015.

Nesse universo de poéticas (pessoais) contemporâneas, o conhecimento científico pode ser guia, mas as sensações e as vivências pessoais são mestras: misto de mistério, construção, decomposição e aventura. Sinto meu corpo poroso, em troca constante com o espaço e o tempo que habito, incorporo coisas e conceitos que passam a ser meus e, no corpo, se mutam em outros. Em uma dessas apropriações, um tipo de apropriação mútua, reconheci a performance como muito do que eu já estava fazendo, mas não havia atribuído uma nomenclatura. Entre nós e nós há um flerte, um envolvimento forte. Não fomos apresentadas, fui sentindo e quando vi já éramos ambas, a performance e eu, superfícies vira-latas em busca de encontro indizível: desejo de compor o mundo, ser desvio. Heráclito afirma que não se pode banhar duas vezes no mesmo rio, pois, assim como nunca se é o mesmo, a correnteza e seu movimento compõem sempre outro rio. Em performance, os acontecimentos também são irrepetíveis, lugares onde são experimentadas as possibilidades múltiplas do rio, ou seja, mesmo que a performance se mantenha em mesma execução haverá sempre fatores moventes como: o espaço, as pessoas que compartilham a ação, os corpos das pessoas em performance, o clima, etc... Além de banharmo-nos, pulamos sobre o rio que é vida, podendo afundar, nadar, morrer, boiar ou qualquer outro verbo que o corpo prefira conjugar. A diferença gerada na repetição interessa a performance. Outra possível criação a partir do mesmo: Vínculo Zero.

Diferentemente da condição efêmera das águas correntes e das performances o registro e as escrituras conservam em si elementos materiais capazes de inventar o acontecido. O registro é tratado como uma nova criação pós-experiência, o outro da mesma: desdobramento. A opção pelas escrituras como forma de registro se dá pela impossibilidade de reproduzir tal qual aconteceu a ação, com isso o texto passa a ser um elemento de imaginação, onde se faz possível

que a cada leitura novas imagens sejam criadas a partir do mesmo texto. A performance, nessa via de se repensar o registro, não é o ponto final da ação. Ela se torna ponto primordial de onde é possível o surgimento das escrituras, fotos, videoarte pelas afecções geradas em performance. O registro é desdobrável, múltiplo. Performance como ponto de partida para os sentidos que ainda reverberam da ação; o registro abraça e engendra o depois.

☛ Sabe o que acho engraçado?



*A outra dentro da outra,
na outra dentro em outra
que outra a outra que somos.
Alla Soüb*

Escrevo até agora como se eu e você nos conhecêssemos. Todavia sabemos que isso é invenção. Eu sou de lá, mas quase de cá. Não conheço as margens que tangem seu cotidiano. De início devemos ter em nós alguma noção pessoal do que é poesia e como esta se integra na vida e, por consequência, nos feitos artísticos. A poesia também é essa outra que não se quer delimitada. A partir da voz de várias pessoas traçamos um meio-subjetivo que interessa. A poesia minará o texto, vindo realçar as brechas da teoria-arte-vida acrescentando outros olhares e, por vezes, amolecendo o distanciamento que o texto acadêmico tem em sua raiz.

Apresento-me para que saibam de que corpo escorre tudo. Esse texto é feito a partir de experiências em relação à poesia e ao mundo. Quando se deparar com “eu” saberá então onde se localizar. Não precisamente, justamente porque ‘eu’ se quer mais móvel, dançante, mas quiçá errará por um triz e aí estaremos juntas – no erro. A construção dessa dissertação é mais uma criação, uma reverberação da vida tangenciada em arte. Resistência. Reinvenção de mim e desse encontro escrito. ‘Eu’ está permeável, versátil: ativa e passiva. Talvez nos caminhos que estaremos dispostas a partir daqui, possamos trocar de lugar. Flexionar as pessoas, principalmente, através das reflexões das performances acontecidas em grupo. Sendo assim, talvez essa ‘eu’ por algum momento lhe caiba ou o contrário aconteça.

Pois é no compartilhar dessas diferenças que nós encontramos crescimento. É dentro dessas diferenças que eu acho crescimento, ou posso, se sou honesta o bastante para expressar-me desde meus muitos eus [sic], meus amores, meus ódios, meus erros bem como minhas forças.

(LORDE, 2009)

A mim, a todas essas, também interessa saber até onde essas páginas serão compartilhadas no futuro, mas minha curiosidade é maior ainda. Imagino pessoas muito diferentes lendo tudo isso e podendo outrar-se na escritura, ou não. Imagino que palavras impressas no papel nunca são fim, pelo contrário, são justamente o início de toda decomposição. O tempo, as traças e poetas comem: tudo se transforma.

Desde antes eu somos: mineira, lésbica, gorda, mistura de mundo entre Síria, Líbano, Minas, Bahia e interior de São Paulo, “sapatão insubmissa promíscua e revoltada, puta, feminista, rebelde e desbocada” (ERRATIK, 2014) desaguada no Distrito Federal, represa alagada.

O espaço pulsante da rua é, potencialmente, desafio e resistência. Lugar favorito: lugar de ocupação, lugar para se pôr à disposição, aos choques, às carícias, às opressões da ‘lei dos homens’, às desaprovações e aos encontros. A rua me mostra o indizível, o inestudável. A rua se apresenta e pede posicionamento já. Urge. Estamos à margem, à margem das “Belas-Artes”, do padrão, à margem da linguagem. À margem de mim para que mais fácil seja reconhecer as outras. Sou/somos. Grito e desejamos estar em primeiras pessoas, não só da gramática, mas também dos atos. Procuro a outra dentro do interior e exterior, aquela entrelinha mutável de mim. Assumo as multiplicidades: das vivências, das poesias e performances. Saiba que da rua carrego quase tudo para dentro da casa

(do corpo). Não estou só. Esta história é também sobre bandos e sobrevivência poética: grupo.

Não sei de que forma melhor me apresentaria a vocês, já que a ideia de que não me saibam ao certo me encanta. Desejo rápido esse de dizer-nos eu e assim conseguir seguir a viagem no texto. Desejo também saber as ‘eu’ para que no percurso seja possível reconhecer o ‘nós’: nós do encontro da gente e(m) vocês.

De-compondo a linguagem

Na beirada da metalinguagem, desviamos em busca de meios para subverter o código padrão produzindo maneiras poéticas de conhecimento em arte. Para que as funções da linguagem não se confundam no decorrer do texto, serão utilizados os conceitos de Roland Barthes: escritura e escrita. A escritura está para textos mais técnicos, não-poéticos e científicos (mais facilmente localizados nas áreas de exatas/saúde). A escritura abarca o que chamamos de literatura, incluindo a poesia e sua prática cotidiana, os devaneios, a possibilidade de criação de novas poéticas e conceitos: é o lugar do jogo no texto, entendido como espaço de sedução. Sentida no corpo e transposta ao papel - o texto me contém. Ou, ainda, como afirma Barthes “um meio seguro permite distinguir a escrevência³ da escritura: a escrevência se presta ao resumo, a escritura não.” (BARTHES, 1979, p.68).

A escrita poética, a poesia ou a função poética da linguagem caminham no rastro das escrituras, dispensam descrições. As escrituras são “a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra” (BARTHES, 2010, p. 11). Fendem à

.....
3 Podendo aqui caber analogias com o conceito escrita em Barthes ou função fática da linguagem.

escrita, miscigenam-se em formas prazerosas permitindo que o encontro entre ambas seja uma possível decomposição da linguagem. Misturando os códigos as fronteiras se tornam mais fluidas.

É preciso então conservar toda a precisão desta imagem; isto quer dizer que se finge voluntariamente permanecer no interior dessa consciência, e que se vai dismantelá-la, abatê-la, desmoroná-la, por dentro, como se faria com um cubo de açúcar embebendo-o em água.

(BARTHES, 2003, p.70)

Seguindo, na imagem proposta por Barthes, em que dois materiais totalmente miscíveis entre si geram novo material, poderíamos deslocar para essa imagem os conceitos de escritura e escrita. O resultado de tal mistura seria outra possível escritura para a arte e a possível subversão do código a partir dele mesmo: poesia, frinchas, imaginação.

Michel Serres, em seu livro *Os Cinco Sentidos* (2005), desfila essa possibilidade de escrita, compõe seu pensamento a partir de um texto filosófico no limite do poético, que tem por intencionalidade transpassar tanto a escrita como a escritura, mesclando-as. Durante a leitura do livro sente-se a mescla, o copo de água com açúcar, entre as funções do texto.

Serres aborda em seu livro a sensação palativa e os conceitos de doce e de duro. Apesar de que água com açúcar seja uma mistura evidentemente doce ao paladar, mas nesse caso, nessa mistura possível de funções de um texto, antes ela seria uma bebida dura, em que a mistura se faz inalisável (p.75, 2001) e indissociável após a mistura.

O doce é acetinado, domesticado, macio e licoroso (SERRES, p.111, 2001) bem como a função da escrita. A linguagem utilizada costuma ser mais direta,

impessoal, informativa e “científica”, minimiza a possibilidade de invenção e imaginação do leitor(a) a partir da escrita. Como um exemplo, imaginamos uma manchete de jornal que possui como objetivo que esta mesma manchete chegue a lugares diferentes. Este texto, mesmo com frinchas menores do que na escritura será modificado por via da interpretação em cada leitura.

O doce vicia e anestesia. Ou seja, o doce traz os signos e, com eles, sua significação. Fazendo com que a sua significação não varie com as vivências de quem os lê. Caminhos mais tortos e incertos podem ser traçados ao passo que o dado (aqui compreendido como o objeto referido) se assemelhe ao duro aproximando-se das escrituras, isto é, o texto tem garras que tocam a pele, rasga certezas, deixa dúvidas, desfaz conceitos, gera reflexões e cicatriza-ações. As escrituras estão à mercê, incompletas, à margem: vida, poesia e performance. “A leitura dá vida ao escrito.” (PERRONE-MOISÉS, 2012, p.82)

A esta maneira, não seria a escritura o próprio duro e o princípio da decomposição do reino da linguagem? “Antes de mais nada te escrevo dura escritura. Quero pegar com a mão a palavra. A palavra é objeto?” (LISPECTOR, 1987, p. 7). O texto de Lispector é marcado por metalinguagens e intimidades. Além de ser fluido ao expor com profundidade os dramas e resoluções das personagens e não possuir aparentemente uma linearidade lógica, os entendimentos se dão a partir de um mergulho em suas verborragias⁴ expressivas. Ao deparar-me com esta frase de Clarice, imerjo em uma possibilidade poética que abarca (sem querer e o fazendo intensamente) os conceitos de Serres e Barthes. Todavia, outrar-se na escrita, aventurar-se na mescla e na busca de um texto possivelmente aberto em significados, inalisável por se encontrar no lugar da

.....

4 Verborragia aqui se assemelha a imagem de hemorragia. Quando algo vaza incessantemente e incontrolavelmente, fluxo de criação caótico-ótimo.

mistura, é também buscar a minha decomposição enquanto autora. A linguagem existe em todos nossos meios de comunicação e como decompô-la sendo ainda possível a transmissão sensível da(s) ideia(s) não fechadas em si?

Decompor-me e decompor a linguagem pela qual me expresso, convoca a escritura, o duro, para repensar o próprio reino da linguagem (SERRES, 2001) condicionado pela sensação de fácil digestão das propriedades do doce. Os códigos verbais, ao se desdobrarem sobre si, questionam a capacidade de bagunçamento [sic] e reestruturação da linguagem. Esses ampliam a forma e a poesia compondo uma maneira possível de se estar no mundo questionando-o e não somente aceitando o que é ofertado pela atual organização neoliberal, globalizada e tecnológica do mundo.

As palavras dançam dentro do corpo que as embala em escritura, não estão sozinhas dissociadas do corpo, são o próprio corpo: forma e conteúdo. São as secreções, estado líquido do gozo, local propício onde se proliferam personalidades, poéticas e afetações, que escorrem do corpo até a superfície mais próxima – quiçá papel.

A utilização da função poética como outra forma possível para o registro das performances convida o leitor (participante) a colocar-se ativo no registro a partir da experiência que tem. Essas escrituras fuleras⁵ e sem pacto com a verdade registram o que sai do corpo depois do mergulho na experiência. Assim, tanto a inverdade quanto as invenções permeiam o imaginário dos registros

5 “A fuleragem não é obra de arte nem acontecimento, é ocasião (oca grande), acaso e improviso. Ela é mixuruca e não efêmera, renuncia à obra, ao espaço in situ e mente. Escreve livros, expõe em galeria e até ganha editais. A fuleragem se dá por parasitagem física ou virtual, com participação iterativa do espectador que dança, canta, pula corda ou se excita na frente da enceradeira vermelha. Ela critica a escrita, a linguagem e mente te convidando à leitura (...)”(AQUINO, Fernando & Medeiros, Maria Beatriz, 2010, p. 28)

possíveis. As escrituras também brincam na mu-dança do tempo de duração da performance ampliando-a. A performance se estende ao corpo do texto fazendo com que a mesma não seja o final da ação, mas outra possibilidade de/em desdobramentos artísticos.

O entendimento de mundo é algo sempre em construção e nunca finalizado. Cada experiência vem e volta na carne, o corpo respira e se amplia por meio das sensações. “O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade.” (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 51) Essas que compõem o ‘eu’ que vos fala grifam a importância da indissociabilidade entre arte e vida, sendo assim simultaneamente enquanto produzo, penso ou poetizo ações, elas se inscrevem no mundo se inscrevem em mim. Ser mutável, sigo maleável aos encontros. O fazimento e ocupação da rua a partir do corpo como campo perceptivo e político por meio da performance é também a construção do sempre outro ser: construção e decomposição artística-social. Eu, todas essas, sigo na reflexão, feitura e observação dos atos em impermanência constante. Permito-me ao fluxo sendo corpo sem nome na rua, vira-lata sem lar ou mais um corpo que foge a polícia.

“Pensar a obra como um processo, implica pensar este processo não como meio para atingir um determinado fim – a obra acabada – mas como devir. Implica pensar que a obra não avança segundo um projeto estabelecido, ela avança segundo este a priori: está constantemente em processo com ela mesma.” (REY, 1996, p.87)

Através de alguns registros e percepções no processo das ações: Vínculo Zero⁶(2016-2013), Souvenir⁷ (2015), Coração da Terra⁸ (2013-2014), Retalhos⁹(2013-2014), Pelos Pelos¹⁰ (2013) e Pelada Pelada¹¹ (2010), realoco na matéria sutil a escritura e registro que as envolve e percebo possibilidades em uma metodologia escritural da/na/perante performance.

A seleção desses seis trabalhos autorais foi feita a partir de registros gerados em/pós performance que movem percepções sobre registro dando vazão e voz ao corpo-como-todo inquieto: conhecimento adquirido na prática e em movimento. Rejuntar pedaços de textos envolvidos em um mesmo fato é meio e metodologia para a feitura dessa dissertação, suas linhas agora justificadas e devidamente espaçadas vêm de cadernos caóticos. Ou você achava que minha letra era Times New Roman, 12? A poesia e a escritura têm também seu percurso no próprio desenho, o risco, a letra, na escolha da tinta, tudo se relaciona com o corpo e o vivido. As folhas datilografadas são isso e aquilo: imagem e texto. Justamente por serem “isso e aquilo” é que podem mutar-se transpondo outras possibilidades para uma mesma escritura.

.....

6 Ação realizada pela Coletiva Tete-a-Teta e por Corpos Informáticos – DF.

7 Ação realizada por Mariana Brites. No evento Coordenadas Vagabundas, organizado por Karina Dias, em Núcleo Bandeirante – DF.

8 Ação realizada por Mariana Brites. No evento En Vivo y Diferido, organizado por Tzitzí Barrantes, pelas ruas de Bogotá – Colômbia.

9 Ação realizada por Mariana Brites. No evento En Vivo y Diferido, organizado por Tzitzí Barrantes, pelas ruas de Bogotá – Colômbia.

10 Ação realizada pela coletiva Tete-a-Teta (Ana Paula Quintanilha, Alexandra Martins e Mariana Brites). No evento Performance Corpo e Política, organizado por Corpos Informáticos, em Brasília-DF.

11 Ação realizada pelo coletivo Obs:Cênicos em Brasília – DF.

Grupos

O grupo sou nós. Agrupa-se para criar novos desvios, para potencializar vontades queridas e subversivas; para que se tenha espaço de vivência indo contra o egoísmo individual. Em arte, o grupo e a autoria começam a dismantelar-se: *Corpos Informáticos*. Grupo enquanto aglomerado de individualidades e diferenças, que está para além da união de somente iguais. Desejando-se múltiplo e criando a partir/com diferenças: nasce abjeto grupo.

É preciso manter também a multiplicidade pertencente a esta palavra-conceito grupo. Esse subcapítulo trata dos grupos e coletivos que participei de 2010 a 2016, com ênfase no Grupo de Pesquisa *Corpos Informáticos*. Nenhuma verdade imposta, esse relato convida ao pensamento da questão, não desejando ser autoritária teoria sobre os mesmos. O funcionamento de outros grupos e coletivos, em arte, e suas diferenciadas metodologias são reconhecidos, mas não caberá por hora. O foco está em criações compartilhadas, estudos filosóficos e criação de conceitos.

OBS: cênicos prefere não se identificar individualmente, praticantes de terrorismos poéticos, sua força é coletiva e o grupo possui a autoria de suas ações dissolvida. É um coletivo de ninguéns. Suas ações questionam a política federal brasileira e seus símbolos de poder. A imagem a seguir mostra uma ação do grupo ao destruir o “Fuleco” (mascote da Copa do Mundo) na Esplanada dos Ministérios – Brasília. Segundo Hakim Bey (2007) os atos de terrorismo poético “não visam dinheiro e sim a mudança” e estão dissociados das vertentes comerciais das artes.



Desde 2010 componho o Grupo de Pesquisa *Corpos Informáticos* existente desde 1992. Aqui nos mantemos enquanto não-fixos de formações variadas: somos artistas plásticos, cênicos, circenses, filósofas, dançarinas, arquitetas, músicos, fotógrafos, editores de som e imagens. Somos bando, somos muito em um. No cruzamento de arte e vida em percurso o grupo cria performances, ações artísticas, e outros conceitos filosóficos. Em sua formação atual conta com: Bia Medeiros, João Stoppa, Gustavo Silvamaral, Mariana Brites, Maria Eugênia Matricardi, Mateus Carvalho, Matheus Opa, Natasha de Albuquerque, Tiago Martins, Rômulo Barros e Zé Mario.

Aqui, *Corpos* falando, a pesquisa filosófica e a artística se compõem se fundem em ações práticas. Filosofia prática gera novos conceitos, arte. A manutenção desse grupo se dá também por essa discussão conceitual e a criação dos conceitos é também prática poética e artística. Afinal, busca-se falar de arte fazendo arte, investigando e dissolvendo essa linha tênue entre teoria e prática, buscando o fluido da mistura em grupo e tecendo outras tramas teóricas para as vivências recém-experimentadas. O novo é invenção; em geral reorganizamos e criamos o outro. *Corpos Informáticos* elogia e se mantém coletivo, valorizando as diferenças e criações pessoais sendo um grupo de infecção e afecções: *Corpos* se faz na presença.

Em um dos conceitos mais pungentes do grupo sugere-se a própria decomposição do termo *performance*. Este termo já incorporado às artes, palavra de língua inglesa que começa a anestesiá-lo e distanciar os feitos artísticos da vida. Ao perceber uma ação inusitada no real a denominação da mesma, o saber, traz consigo possível designação. Por exemplo, ao ver uma pessoa se arrastando na rua localizá-la como teatro, arte ou *performance*, a distância da realidade e a redoma da arte se faz visível (MEDEIROS, 2005). *Corpos* sugere e incorporou

o termo fuleragem a fim de aproximar o termo à língua portuguesa e ao plano da realidade. A palavra fuleragem é tida como expressão linguística utilizada principalmente nas regiões norte e nordeste, e não possui definição exata.

Que fuleragem é essa?

Mesclado de performance com desejo de indefinição. Fuleragem gera outro cotidiano possível, lambe as margens da realidade apresentada dissolvendo-se na saliva. “Converge com a indisciplina da linguagem performática, no entanto, despreza a estratificação de um conceito sedentário e acadêmico, prefere à precariedade, a gambiarra, o nomadismo vagabundo que transita, trai e contamina.” (MATRICARDI, 2013, online¹²) É dura, não dada, elemento para reflexão e diversão. Na fuleragem abrigamos as ações políticas e lúdicas ocorridas em espaços públicos. Abrigamo-nos.



.....

12 Disponível em <<https://superficedosensivel.wordpress.com/?s=fuleragem&submit=Pesquisa>>. Acesso em 15 out 2016.

Mudar os conceitos e perceber como são captados pelo corpo e pelo fazer é experiência íntima, porém não-solitária. Sendo assim, politicamente, poeticamente e performaticamente, performance é passível de outras nomenclaturas. Maria Eugênia Matricardi, em sua dissertação de mestrado sugere a utilização do termo ação: Às vezes um nome está tão desgastado, a palavra tão encrustada de significados pré-concebidos que ativam uma série de dispositivos que determinam os lugares dos sentidos. (2016).

Performance, fuleragem e ação convergem na vida, na rua, latejam desejos. Corpos reativos que se posicionam e ampliam as fronteiras cercadas do mercado de arte. O que urge por hora é a própria vontade de lançar-se, de fazer e descobrir, por meio das sensações, o desconhecido em cada pessoa.

A fuleragem e a performance convidam o corpo-como-todo para a participação. Corpo-como-todo pode ser compreendido a partir da criação do conceito mar(ia-sem-ver)gonha do mesmo grupo. Em destaque lê-se (ia-sem-ver) que grifa a importância de todos os sentidos da percepção nos acontecimentos, além de não fixar-se na visão este sentido tão privilegiado ao longo da história da arte. Tesão, audição, intuição, tato, equilíbrio, entre outros compõem corpo. Cada corpo em si fecham-se os olhos e o corpo se expande.

- Esse conceito é desdobramento do conceito rizoma de Deleuze e Guattari, localizado em Mil Platôs 1, e da planta *Impatiens walleriana* de origem africana, que se disseminou pelo Brasil adaptando-se com facilidade ao clima. Mar(ia-sem-ver)gonha é planta que se alastra, por definição rizoma. Um emaranhado de relações interligadas e capazes de autonomia, ao 'fazer uma muda' ou retirar um núcleo desse emaranhado, o mesmo é capaz de construir outra rede de afetos. Alastra-se, colore becos, nasce por cantos improváveis. Alguns diriam

praga de jardim, mas é planta comestível por excelência que desdobra imagem em sabor, brinca com sentir - popular. Exterior e interior mar(ia-sem-ver)gonha se alastra em nós, e desemboca nos conceitos do Corpus Informáticos que atualizam-se por conceitos para teorizar e poetizar as vivências em performance, fuleragem.

O grupo, o corpo-coletivo, funciona como modo de resistência política. É tecnologia antiga e nunca ultrapassada. Onde cabem desejos também em potência individual. O corpo-coletivo também traz uma maior possibilidade e amplitude de ocupar a rua. Aparelho político voltado para outras maneiras de organização: sensível, simbólica, artística e político-ideológica. Nestas outras formas se esparramam sutilezas que transbordam brutalmente no grupo. Pessoas e ações crescem potencializando o coletivo. Esse corpo se torna gigante e visível, mas, ao mesmo tempo, pode desmembrar-se em caso de algum impedimento acontecer. Ser em grupo também é dissolver-se. Desaparecer, escafeder-se.

Grupo, multidão, bando, cambada, trupe, comunidade, manada, seita, facção. Corpo variável, disforme, abjeto. Corpo d'arte como crime. Ocupar e resistir, a rua, o museu, o prédio da cena cultural. Ocupar nossos corpos de ideias impensadas. Desviar o tédio e as possibilidades apresentadas: reinventar, criar, questionar. Com o corpo parar o corpo, com o corpo da arte: dança, música e o cinema. Recontar no corpo a história da rua. Recontar na rua a história do corpo. Agir com grupos empodera o conhecimento e construção pessoal e poética. O grupo multiplica as forças e a atenção. Cuidar de si e da outra: compartilhar. Tecer com.

O outro faz com que minha carne se alie a ela própria: além do animal que também habita em mim, em meu corpo entra todos os outros e, sobretudo, o outro, misturado, mestiçado,

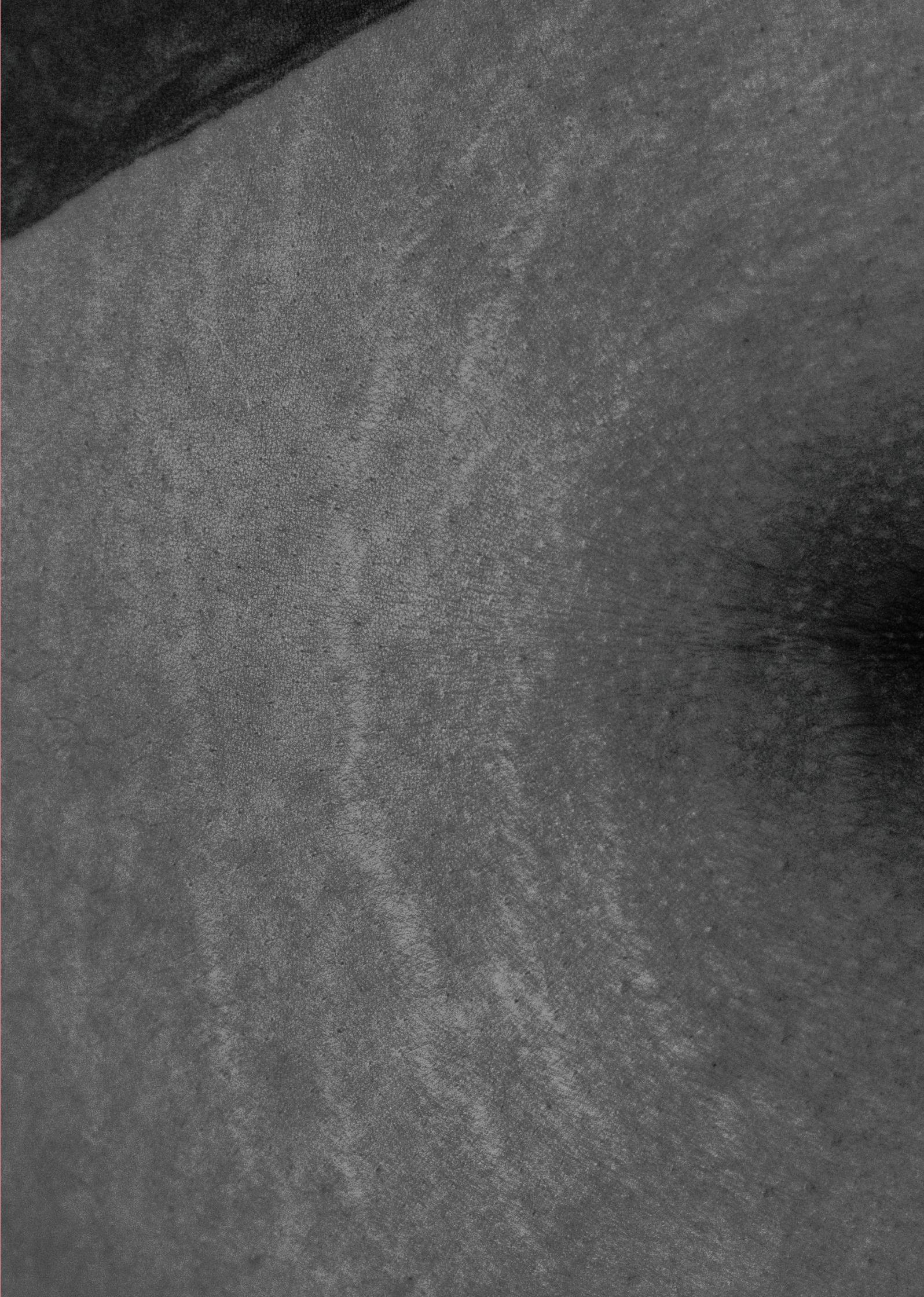
perpassado, perdido em meio a essa grande multidão que me anula, desapareço como uma pequena nuvem de vapor. (SERRES, p. 56, 2004)

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE & GUATTARI, p. 11, 2009)

A maioria das ações poetizadas e escancaradas desse texto é feitas em grupo ou possui o grupo como rede de apoio bem próxima. O grupo convoca o particular, move-se membranas espaciais diferenciadas. São 'eus' a procura e 'nós' e nós na trama performática, ratos da vida cotidiana, estranhezas que geram frinchas onde escorrem sensações.

A performance independe do registro, que pode existir ou não. Cada corpo já conserva e rebela em si um registro do acontecido. Escrever como método para registro surge sem que perceba, os registros que se seguem estão reorganizados do mais recente para o mais antigo. Possuem outras vozes além da minha, voz de fazedores de experienciadores. Ou, por vezes, a escritura apresentada basta – não porque detém algum tipo de verdade ou experiência única, mas por que contempla o grupo. Não é a minha escritura, é estória das sensações. O tempo distancia a sensação da pele, a memória em constante mutação reorganiza, o corpo absolve e a escritura, por aqui, se distancia. O texto se apresenta enquanto extensão do corpo e suas marcas por mim riscadas são cicatrizes em pele-outra que tenho. Revisto a pele. Papel que somos. Livro em carne viva, couro de papel possuímos. Instantes.

la-sem-ver escrevendo as vivências sentidas, hoje nos ajuntados fuleiros de papel percebo outro tipo de história guardada. (Já a mar()gonha, pedaço que permanece após a retirada de ia-sem-ver, não é resto ou sobra, mar()gonha traz em si a possibilidade de multiplicar-se. É planta de poder proibida: lazer e cura.) Palavras no papel carregam em si um tempo passado, percepção já incorporada.. Materialmente consumida, é também papel a mercê do tempo e suas intempéries. É pele que dura e morre, decompõe e gera outro.









POÉTICAS DO DEPOIS: REGISTROS E(M) TEXTOS

Se, para falarmos de uma obra de arte, é preciso fazer outra obra, somos a favor que o texto-objeto-arte seja sempre pouco-muito arte.

Fernando Aquino e Maria Beatriz Medeiros

O texto e suas variações, enquanto matérias vivas, adentram na esfera íntima das criações e assim, aos poucos, pelas beiradas e continuamente se misturam as feitura, feitiços e experiências performáticas. “E não te sou e me sou confortável; minha palavra estala no espaço do dia.” (LISPECTOR, 1988, p. 12) Escrever e ser escrita, inscrita escritura que dura no corpo: faz marca, a passagem é uma marca que deseja misturar-se na cidade, em caos e sutilezas, admirando suas feridas abertas e cicatrizes.

Desde antes, infância, os diários secretos já eram escrituras, gozos. Agora escritor meu próprio corpo por textos que vagam o desejo de ocupar o mundo, reocupá-lo. A realidade e o cotidiano do aqui-agora também se escrevem em nós. Os corpos e a cidade se mesclam nos registros escritos das experiências performáticas. O memorial poético esse capítulo apresenta, a partir de textos, reflexões que fazem morada em meu corpo.

A partir de Vínculo Zero questões pertinentes à refeitura de ações são abordadas; em Souvenir há a opção das escrituras como único registro; Coração da Terra traz consigo a impossibilidade do registro a partir do espaço escolhido para execução da performance; em Retalhos e Pelos Pelos a discussão caminha para os rastros da performance e sua mutabilidade virtual enquanto Pelada Pelada convida para a conversa o conceito terrorismo poético, cunhado por Hakim Bey.

Experiência em prática essas escrituras imaginam-se registros, e, como o corpo, possuem a construção e a desconstrução: sendo dobras da mesma ação. Não se detendo somente na explicação dos fatos, convida a pessoa que lê ao exercício da imaginação. Percepciona o vivido engendrando outro.







↓↑ Vínculo Zero (2013-15)

Vínculo Zero é beijo, sendo sopro entre duas ou mais singularidades em espaço urbano ou institucional, criando impossibilidades (DELEUZE, 1980). Isto é, acoplamento buco-lingual desviando o beijo do romance, realocando as singularidades em compartilhadas, com partidas, não reduzindo o(s) outro(s) a nenhuma escravidão. Não há partilha. Nesta, as partes restam partes: compartilhar. Na partida cada um pode permanecer outro, o outro, os outros, partindo. Poesia: “pois ias, pois íamos ou pós vamos?” (HAMBURGER, In LEMOS, 2013, p. 438)

Vínculo Zero possui um programa de ação. Nessa ação o programa¹ é, aparentemente, simples: caminhar em direção à outra pessoa, numa possibilidade convergente de beijo e quando as bocas se encostam ambas sopram dentro da boca alheia, tudo isto em Composição Urbana (C.U.)² O sopro, freado pelo sopro alheio, gera saliva que não deságua na boca outra, escorre, baba. Não há só beijo, há o íntimo e risível contato entre bocas que sopram e babam. Isto foi feito para rir?

Tudo que não está no programa funciona como brecha e pode compor a ação e a experiência. Mesmo com o programa incorporado, a ação em si se torna irre-
.....

1 Programa de performance é a sequência mínima que se tem antes de desenvolver a ação e ter seu processo afetado pela mesma.

2 Composição Urbana (c.u.): é outro conceito desenvolvido por Corpos Informáticos. E segundo citação: “Outros dizem “interferência urbana”. Interferir fere como faca amolada. O governo interfere na economia, alguém interfere no pensar do outro, ruídos interferem na transmissão das emissoras de rádios, raios cósmicos podem interferir no funcionamento de equipamentos eletrônicos. A arte pode ser intervenção ou interferência urbana. Corpos Informáticos quer, e prefere o termo, “composição urbana”. A composição urbana não interfere nem intervém, compõe e decompõe com o corpo próprio, com o corpo do outro, com o espaço “público”, com a internet.” (MEDEIROS, ALBUQUERQUE, online, 2014)

petível. Nesse ponto destacamos que a irrepetibilidade da ação está nas relações sociais, locais e temporais que são criadas durante cada feita. Trata-se de um mesmo programa em variante constante com tempo, espaço e pessoas que será múltiplo e aberto. São apresentações, performances que se dão no improvisado em seu programa dinâmico.

Vínculo Zero, realizada por Corpos Informáticos, é/foi acompanhado por um experimento sonoro. Os sons são de peito: sopro contra corpo contra sopro contra corpo. As gargalhadas são/foram necessárias, evidentes, chaqualhantes (chá, C.U. alho-ante. Risos). O som rompe o silêncio amoroso do beijo, desloca gestos ressignificando-os. Há, ainda, trânsito desde a disputa de ar até o compartilhamento do mesmo.

Percurso ou “beijem-nos, antes que o substrato de nossas ações se torne figura de retórica!”³

Em sua primeira vez, a ação foi executada pela coletiva Tete-a-Teta (Alexandra Martins e eu), entre o CONIC e a Rodoviária Central de Brasília, em 2013, isto é, foi feita em espaço público sem divulgação e gerando posteriormente um documentário/videoarte.⁴ Aqui o “beijo” é doce, o sopro é lento. Ao fundo ouvem-se comentários e no vídeo é possível notar a movimentação da rua em relação ao casal, alguns se aproximam, fotografam, fazem cara feia. Desaprovam, mas não conseguem desgarrar-se da dupla. Os comentários in loco tangenciam a possibilidade poética-política de ocupação das ruas com esse quase-beijo lésbico, pulsão e repulsão. A ação ao mesmo tempo em que aproxima os corpos, traz com o mesmo gesto um afastamento sutil dos corpos em decorrência da

.....

Frase de Bia Medeiros original de sua Tese de Doutorado. Disponível em <<https://goo.gl/v6qg0i>>.

Acessado em 15 fev. 2017.

disputa imaterial de ar. Comentários e olhares, sobretudo lesbofóbicos, nos fazem mergulhar cada vez mais nesse quase-beijo. Ao final da ação o corpo está modificado, a cabeça impossível, sem lógica, sem singularidade e as noções de equilíbrio estão bagunçadas. A ação dura cerca de 15 minutos, ao fim cada uma das performadoras segue em sentido oposto pela cidade.

No ano seguinte, Maria Eugênia Matricardi e Mariana Brites refazem a ação, na galeria Espaço Piloto, Brasília, dentro de um evento organizado pelo Corpos Informáticos: Birutas (e) vento⁴. Muitas singularidades surgem ao refazer de novo⁵. Ao refazer, mesmo que mantido o programa, se abre ao irrepetível e às possibilidades que outros corpos apresentam. O “de novo” não é o mesmo, nem a tentativa de repetir ou re-encenar o já vivido. De novo, novamente pode ser entendido aqui como outra ação. Outro desdobramento: múltiplo comum do programa. Matricardi tem uma índole corporal vigorosa, que leva a ação ao quase embate. Repetição: o ar é disputado e ao mesmo tempo compartilhado para a necessidade real do funcionamento fisiológico dos corpos. As risadas que aqui aparecem desfilam por entre sensações: cumplicidade, desespero. Desestabilizam o embate: risos. Os corpos se colocam em contra e em encontro com o outro: há força em direção aos corpos, o sopro é mais intenso, vaza, vira ruído. Ocupa o todo imaterial ar que nos envolve e mantém. Há muito riso e gargalhadas. A intensidade ao retomar ar é movimento.

A performance, sugerida pela coletiva Tete-a-Teta inicialmente, aparenta caminhar para algo sensual e, aqui, em uma galeria de arte, se torna uma coisa inusitada para as primeiras. O mais inusitado, e inesperado foi o ataque de riso

.....

4 O registo fotográfico da performance está disponível em < <https://goo.gl/GxW3Hi> >.

Acesso em 04 jan, 2017

5 CORPOS INFORMÁTICOS: BIRUTAS (E) VENTO, In 24º Encontro Nacional da ANPAP, 24, 2015, Santa Maria (RS). Anais, ANPAP, UFSM, 2015, p. 1461-1475. Disponível em <<https://goo.gl/cqJm4v>>

gerado a cada parada para tomar fôlego e ar novamente. O riso e a gargalhada reverberam na galeria, habitam entre o engraçado e o tomar fôlego para a convergência. O som compõe junto com a ação: novo desdobramento do mesmo programa. Recriação, recreação.

O que mais nos atraía no 'beijo', agora, em Macapá, era a possibilidade de, com ele, fazer música, peidos sonoros e muito riso. Isto é, aqui a potência foi levada para a possibilidade de geração de som de peito e seu decorrente riso, gargalhada. Um batom preto foi adicionado à performance. Durante a ação o desenho do batom foi se desformando, criando outra nuance para as bocas. Houve participação externa. Nosso pouco conhecimento gera desconforto e multiplica a potência do riso, chaqualhando (sic) a praça. Sim, o riso, a cara borrada, o ridículo, o silêncio dos transeuntes boquiabertos como se pedissem Vínculo Zero: quem tem medo de beijo na boca?

Quando se refaz a convergência da impossibilidade, não é/foi 'de novo', nem 'novo', é/foi 'outro'. Trabalhamos com o que não se repete: performance. Onde o tempo, as células do corpo em decomposição constante, a proximidade (ou distância) das pessoas, as ações e reações extrapolam o previsto. Cada corpo corta a certeza e diverge.

Esta segunda ação, com duração de 25 minutos, foi realizada dentro do espaço de uma galeria. Há diferença em relação à rua. Aqui não se ouvem comentários lesbofóbicos, há integração. Aqui estamos autorizadas a ser 'arte'. O conforto dá-se, a ação se prolonga até o limite dos corpos e pulmões. A bolha, a galeria branca, embora séria, ria sem perceber, compunha e nos potencializava.

Em 2015, em Macapá (AP), Vínculo Zero se desdobra mais uma vez durante o evento Corpus Urbis. Aqui o programa foi realizado na praça. Há presença de olhares treinados e não treinados: público do evento e público passante. Porém, de certa forma, involuntariamente, o público do evento faz segurança à ação. Reinventa-se a ação em parceria com Bia Medeiros e Natasha de Albuquerque.

Boca torta, babada, risível, instrumental. Bocas que não se convencem do contorno dos lábios. Batons borrados, corpo-boca gritam com-tato no meio da praça. Curiosos se aproximam e sem saber o que fazer se vão. Todo riso, cada beijo, cada marca preta em você é toda convite. Não vá para tão longe! Seu olhar é combustível, sua presença incendeia! Posso contornar sua boca em preto desde que o prazer em borrá-la seja todo nosso, fuleragem compartilhada. Então, vem cá, peidei na sua boca, vice-versa e viu-se o verso.

Outra realização em performance cria possibilidades para a ação. Como em um sistema de dobras, as possibilidades vão sendo reveladas a partir do movimento dos corpos. Há sempre outro modo de olhar para aquilo que se faz, há sempre outro modo de fazer aquilo que se programa. Há sempre outros corpos que comporão diferentemente, recriarão. Há inclusive o modo de não ver e, apenas, permitir sentir: sentir-fazer-sendo. Criar no corpo esse outro espaço possível para a criação: que privilegie o prazer e as sensações. As ações performáticas não estão paradas nem mesmo seus registros fotográficos, audiovisuais ou textuais são capazes de estagná-las. As performances buscam ruídos na linguagem codificada, suas potencialidades em registro (vídeo, foto, texto, história) buscam outras formas de organizar os códigos, desejanter de caminhos impossíveis. Esses registros facilitam para que a ação (e seus vestígios) não cessem as possibilidades poéticas do presente texto.

Corpos Informáticos repete o irrepetível, faz isto para beijar, faz “isto para rir”, para provocar os onze sentidos em sensações. Gerar o impossível pode ser um desvio de concentração em pleno vôo de avião e tornar-se texto com cheiro de batom preto e baba. *Vínculo Zero* não cobra pelo beijo. Aqui a pele não é dupla, é permeável, a mais profunda, aquela que funda. *Vínculo Zero* não ri durante uma hora: faz fuleragem e desafia a política de Estado.

Aqui não há nada a entender, nada a ser lido pela linguagem, pelo signo. A mente tende a significar. O imprevisível dá um tapa no cotidiano. Duas, ou três ou mais, mulheres se aproximam uma da outra como se fossem beijar-se na boca, doce. O corpo se enche de ar. Um corpo se encontra com outro. Não há só beijo, mas sopra. O corpo sopra, se apoia no outro ou o precipita, sopra, solta e ri. O batom máscara, cosmetiza, lambuza tudo – avesso da beleza. O corpo se enche de ar e sopra, o outro idem. Outro corpo, mais ar, os músculos tesos, a boca sopra, a bochecha incha, o ar vaga e baratina. O som é hilário, o riso incontido explode a praça, os passantes boquiabertos. Os corpos vagabundos riem. Testam e retestam o ancestral cataglotismo do prazer. Na roda entra mais um corpo e “vamos de quatro?” O corpo em performance recebe a proposta e recebe com o corpo todo, inteiro. Sem pre-ver, sem linguagem, os quatro se colocam de quatro, o ar nos pulmões, a tentativa de aproximação e o riso. Nova tentativa, tenta, ativa, o vínculo, que em nada se aproxima de zero, pode ser zero: zero de linguagem duro, incompreensão. Essa empurra os transeuntes em sensações: são quatro mil bactérias trocadas por beijo na boca. Aqui são um milhão e seiscentos mil bactérias em dança. Dança sem par, mas não-solitária ou poesia. E há (com)partida, porém permanece-se outro, o outro, os outros, partindo. Dança-se com toda a praça que desavisada também é parte/todo.

Vínculo Zero, em suas apresentações, nos deixa à margem, lugar de proliferação das bactérias, secreções e contaminações de performances, convergência e impossibilidade. À margem do museu, no centro da cidade fazendo C.U., no encontro e em nós mesmas. Enquanto o som e as risadas tocam sem tato, riem em caras distantes.



Souvenir (2015)

As escrituras em registro, nesse percurso que trilho-sou, acompanham outros tipos de registro como imagem e som. Entretanto, durante a feitura de Souvenir, fuleragem de aniversário, convido os participantes para uma experiência sem registro fotográfico. Primeira experiência minha também ao possibilitar registro total nas entrelinhas da escritura. Abro mão da geração da imagem pelo instante vivo. Ao invés de câmeras o registro se dá por um caderno compartilhado com aqueles que compuseram a mesma performance. Somando-se ao texto existe cada corpo com seu registro particular, sensação em ser. O texto-cola-gem, escritura desejada, que se segue reconta e inventa o acontecido. O texto conserva em si a subversão de não explicar-se. Em contínuo, eu também não o explicarei mais do que cada experiência de leitura permita (des)entender:

O encontro a portas abertas Souvenir aconteceu em minha casa, domingo 05 de julho de 2015. No quarto de sempre havia uma arara com várias cascas. As pessoas entram na casa, no quarto, em mim, sentam-se na cama abismo e desfrutam do horizonte – roupas. Mas não só, em cada canto há um detalhe-segredo. Por cima da cama um caderno, registro de uma viagem sempre mudada de destino e nunca feita, e algumas canetas para que compor fosse uma possibilidade de prazer.

O caderno é fragmento da viagem, parêntesis da experiência. Recontar o acontecido é também reinventá-lo. Os escritos do

caderno não foram revisitados. Essas frases, por vezes soltas, apontam um fluxo contínuo. Como uma viagem de só de ida, em que mesmo voltar pode ser nova ida – já que tudo muda – nem o caminho é o mesmo, nem eu e tampouco o que se encontra.

A ação teve duração de doze horas. Esse ensaio de eterno rascunho é composto do resto que ficou naquele caderno sob a cama.

Vou antecipar a viagem já que o abismo é meu vizinho. Frente a frente compartilhamos horizontes. Nos vemos e sabemos um do outro. (Sabemos nada!)

No plano da viagem vou ao abismo. Aquela outra vista de tão longe mesmo mundo de mim.

Outro lugar da mesma casa.

(Onde estou? Morada em mim)

Eu não vai à viagem por que mim precisa ir só. As preocupações de 'eu' revelam a mim que estou mais calma que antes. Mim discorda. Esse caminho, que em algum momento já estive, é em minha memória desgastado. A lembrança é o fragmento da memória.

(Lembrança vagante revive memória sentida, mas o que chega até aqui estória)

Todo dia parece uma data viável.

Por essas palavras grita o silêncio que a paisagem do meu quarto engole. Para chegar ao ponto do desejo, no horizonte imaginado, preciso sair daqui de onde agora calor e conforto me habitam e ir. Desde dentro aqui quando comecei esse trajeto que vivencio diariamente a metamorfose por mágica converte a cama em abismo particular.

É daqui que visualizo a menor montanha do mundo. Ela se localiza na rua que fica em frente de onde sempre vou. Parei no caminho, ela me desvia e aceito: não tenho relógio para ter pressa.

Ela fica em cima de um bloco de concreto quebrado pela raiz de uma árvore grande. De tamanha pequenez, quis logo subir esquecendo toda pressa, que mesmo sem relógio, habita em mim. Sendo assim no primeiro passo, na primeira tentativa, já tinha passado a montanha e chegado ao outro lado.

O relógio batia em minha veia rala. Foi preciso reparar, diminuir o passo, a pressa, o impacto. Experimentar outro tempo, eu fluante.

Quando a ponta do meu pé toca o topo, se esfarela a pouquíssima terra vermelha que há. O mais alto da menor montanha do mundo é o chão. De lá as casas são tão altas que quase estrelas e as estrelas tão altas que só se pode ver de olhos fechados. A formiga é o novo dinossauro.

(a pequenice começou a comer minhas sensações)

Em cima da onde consegui chegar tudo era abismo e mal podia mexer meus pés. O vento ventava a queda: propício fim e o início da diversão. Sem pensar e sem impacto, me lancei. No micro das frações do tempo em queda me deliciava com o prazer do movimento. Se o tempo era pequeno, não sei de que tamanho sou.

Escalar. Mirar. Pular de um abismo ao outro.

Enfrentar. Abismar. Saltar.

(Passeando passaram dias em que escrever não se encaixou no roteiro. Até que na lua cheia o céu ficou transparente com

todos os planetas escancarados, meu olhar passou a grade ignorando-a. Saiu andando com minhas pernas e de repente o trilho do trem estava iluminado. Reconheci que era esse o caminho de minha velha lembrança, o revivi como pude. Preferindo as beiradas. O frio congelante fazia eu sentir mais quente ainda o calor que gero: criação fulminante, mostra fogueira no epicentro de querer esvaziar-se de mim. Todo fogo precisa de ar.)

O vivido é/foi fonte inesgotável para a criação desse texto, que se retorce à cada leitura. Experiência-desejo 1: perguntar aos leitores o que aconteceu no dia 5/7/2015! A polissemia, característica barthesiana inerente às escrituras, elogia a multiplicidade da performance. Todo imaginado é possível: cria da literatura, rastros performáticos escorrendo em texto. Nenhum registro é capaz de deter-se na totalidade da performance, pois como já visto durante as páginas antecessoras: o instante é insubstituível. O texto escancara essa impossibilidade de localizar-se no exato. Flutua no código e nos corpos sendo outra criação, mais fuleragem, outro pedaço do mesmo fruto já mordido.

Coração da Terra (2014)

Coração da Terra foi uma performance de longa duração, fuleragem visual e palativa: por quatro dias estive pelas ruas de Bogotá vestida com a mesma roupa branca, comendo beterrabas (lá chamadas de remolachas) cruas e sem ajuda de utensílios como faca, guardanapo, prato, garfo ou colher. As roupas guardavam e carregavam em si marcas do resto, da baba, do contato com as outras pessoas e a cidade, tornando-as pintura expandida. Dia após dia o corpo se tornava mais estranho e imundo, o que gerava um afastamento de algumas pessoas e a preocupação de outras.

O fim do ciclo desses dias em percurso foi em Santa Fe, bairro de Bogotá. Ao terminar a ação cravo no muro poesia suada e vivida: roupas brancas ensanguentadas de beterraba sobre pixo, faixa de uma casa de prostituição. Nessa parte do processo de Coração da Terra houve impedimento pela própria comunidade de gerar registro, afinal estamos em lugar em que o anonimato é importante. A comunidade é controlada pela milícia, traficantes e prostitutas (nossas anfitriãs nesse espaço) que após conversa, não nos impediram de prosseguir ação desde que não gerássemos nenhum material audiovisual. Em par com a performance, o processo do registro gerado in loco está disposto à desvios, em escuta e diálogo com as pessoas desligamos os equipamentos de registro. Sem câmeras, as pessoas se aproximam de nós, da ação, fuleiram-se na mistura. Estamos anônimos, seguimos em troca tête-à-tête. Shakira, moradora e conhecedora da rua, nos relata o que sentiu com a ação em um encontro que registramos corporalmente. Shakira fala sobre a violência do local, ao narrar o que sentiu nos apresenta com o corpo-inteiro o lugar que estamos inseridos e conhecemos pouco. A feitura da ação criou laços: temos a permissão. Ser movimento, executar a ação, se misturar nos limites: o primeiro registro é corporal e afetivo, todos os outros desdobram-se desses. Escrever registros e revisá-los é também percebê-los em um lugar onde nem a poesia é capaz de registrar todas as nuances ocorridas. Esse lugar de fragilidade do registro potencializa nosso corpo e memória perante experiências.

Crio e recrio durante quatro dias o texto em um caderno pequeno e roto de viagem. Ao retornar para o Brasil, senti necessidade de um suporte que fosse favorável a erros e rasuras como meu corpo e minha escritura estiveram durante a experiência. A máquina de escrever surge como uma possibilidade e ali encontro outra estrutura para conservar em texto: ela faz ritmo, ela não apaga, evidencia os erros. Assumo o registro antigo. A feitura desta escritura

acontece dois meses após a performance, transcrevo como posso os erros de uma letra que se entende pouco, mas denuncia o balanço o transporte público e os pensamentos incompletos. Nessa noite que sento para transcrição, revivo o texto em memórias, instante longínquo. As costuras e a organização visual em que o texto estava se modelando refletem também novos processos e reverberações pessoais. Assim, para o registro da ação, essa outra forma de escrita que se busca, escritura: “lugar onde se expõem as “ideias do corpo”, onde explode o gozo, para além da situação histórica, econômica e política do autor.” (PERRONE-MOISÉS, p. 82, 2012). Nesse texto tanto Barthes quanto Barros desejam o necessário o espaço para o jogo – bem como na performance – os textos destilam sensações: escritura e poesia.

A escritura é mutante. Ao reler esse texto, poderia propor novas formatações e alguns sumiços para as palavras aí congeladas no papel, já que a escritura se permite mudanças. Entretanto, ao reler, prefiro a continuidade do papel que conserva em sua própria materialidade o início da decomposição. Uma vez que esse texto não deseja para si a eternidade que alguns livros parecem ter. A partir da leitura, que é em si mesma mais uma forma de encontro, é possível em um registro não descritivo que formas variadas de interpretação sejam feitas e a partir da imaginação literária que surjam diferentes imagens através de um mesmo texto.

A busca pelo registro poético (ausente de vídeos ou fotografias) oriunda-se em um corpo afetado pelas sensações da performance. O corpo escreve depois de experienciá-lo. Nesse sentido, o texto e a pulsão da escrita reconhecem o corpo como espaço primeiro da experiência, a pele como meio onde as coisas do mundo se misturam (SERRES, 2001, p.76). O texto propõe outras imagens, inexatas. Esse texto não é verossímil e seu desejo de amplitude coincide com a capacidade da pele de se afetar e de trocar com o mundo.

Coração da Terra // corazón de la Tierra
6º Encuentro en Vivo y Diferido // Bogotá - Col

me coloco a comer pigmentos
roupa branca dura pouco
comida viva colore
a roupa é registro do percurso
e essa pintura é ida e vinda
bem como prega com facilidade
logo se vai: com água, atrito, com o pouco
tempo

sai na ~~suã~~ outra roupa, noutra pele
tocou, pintou

o sabor doce
a cor vibrante
a metáfora do sangue

(que não vemos
pq antes de sen
ti
r

cozinhámos td
)

cozinha__se a vida procurando maciez já que
triturar e digerir as durezas impostas não
é para todos. X

alimento reflexo

Caminhar com a roupa pigmentada, com o vestígio,
continua sendo a ação e assim :

*olhares tortos pela sujeira

*olhares preocupados pelo sangue

~~xxxxxx~~
sangue não meu - da beterrab^a
de la Tierr a

- . Nesse corpo "machucado" dói o que?
- . e o que é essa limpeza/polidez que se espera nos outros??
- . e suas roupas te representam em quê?

A CHUVA SE FAZ COMPANHEIRA PERENE AQUI NESSES TEMPO^S

QUANDO CAI DENTRO DA PINTURA? SE DISSOLVE? MUDA^{RISCO}
DE COR; AQUARELA : SER AQUOSO ^{RISCO}
^{RISCO} *todo caminho faz rio* ^{RISCO}

Para quem não sabe da procedência desse sangue o ^{RISCO}
é grande!...^{RISCO}

maaaaaaaaass...

que diz sem falar esse corpo sujo de sangue em uma cidade com tanta presença militar e ao mesmo tempo tantos movimentos de resistência?

quem é esse outro eu ensanguentado pelas ruas?

eu, gorda, mulher, sapatão, não branca, estudante
??

A ação é viva e se ~~muta~~ muda nela mesma
o espaço e as pessoas compõem seu desvio
(s) (s)

caminhando cotidianamente para minhas atividades
vários olhares de preocupação e desentendimentos são
lançados, afinal como pode ser tanto sangue e estar
tão bem? chegando ao máximo de estar caminhando só
por uma avenida de bogotá ~~xxxx~~ no horário de pico
e um senhor encostar a moto da via oferecendo caron^a
até um hospital

x_estou tranquila, respondo
e ele não vai embora sigo meu caminho e ele
vai min^{ut}os depois

essa preocupação toda muda quando as pessoas se depara^m
com a comida na rua (beterraba ou qlq alimento não
convencionalmente comido com a mão) o que surge x

aqui é desapovac^{ão}
a a g a o
dx

O INTERESSE É SENSACÃO
interesse e ação

***** las miradas *****

ontem ao chegar em casa uma coisa me invadiu, uma dessas que vai crescendo sem rumo durante o dia inteiro ... saiu limpida a água dos olhos e suas vezes gemidos do corpo : olhares de pena y preocupação

*****dific eis de serem digeridos*****

O TODO NÃO É REGISTRÁVEL
VALOR NÃO É CUSTO
e todo não é registrável
valor não é custo
se registrado no coração
em afeto compartilhado
VAI E VOLTA

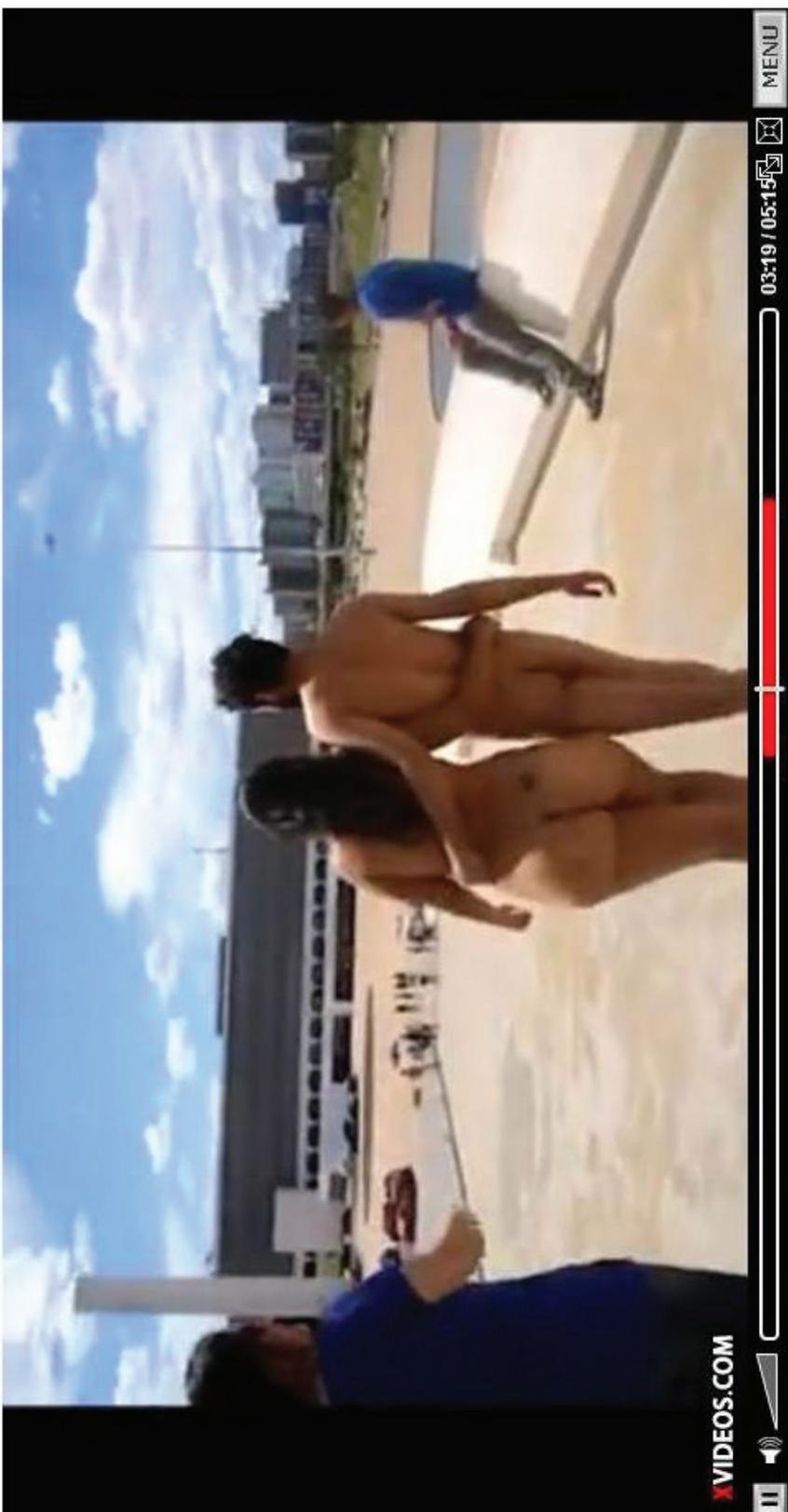
A FOTO FACILITA MAS O QUE VC NÃO SABE DELA
É TRABALHO DA SUA IMAGINAÇÃO
a foto facilita, mas o que vc não sabe dela
é trabalho da sua imaginação
(diversão)





Mexican Exhibitionists - 5 min

Uploader: [Mybigblackcock1987](#) **Subscriber** 56 Tagged: ass, huge, nudity, public, outdoors, mexican, exhibitionist, exhibitionists, mais tags.



826,776 visualizações 445 Total **99.01%**

Comentários 33

Baixar

Adicionar aos favoritos

Compartilhar

Embed



Em 2014, a coletiva Tete-a-Teta invade o Museu Nacional da República, Brasília, e, dentro da galeria sem aviso prévio, é realizado um ataque terrorista à instituição Museu. A ação é rápida, no tempo de um abraço, cerca de meia hora. Nunca chegamos a editar o material em vídeo que geramos, mesmo assim decidimos disponibilizá-lo em nossa página pessoal⁶.

Mais de um ano depois, acordo com uma mensagem de João Paulo Avelar (performador dessa mesma ação) com um link muito estranho cheio de letras, números, *underlines* e interrogações⁷. Fico receosa em abrí-lo. Ligo para ele que me assegura a segurança de tal link. Abro-o, como quem acaba de acordar, sem esperar nada. Para a minha surpresa lá estamos nós, na nossa ação, tal qual no vídeo subido no Vimeo, só que misturados a milhões de vídeos pornô. Até assisto outros vídeos do site, a fim de ver se encontro algum tipo de pornô diferenciado (pós-pornô⁸) ou alguma outra possível ligação para aquele vídeo estar ali. Os vídeos asquerosos, pornografia padrão, me fizeram desenganar da pesquisa e do site. Mas nossa imagem permanece lá, inscrita em outra plataforma alheia a nós, para tamanha descontextualização da ação criaram até um novo nome para o vídeo “*Mexican Exhibitionists*”⁹. Bastou isso para que nos tornássemos mexicanos!? Ouve-se falar de uma máxima da internet que

.....
6 Disponível em <https://vimeo.com/94471095>. Acessado em 18/12/2016

7 Disponível em http://www.xvideos.com/video12915385/mex/ican_exhibitionists. Acessado em 14 jan 2016.

8 “Pós-pornô é um dos nomes que identifica o movimento sexual/social que tenta criar alternativas para o padrão de pornografia vigente. Mas isso não é um consenso, tem muitos outros modos de reconhecê-lo, e pode também ser pensado como um movimento ontológico de manifestação da sexualidade.” (BORGES, Fabiane, Revista NaBorda, n. 1, 2011) Disponível em <http://naborda.com.br/2011/texto/posporno/>. Acessado em 13 fev 2016.

9 Exibicionistas Mexicanos (tradução minha)

diz ‘não leia os comentários relacionados’, devido a quantidade de ofensas, escárnios e grande concentração de reacionários de plantão se manifestando: esculhambando corpos e histórias alheias. Dois anos se passam desde a experiência virtual pós-performance de Pelos Pelos, as experiências não se repetem sempre serão outras, agora (2015) me vejo outra vez frente a essa situação virtual que Retalhos engendra.

No site *XVideos* somente uma parte da ação se encontra registrada: a saída do museu para a rua, o desejo e a pulsão de questioná-la. O recorte da performance gera em si uma nova performance. Nova inscrição que, descontextualizada, gerará frutos descontextualizados. O vídeo, hoje, nessa plataforma possui 826.776 visualizações em relação a 1.116 visualizações da minha plataforma online. Esses dados levam a alguns questionamentos: além desse site, descoberto por acaso, aonde mais nossas imagens são passíveis de estarem e de serem modificadas? Na internet tudo se copia. A hipersexualização dos corpos, que está nítida nos comentários de ambas as plataformas, resvala em como os regimes políticos normativos reificam a produção do desajuste desses corpos e como as pessoas se afastam exponencialmente dos mesmos. Até chegar ao grau de objetificação em que nada mais importa além de:

Hipersexualização dos corpos: enquanto o desejo que tangencia a ação é apoiar-se na nudez para questionar padrões, expor corpos esquecidos, dissidentes: a bicha e a gorda, existir é resistir;

Bizarrice: a potência que ronda nossos corpos abjetos é motivo de escárnio e comentários desgostosos, fala-se da flacidez do corpo como algo errado, ignorando as belezas distantes do padrão-magro-caucasiano. De fato, nossos corpos não vendem, não ilustram capas de revista. Fazemos parte,

corporalmente e poeticamente, da contracorrente: antigordofobia, antirracismo, anti-LGBTfobia. Os comentários reforçam a qualidade de repulsa que também pode ser sentida presencialmente, em vida cotidiana, quando se é um corpo abjeto, das beiradas.

Bom, respiro profundamente, viro mais um copo de café e ligo para o João chamando-o para essa conversa. Eu quero dizer, do todo, o antes que aborda esses corpos, o outro lado da experiência, o agora.

Vejo e sinto no auge da minha estranheza potência e beleza. Entretanto essa estranheza não está à disposição de pessoas e locais que reforçam o regime político heteronormativo e patriarcal em que vivemos. Reconhecer-me enquanto corpo político gordo que traz consigo vários questionamentos estéticos é construção contínua, frágil e inacabada. Dentro daqui, de toda pele e marcas que envolve tudo o que de material venho a ser, anuncio o prazer flácido da gordura. Reconheço em meu corpo e em tantas outras gordas e gordos a resistência frente à humilhação da dita 'beleza padrão', do dito 'corpo ideal', do 'perca peso, pergunte-me como'. Não fui ensinada a amar meu corpo. Desde sempre fui ensinada, sobretudo pela mídia, a eliminá-lo e a ter certeza de que ele seria a própria bomba-relógio para meu fim. Hoje, recriado o conhecimento e o prazer frente à mim mesma, às outras e à minha produção, reescrevo meu corpo na rua: p-e-l-a-d-a. Grifo na rua gordura e dobras. Remonto-me, reconstruo a cada passo e a cada ação. Exijo exercer meu desejo em liberdade poética para andar pelada como resistência estética.

As desconstruções das amarras-navalhas que me envolvem e babam nojo para cima do corpo são também construções de mim. Passo escorregadia e afetada por elas, revolto os sentidos ao interno e vejo o mutante ser que somos.

Um abraço é o tempo que aguento, sozinha não há resistência. Um abraço é um tempo sem relógio. Lugar de morada e reencontros. Preciosidade de instante: é também poesia. Abraço abarca o laço: abre-me (-te) (-nos). Despe-me (-te) (-nos) de mundo e aproxima com-tato e afeto. Aqui somos: encontro, carne, música. Micro dança compartilhada. Coreografia: micro rituais de cumplicidade entre os abraçantes. Poetizam palavras e sensações não ditas.

As amarras estéticas que envolvem a sociedade em uma nuvem pasteurizada de corpos. Sairemos de mãos dadas e corpos pelados frente ao desconhecido. Ao desconhecido virtual que nossos corpos habitam sem que nós saibamos, mas ao descobrirmos não estaremos caladas. Os escritos também são vozes. As escrituras nesses casos de repercussão pela internet existem e resistem no contra fluxo ao contar outra versão do fato viral descontextualizado. Elas insistem em dar voz aos fazedores, aos expostos, além de funcionarem como textos-denúncia e textos-resposta. Desabafos de corpos com subjetividades invadidas e modificadas em forma de poesia disforme, tal qual os corpos. Poesia sem forma, talvez prosa, remonta os fatos transformando as notícias e as publicações da rede em um grande quebra-cabeça de informações sobrepostas.



Midiatoteca

ANAPOLIS

TECNOLOGIA

CINQUENTA ANOS DE LUTA E LIGADOS

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

1700





Pelos Pelos (2013)

As ações e seus registros ocorrem para além do controle das pessoas que as idealizam, a sociedade contemporânea é dotada de dispositivos que produzem e reproduzem instantaneamente imagens e(m) opiniões. Na internet, com o acesso através do passaporte 'secreto' de login e senha, as imagens se disseminam, sem autoria, em informações cruzadas. A performance chega ao virtual, transborda o corpo e a cidade e vira nuvem: informação binária – texto, escritura. Fotografias e vídeos são outros meios de registrar uma ação artística, mas imagens feitas pelos transeuntes, emissoras de televisão ou mídias independentes, documentos de polícia, textos e desenhos também desempenham a função de disseminá-las. Entretanto, acostumadas no mundo pautado pelo poder da imagem, como aproximar essas outras ferramentas não audiovisuais como lugares possíveis do registro em/de performance?

As sensações transbordam nas palavras, é relato e registro ao mesmo tempo. A seguir serão apresentadas três versões do ocorrido escritos pós-performance:

Um centro comercial em pleno funcionamento, meio dia. Corpos pelados estão expostos numa vitrine: duas mulheres gordas. Uma terceira habilidosamente e carinhosamente começa a aplicar mais cabelos aos pelos pubianos, estendendo-os até que um seja capaz de se amarrar ao outro. A sala cheia de entulho se assemelha também a uma sala de cirurgia. O processo está ali e é tudo. Muitas pessoas se aglomeram na vitrine da galeria de arte causando um congestionamento no fluxo de pedestres, uma curiosidade que vai sendo espalhada pelo centro comercial. Estão amarradas pelos pêlos. Encaram-se e se reconhecem nesse lugar onde dois corpos formam um corpo estranho, disposto a ocupar o espaço da rua. Esse corpo estranho sai da vitrine e na porta presenciam a multidão que quase

não acredita na bizarrice que está acontecendo. Como em um lance todos ligam seus celulares, máquinas e afins e começam a coletar imagens: do corpo e dos que desesperados de curiosidade o seguem pela rua.

A multidão por si só é outra performance ou até mesmo parte dessa. O corpo se veste para ir para rua, tenta se normalizar com as roupas, mas esse novo corpo não se mexe conforme os outros, mas de uma nova forma. Não há roupa que lhe caiba. É feito somente de pele e pêlos. Ao caminhar pela rua, o corpo estranho, cria uma rede de afeto em uma caminhada com muitas pessoas. Esses outros corpos que o seguem são a malha protetora de violências maiores que a curiosidade: ação policial ou abusadora. O corpo, que se comunica com todos por olhar, sente conforto e fica à vontade na rua. Sem vestes. Expondo o potencial da sua intimidade entre nudez e pêlos embaraçados. Desenvolvem um jeito brincante e 'discreto' na rua. Causam uma brecha no espaço cotidiano daquelas pessoas sem pedir licença. Exposição e cobertura dos corpos, um prolongamento visto através da roupa de pelos que não se sabe muito bem o que é. Passageiros vagantes param para ver as passantes dos pelos pubianos. Tentamos encarar essas pessoas que seguem, criar comunicação e afeto pelo olhar, mas percebemos que isso dificilmente vai acontecer. Durante a caminhada, repetimos a cena da vitrine: encaramo-nos, tiramos a roupa e assim ficamos por um tempo. O ritual de cumplicidade da nossa rede afetiva se repetiu outras vezes. Expor o corpo cru, sem roupa, sem badulaque nem laquê.

- É de verdade? – Perguntam muitos

- Propaganda de xampu? Lâmina de barbear? – Outros

Pelo caminho o corpo cruza uma parte da cidade, entra em lojas de cosméticos, shoppings e galeria de arte, anda no meio da rua e atravessa faixas de pedestres. Volta à vitrine. E voltam também os acompanhantes, ainda se olhando retiram as madeixas pubianas e a aplicam sobre um lençol que fica esten-

dido por mais uma semana no mesmo lugar, gerando uma memória visual do fato. Um acontecimento: burburinho na cidade. E como pode parecer estúpido certos comentários que escutamos e lemos posteriormente na internet! Mas ao mesmo tempo o estado da performance, o conhecimento próprio do corpo, me fez mais forte, resistindo na rua. Porque eu sou da cidade também, ocupo esse espaço. (2013).

A escritura acima é relato meu e foi criado a partir de uma vivência compartilhada de rua. Cada relato é diferente, insistente, demente de tão pessoal. O texto se constrói *a-ante-até-após-com-contra-de-desde-em-entre-para-e-perante* -*por*¹⁰ aquele que escreve. Um texto performático é favorável ao registro - já que ao ler tem-se a possibilidade de transpor vivências próprias para imaginar. Vivências pessoais podem deslocar o texto para outro lugar, enquanto fotos e vídeos, não tratados, localizam as pessoas no lugar exato do acontecido sob ótica do(a) fotógrafo (a).

A seguir o texto de Alexandra Martins, performadora, sobre a mesma ação:

E assim agiram os corpos. Tanto os nossos corpos quanto o corpo da cidade, local de comércio e troca-troca, seja o câmbio material a partir da venda com dinheiro, seja a troca material do corpo, do sexo que pede outro sexo. O Setor Comercial Sul, local onde aconteceu a performance, cotidianamente é inundado de passantes que vão e vem a todo momento. Desloco as cenas revisitadas cotidianamente do conglomerado de pessoas que se amontoam sobre nós da mesma forma que se amontoam os meninos e meninas em situação de rua quando a pedra chega no local. 'É falta de vergonha na cara e fuleragem'¹¹ (sic) que derrama pelos espaços [...]

.....
10 Conjunto de preposições comumente utilizada por Maria Beatriz de Medeiros.

11 Fala de um transeunte no registro videográfico da ação disponível em <https://vimeo.com/93509253>. Acessado em 21 jan 2016.

[...] vazios deixados entre as passadas e paisagens. Espaço-eixo, sem fundo, sem lenço e sem documento. Sem vergonha na cara e sem sapatos. Ato fuleiro, sem meios termos e academicismos. Um filme sem cortes, sem atrizes modeletes da Rede Globo. A vida como ela é: sem autor para conduzi-la. (relatos de MARTINS, 2013)

Os textos justamente por diferirem se complementam ao dialogar sobre o mesmo fato – a performance Pelos Pelos. O texto é ferramenta, meio e corpo da personalidade. A seguir um texto-sensação de Ariel Lins, que acompanhou a ação na íntegra:

O cotidiano sempre me fascinou. As pessoas. Observar como agem, o que dizem, perceber como cada um faz de formas completamente diferentes a mais corriqueira das ações. O nu também sempre me fascinou. Quando criança, gostava era de correr sem roupas pela casa, com o corpo ao vento. [Durante a performance Pelos Pelos] Tive lembranças de quando tinha para mim a nudez como algo natural e lamentei as barreiras que permiti serem construídas entre eu e meu corpo. Pensei nas vergonhas, nos julgamentos, na insegurança, nos padrões estéticos. Pensei em como somos livres e, ao mesmo tempo, por mais involuntário que seja, sem perceber, fazemos tanta força para não o sermos. Pensei: somos corpo no mundo. E logo repreendi minha repreensão diária automática. Quis tirar minha roupa e caminhar junto com aquelas mulheres. Quis ter pêlos e deixá-los à mostra, me emaranhar nos delas, ser menina que corre pelada em dias quentes. Quis ser parte da cidade, que é minha também. “Colocar o corpo no centro da discussão, ou da arte, é refletir sobre o corpo social. Assim, a performance (o performer) expõe seu corpo que passa a ser nosso corpo, numa relação que não é apenas contemplativa, mas também participativa” (FERREIRA, 2011, p. 112). Pouco a pouco eu já não sabia quem era Mariana, quem era Alexandra ou quem era

eu. Apenas fui, do começo ao fim. Fui na procissão de pessoas que seguiam vidradas, fascinadas, perdidas, encontradas, chocadas. Fui como quem não queria nada e acabou querendo tudo, querendo a si mesma, querendo o mundo, sendo o mundo. Até agora não sei dizer se durou dez segundos ou a vida inteira. Não fosse a câmera fotográfica em minhas mãos - cujo filme revelei tempos depois -, não acreditaria no que aconteceu. A imagem ficou em mim. A vertigem ficou. Vertigem essa de Milan Kundera, que não é o medo de cair, mas o desejo de adentrar o abismo abaixo de nós, que nos atrai e nos envolve. De mim, ficou um pedaço na ação. Talvez perdido por entre aqueles pelos. Talvez. Não sei. (Texto recebido por email LINS, 2013)

Com essas escritas diferenciadas podemos concluir, com *Corpos Informáticos*, que:

A impressão é de que cada autor tem um diferente sentimento em face do outro. Essa diferença parece insuperável na medida em que cada ser é uma individualidade, e cada individualidade está em contínua transformação. Cada indivíduo tem uma sensibilidade singular e nos proporcionará inúmeras degustações inéditas. Cada olhar é único e pode provocar uma infinidade de sentimentos: espera de compreensão, interrogação, raiva, semelhança ou diferença, partilha, (com)partilha, desperdício, desejo, satisfação. (AQUINO, MEDEIROS, 2007)

A função da escritura é provocar reflexões e não somente reafirmar normas a quem lê. Um texto múltiplo pode ser sentido como um convite a novas formas de (re)ver o que foi criado. É possível através destes registros presenciar três formas diferentes de vivência da performance.

A arte é por si e em si, ela se basta. Um texto se procurado, interessa. Mas um texto imposto, antes mesmo do contato com

o trabalho, neutraliza e direciona o sentir, anestesia a aisthesis, recruta o cérebro para uma leitura. A exceção são os textos poéticos. Fazer outra arte, poesia, para falar de arte afirma Barthes em algum lugar ad tempura de nossas memórias.

Heidegger prossegue: “A procura ciente pode transformar-se em investigação se o que se questiona for determinado de maneira libertadora”. Interessante notar essa condição de investigação ser libertadora, isto é, não buscar nem por meios estreitos nem com fins restritos. Essa liberdade para falar de arte não seria a poesia? (MEDEIROS, 2012, p.20).

As artes não se explicam, causam sensações. Em contraponto às dezenas e dezenas de livros que existem sobre a linguagem artística e suas teorias, o intuito desse trabalho é margear as possibilidades em arte, ampliando-as e não as restringindo conceitualmente. Importam as sensações, o atravessamento do corpo pelos sentidos, o impensável que este não-saber evidencia. As escrituras também se pluralizam nesse não-saber. Seguem rumo e escritura vira-latas, fumando guimbas de cigarros achados, revirando lixo e achando flores no meio do concreto.

Escrever coletivamente é construir junto um novo corpo: o texto que nasce, no meio alquímico de palavras faladas e lidas. Há busca por um texto presente que não seja representativo nem qualitativo, mas artisticamente vivo. Estratégias de escrita servem para tornar comuns desejos, discursos subjetivos/invizibilizados e conceitos acessíveis pela subjetividade. Uma das potências em performance, enquanto linguagem da arte, é de tornar acessível conhecimento gerado por blocos de sensações (DELEUZE & GUATTARI, 2010), experiências e afetos.

O virtual-real: repercussões

Na rua, a informação circula para além do ritmo do fluxo de pessoas, cai na Internet em tempo real, rompe fronteiras geográficas, gera reações inesperadas, modifica o fluxo desviando a rotina. É preciso desviar para que haja manifestações e afetações não calculadas, guiadas mais pelo tempo da percepção do que do relógio.

A circulação na internet das imagens e impressões da performance Pelos Pelos, fez com que em menos de 24 horas, estivesse difundida como um viral. Após a digestão das opiniões nos apropriamos das palavras de desconhecidos, bem como eles de nossas imagens, e criamos uma poesia que também, pela escritura-texto, relata a experiência das imagens de pessoas de diferentes lugares. Assim, a ação, enquanto não presencial, continua seu percurso pela rede. Porém, seu tempo útil na vida pode ser pouco devido aos padrões da censura virtual que limitam a disseminação da arte e de seus desdobramentos pela internet. O texto, os relatos e a poesia servem como fonte de (re)existência na rede a partir do momento em que as censuras usuais perseguem intensamente as imagens, mas deixam brechas para a escrita que, ao subverter as próprias estruturas rígidas que lhe são inerentes, ampliam o espaço para a inserção em outros: reais e virtuais, não necessariamente exclusivos para a arte.

Com as palavras através das sensações geradas pelas imagens presentes nos comentários, outra escritura sobre a performance foi criada, por meio do reordenamento dos comentários colhidos da internet, ato de escrever partilhado por quatro mãos (Martins e Brites). Esse texto de escritura coletiva involuntária, ou não-avisada, possui autoria compartilhada entre desconhecidos de vários locais misturadas pelas notícias da rede¹²:

.....

12 As frases que compõem o poema foram retiradas da internet e mantidas conforme estavam.

Black-ceta

As pererecas piram!

*SETOR COMERCIAL SUL e suas coisas esquisitas de sempre,
WTF?*

*TINHA QUE SER NO SETOR COMERCIAL!... Alguns dizem que
é protesto...*

*MAS PROTESTO DE QUÊ MEU DEUS?!?! NÃO! Nossa isso é
verdade? NÃO!*

*É uma caranguejeira???? Bin Laden é você? NÃO! Parente da
rapunzel essa aí??? NÃO! Oooooooooooooooooooooooooo tah porra
NÃO!*

*Isso é falta de homem... Mulher que tem homem é limpinha...
NÃO!*

*Mano, Se for doar Presto Barba para essa moça depilar ia ter
que gastar muito viu!*

*Rapa mulher com gilete azul, rapa as pernas, a suvaca e os
cabelos do cu!*

*CARAAAAAAAAAAALEEEEEEOOOOO!!!!!!!!!!!!!!! Essa moça
tem um pênis ou eu tô viajando?*

*kkkkkkkkkkkkkk; x que isso novinha ! Que capeta é
esse? kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk ECAAAA! kkkkkkkkk
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk*

*Sempre somos surpreendidos... Tremendo mal gosto, deve ter
piolho*

Chato Tuim Chatuim

Nossa senhora das PERIQUITAS

acode essa mulher com um CORTADOR DE GRAMA!

*Imaginem a carniça após o uso da privada do marido dela que
sofre pra axar o trem lá, lá embaixo*

*abaixo da depilação, abaixo da Gillette abaixo do Presto Barba
e abaixo do corte asa delta! Pode fechar a internet, tchau! Es-
pero que nem salve essa gente que diz: NOJO!
NÃO! ECAAAA!*

*Só um aviso: NOÇÃO MANDOU LEMBRANÇA
Cabulosas cabeludas.*

A prova tá ae depilar é pras fracas!

São relatos em performance, textos de pessoas veiculados sobre a ação artística ou imagens vistas em postagem de blogs, redes sociais e sites em geral. Esse texto que comenta pode ser registro ao entendê-la como potência do afeto que a performance sensibiliza.

Vale ressaltar que essa escritura foi livremente inspirada em Tribunal de Feicebuqui¹³, música de Tom Zé, 2013. A música é escrita como forma de resposta artística às críticas que sofreu virtualmente nas redes virtuais após a repercussão da propaganda¹⁴ de refrigerante que fez em prol a Copa do Mundo ocorrida no Brasil. Em ambos os casos há a apropriação das palavras de outrem para a

.....
13 Tribunal de Feicebuqui. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZhALrgpkq38>>. Acesso em 07 dez 2015.

14 Propaganda da Coca-Cola. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZhALrgpkq38>>. Acesso em 07 dez. 2015.

construção de outro desdobramento textual a partir das ocorrências das redes sociais. A palavra materializa acontecimentos e sensações, incluída também aqui aquela sensação de ser desrespeitada. Ao dissolver, dar outra forma ao ódio disseminado por meio de respostas, a poesia ou a música de Tom Zé são o direito ao posicionamento às agressões verbais ocorridas. O corpo faz, sente, retruca e busca aconchego. A arte, a performance e as escrituras, apesar de poderem ser um lugar de aconchego, são também almofadas de espinhos em que nos inserimos para questionarmos politicamente a sociedade em que vivemos.

Nos comentários feitos pela internet, o teor agressivo das mensagens é maior do que os presenciados no lugar da ação. A internet (des)mascara as pessoas. É difícil, quase impossível indispondo de conhecimento hacker, acompanhar a quem chega essa informação e como é (des)cuidada. A Internet é o mais recente baú debaixo da sociedade. Nela é possível quase tudo e, inclusive, re-achar imagens da performance em contextos totalmente alterados. A imagem viraliza, perde o nome, surge coisa-doida, inominável burburinho. As redes são ampliadas: desgosto e gosto. A seguir amostra de comentários encontrados na rede, um print screen em qualidade baixa, retirado de uma página do Facebook chamada Faca na Caveira, já reconhecida na internet pelas suas postagens ofensivas e discriminatórias. Os comentários de escárnio e reprovação suscitaram debates sobre o direito artístico de ocupar as ruas.

A voz da Internet acompanha meus feitos e por ela também muito me expresso: redes sociais, registros de performance e portfólio online. Essas situações desconfortáveis me aproximam do contato com a rede, reconheço que o escárnio e a reprovação são sensações repercutidas nesses outros corpos. Ou seja, a ação de me reconhecer e resistir os afeta. Sou (des)afeto. Não abro mão dos

espaços em decorrência dessas agressões, que me propiciaram encontro com outras pessoas e corpos que se identificam com as reflexões geradas pelas performances Pelos Pelos e Retalhos. Em frente às críticas nos potencializamos e multiplicamo-nos.

gracias, has... Convocato... Fotos da Li... Comissão di... Deputados... Religião: Sit... Escreva Lei... março | 20... (Marche) x... oihodecelu... Receitas Sus... Legalizar ou...

https://www.facebook.com/photo.php?fbid=516115235103911&set=a.413328025382633.91467.256403077741796&type=1&theater

marley y mono... nosso episódio da s... Em sua estreia em n... (2) Dicionário Criativo... créditos... Revista Trip - Ze Celso... Dall'Oca... Entrada (642) - cima... Veggi & tal - Vegani... dy... SOPRO - Dicionário... ref biblio

Não foi possível carregar AVG Internet Security.

facebook Pesquise pessoas, locais e coisas Mariana Brites Página inicial

Lucas Almeida ki drogai
Curtir · Responder · há 3 horas

Anselmo Junior CRUIS CREDO
Curtir · Responder · há 3 horas

Gase Cidral capas mentira nao existe isso
Curtir · Responder · há 3 horas

Camila Tamanini pq uma delas tem pinto? Oo aeuauehauh mds
Curtir · Responder · há 3 horas

Alex Junior DHUSAHUASDHUASHUDSAUUSAUHDASHU bagueho escroto
Curtir · Responder · há 3 horas

Marcia Rose quev nojo...
Curtir · Responder · há 3 horas

Leonardo Rodrigues cruz credo :0
Curtir · Responder · há 3 horas

Wagner RB nossa imagina o chero dsso
Curtir · Responder · há 3 horas

Mariane Rodrigues ahhh hahahaha que nojo! Jenifer Menezes olha vc
Curtir · Responder · há 3 horas

Elon Mafra Ylch Gabriel Silva
Curtir · Responder · há 3 horas

Brisabela Vitória Caroline Rodrigue's kkkkkk
Curtir · Responder · há 3 horas

Luiz Fernando Ceolin Jhonata Ramos Rafael Rinaki Jeffy Barreto
Curtir · Responder · há 3 horas

Nate Maria gave Life in Candy Crush Saga.

Nayara Paiva compartilhou a foto de Fábio De Barros Freire.

Yuri Fideis Scott Souza Donas comentou a própria foto: Julia Horta ...as duas...

Babi Barbarella comentou o status de Evelin Scheffer da Nóbrega: "Adoro esse filme ♥"

Antonio Cunha GENTE ESSE PAIS É UMA GRANDE PIADA DE NAO GOSTO.
Pastora Suzane Richtofen...

Alexandra Martins Costa · 11h

Beirão Olajfa Fernanda

Eise Hirako

Lucas Figueiró

Gabi Pinitude Cerqueira

Maria Cela Soub

MAIS AMIGOS (64)

Alice Soares

Jessi Ca Ipورا Fabiana Pereira Alonso Bento

eh nois na malha de ...jpg

Mostrar todos os downloads...

22:07 02/05/2013

Comentários (33):

Post um comentário



Felipe435 - 09/01/2015 2:48 am

Best Porn http://www.xvideos.com/video14225791/gorgeous_amateur_prepares_for_her_first_creampie_alex_a_grace



Morikaisar - 08/01/2015 6:36 pm

The most beautiful ass i've ever see in my life



Kad360 - 07/12/2015 5:07 pm

Isso foi aqui em Brasília, esse é o museu de Brasília.



Benbrown - 07/10/2015 6:10 am

Holy fuck.



Pilot29 - 07/06/2015 10:49 pm

That ass tho



Blackgun28 - 07/06/2015 1:56 pm

the girl got a phat ass damn



Chubbyvags - 07/05/2015 1:51 pm

Que rico culote, me fascinan así de carnosos y aguados ,cuando los pones de Perrito se te mueven las nalgotas bien sabroso Felicidades pareja....



Picheco-webcam10 - 07/05/2015 10:15 am

que se suban al metro para armarle laverga en esas nalgotas uff



Paipaberez - 07/05/2015 8:30 am

Este culo parece una gelatina...



Acolimiztli - 07/05/2015 7:50 am

Que pasada de verga esta la morra.

1 2 3 4

You must be logged in to comment a video.

Your login (email):

Your password:

Not yet a xvideos member? Here is what you can do with a FREE account:

- Upload videos.
- Commenting.
- Add videos to your favorites.

Comentarios (33):

Post um comentário



Felipa435 - 09/01/2015 2:48 am

Best Porn http://www.xvideos.com/video14225791/borgeous_amateur_prepares_for_her_first_creampie_alexandra



Morkaisar - 08/01/2015 6:36 pm

The most beautiful ass i've ever see in my life



Kad360 - 07/12/2015 5:07 pm

Isso foi aqui em Brasilia, esse é o museu de Brasilia.



Benbrown - 07/10/2015 6:10 am

Holy fuck.



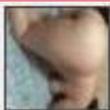
Pilor29 - 07/06/2015 10:49 pm

That ass tho



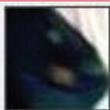
Blackaun28 - 07/06/2015 1:56 pm

the girl got a phat ass damn



Chubbyags - 07/05/2015 1:51 pm

Que rico culote, me fascinan así de carnosos y aguados ,cuando los pones de perrito se le mueven las nalgotas bien sabroso Felicidades pareja....



Picheco-webcam10 - 07/05/2015 10:15 am

que se suban al metropara arrimarle laverga en esas nalgotas uff



Palaperez - 07/05/2015 8:30 am

Este culo parece una gelatina...



Acolmiztl - 07/05/2015 7:50 am

Que pasada de verga esta la morra.



Pelada Pelada (2010)

Ao ocupar a rua, enquanto espaço público, coloca-se o corpo na esfera da partilha. A rua, no Brasil onde vivo, apesar de pública está distante de ser território livre, aqui dominam as leis dos homens (constituição de 1988 e leis distritais) além da, sempre, inconveniente truculência militar cerceadora de atitudes, corpos e discursos. Foi no ano de 2010, ano simultâneo de eleições e Copa do Mundo, em que realizamos uma ação na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Durante um jogo da seleção brasileira, as ruas estavam completamente ermas, uma estranha fumaça preta aparecia no horizonte logo atrás do congresso, mas ninguém ficaria longe das telas para investigar tal estranheza. A nuvem preta continuou queimando o não-sei-que-era. A cidade virou fantasma e nós, clandestinamente, ocupamos a rua, cúmplices do silêncio. Por hora, o registro da ação é o mais oficial de todas as performances apresentadas. Ainda não tínhamos a noção tão vasta de performance como apresentada em teoria, mas a rua nos mostra que crime e arte podem caminhar juntos. Eles se transam em nós. E nós, artistas e criminosos, assinamos termos, papéis, registros do acontecido. Nós por nós: 48 horas de serviço comunitário em hospital público desumanizado. OBS: cênicos se tornou o nome desse grupo após sermos enquadrados, como indivíduos de periculosidade para a sociedade, no artigo 233 – Ato Obsceno, conhecido também como Ato Libidinoso ou Crime Vago.

Nesse artigo lê-se que são enquadrados pessoas e atos “que ofendem o pudor público, objetivamente, considerando-se o sentimento comum vigente no meio social.”¹⁵ Esses atos são classificados pelo que fere a moral do Estado. E quem é o Estado mesmo? Como incitar a rua se nem ao menos temos direito a ela?

.....

15 Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/busca?q=ART.+233+CP+.+ATO+OBS-CENO>. Acesso em 20 jan 2016.

A tipificação desse crime é vaga, filhote do aparelho de censura do Regime Militar, censura a gente tá tendo. Diversos materiais¹⁶ apontam o desuso dessa lei, e mesmo assim fomos dragadas e censuradas por ela. Em um termo oficial nos comprometíamos a não cometer nenhum ato ‘desses’ atos no período de cinco anos. Mal sabíamos as pulcra que dentro desses parâmetros, nossas próprias existências seriam crimes diariamente. Assinamos e continuamos ocupando a rua, destruindo símbolos da Copa, fazendo performance e ultrajando a suposta democracia do país. De acordo com Paulo Queiroz, advogado, a lei é “francamente inconstitucional, por violar tanto a liberdade de autodeterminação sexual quanto a de manifestação artística e cultural” e apresenta uma solução rápida divertida e pacífica “quando se percebe alguém praticando ato obscuro em lugar público, o melhor a fazer é, em princípio, evitar o local, desviar os olhos”. A censura persiste na rua, fiel e protegido espaço da família tradicional brasileira¹⁷. A reflexão bombardeia o corpo através da experiência, explosões de sensações, sendo desinteressante para a lei que esta aconteça em espaço público. Nem que a arte mostre as garras, grite na rua, arranhe e aponte questões políticas. Não somos artistas do pão e circo. Somos infiltrações, vira-latas questionadores, sobrevivendo dos trocados da arte, da vontade e necessidade de compor com arte o espaço cinza e asséptico que Brasília é. Agora, na delegacia, nem somos artistas. Estamos entre o arquétipo da louca e da criminosa. Arte não vale, não explica nem justifica – é sentida matéria viva pulsante, alteradora de sentidos. Mas na rua, nos domínios da lei, artes quando cutucam severamente a normalidade da cidade é crime. A reflexão estética é hostilizada: ao fazer se pensa com o corpo todo e ao iteragir torna-se parte da mesma. Crime: sentir, questionar, ocupar.

.....

16 Pesquisa através do site www.jusbrasil.com. Acessado em 01 fev 2016.

17 Vista aqui sobre uma ótica heteronormativa, reacionária, religiosa e machista. Já que outras possibilidades de ‘rede de afeto’, por lei, não são tratadas como família no Brasil.



CERTIDÃO

TC n.º 501/2010 - DRPI

CERTIFICO E DOU FÉ QUE, feito o pregão, a ele respondeu(ram) o(a, s) suposto(a)s autor do fato **ALONSO BENTO DA SILVA, CLEITON DE JESUS, DIANA SILVA CUNHA, KAMILA NUNES COSTA, LORENA ALVES DE OLIVEIRA, MARIANA RAMOS SOUB DE SEIXAS BRITES, PEDRO HENRIQUE GOMES SANTOS MESQUITA**, contudo, tendo em vista o número excessivo de medidas em sede de plantão a serem apreciadas no presente momento e diante da pauta regular de audiências deste Juizado, a MMa. Juíza determinou a designação de audiência PRELIMINAR a realizar-se no dia **23/06/2010 às 21:45 horas**, ficando, desde já, intimado(a, s) para a presente assentada que realizar-se-á no presente 3º Juizado Especial Criminal.

Tendo em vista a Lei 9.099/95, art. 69 que possibilita ao(à, s) autuado(a, s) em flagrante livrar(em)-se solto(a, s) no caso de assumir(em) o compromisso de comparecimento em Juízo e considerando-se que o(a, s) autuado(a, s) se comprometera(m) a manter atualizado(s) seu (s) endereço(s), foi(ram) concedida(s) liberdade(s) condicionada(s) à assinatura do(s) termo(s) de comparecimento em Juízo para todos os atos processuais, assinalando o seu endereço atual e se comprometendo a atualizá-lo, caso mude.

A(s) parte(s) foi(ram) cientificada(s) de que deverá(ão) comparecer à audiência, acompanhada(s) do(s) seu(s) respectivo(s) advogado(s), caso contrário, ser-lhe-á(ão) nomeado um Defensor Público.

Brasília, 15/06/2010 20:29h.

Wilton dos Santos Junior
Diretor de Secretaria

ALONSO BENTO DA SILVA
CLEITON DE JESUS



Diana Silva Cunha

DIANA SILVA CUNHA

Kamilla Nunes Costa

KAMILLA NUNES COSTA

Lorena Alves de Oliveira

LORENA ALVES DE OLIVEIRA

Mariana Ramos Soub de Seixas Brites

MARIANA RAMOS SOUB DE SEIXAS BRITES

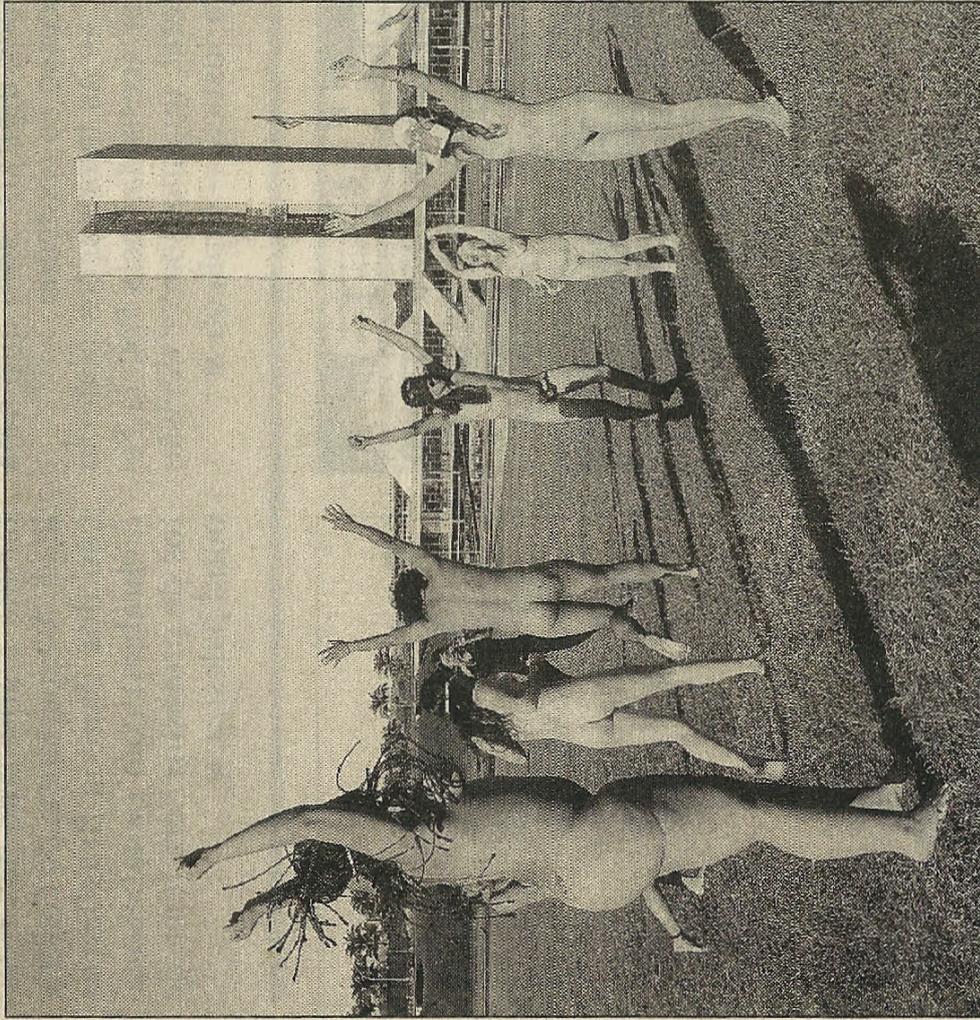
Pedro Henrique G. S. Mesquita

PEDRO HENRIQUE GOMES SANTOS MESQUITA

Pelada de pelados junto ao Congresso

Oito estudantes protestam jogando bola nus durante partida da seleção

Sérgio Marques



Sérgio Marques e
Roberto Maltchik

• BRASÍLIA. Um grupo de estudantes da Universidade de Brasília (UnB) aproveitou o clima de feriado, durante o jogo do Brasil contra a Coreia do Norte, para fazer um protesto diferente na capital federal. Nus, oito alunos do curso de artes cênicas resolveram jogar futebol na Esplanada dos Ministérios. Eles usavam só máscaras de políticos, como dos presidentiáveis José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT), do ex-governador José Roberto Arruda (sem partido), do presidente Barack Obama, do apresentador Silvio Santos e até de Bin Laden.

A líder do grupo, Jéssica Vasconcelos, disse que o objetivo era alertar as poucas pessoas que passavam sobre a aliena-

ção provocada pela Copa.

— É para mostrar como o povo é ludibriado pelo futebol. É para lembrar sobre o dever cívico das pessoas.

O jogo só foi interrompido pela chegada da polícia. O protesto também despertou a revolta de indígenas da etnia Guajajara, do Maranhão, em vigília na capital federal para pedir a saída do presidente da Funai, Márcio Meira.

— Achamos muito estranho isso. Na nossa aldeia não se vê mais índio pelado — disse o cacique José Dias Lopes.

O grupo teve de assinar documento na delegacia, por delito de baixo potencial ofensivo, antes de ser liberado. ■

O GLOBO NA INTERNET
GALERIA Veja mais fotos da polêmica 'pelada'
oglobo.com.br/pais

ALUNOS DE artes cênicas jogam bola nus, com máscaras de políticos

Nós estaremos fora do torneio se perdermos. Essa é uma situação real

● Landon Donovan, meia dos EUA, sobre o jogo contra a Eslovênia

FLASH

ENGAJAMENTO

Sérgio Marques/Agência Globo



Alunos de artes cênicas da UnB fizeram protesto nus, em frente ao Congresso Nacional, durante o jogo de Brasil e Coreia do Norte pela Copa do Mundo. Eles jogaram futebol por menos de um minuto e seguravam máscaras de políticos



DIA MALUCO

TRÂNSITO PARADO E PELADOS NA RUA

Para não perder o jogo, mais pessoas foram trabalhar de carro. Resultado: um milhão de veículos circulando e enormes engarrafamentos. Na Esplanada, um protesto (foto) contra os políticos e a "alienação do futebol".

SUPER ESPORTES, PÁGINA 2. CIDADES, PÁGINA 23

O GLOBO

Sérgio Marques



E por falar em pelada...

• Para protestar contra o que chamam de "alienação" causada pela Copa do Mundo, alunos de artes cênicas da UnB tiram a roupa e improvisam uma pelada na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Usando apenas máscaras de polí-

ticos, acabaram detidos pela polícia e liberados. Também não agradaram a índios maranhenses que faziam uma vigília perto do local do protesto. "Na nossa aldeia não há mais índios pelados", disse um deles.

O PAÍS, página 13

Nada de novo sob o sol ao perceber pessoas civis que favorecem o trabalho injusto da polícia cerceando e denunciando corpos. Uma mulher branca, não-indígena, de meia-idade que estava dentro do acampamento indígena aparece no meio da ação com a constituição na mão, logo depois aparece um fotógrafo do jornal O Globo e em seguida a PM. A mulher aciona a polícia alegando que nessas tribos ninguém mais anda pelado, que pega sinal de celular e tem calça jeans. Apesar do orgulho com que fala tudo isso, nós – urbanos, não-indígenas e pelados – ficamos em choque. Estamos mesmo sendo presas por estarmos peladas frente a indígenas?

A polícia e a lei colonizam até hoje, não há disfarce sobre isso. Com a boca cheia de quê essa colonizadora diz isso? Como se tudo estivesse planejado fomos presos, por existir e insistir na força de nossos corpos como possíveis travas na engrenagem do sistema. Enquanto nos era dada a voz de prisão, o Brasil fez o segundo gol do jogo, a cidade acordou com fogos, buzinaços e o rádio da polícia alto e atento no jogo gritava todo o silêncio que nos envolvia. Tédio: Brasília, Copa, polícia e repressão. Nossas gravações ficaram prejudicadas devido à pressão física e psicológica dos policiais para que apagássemos o material. Ainda assim, já que sempre há um jeito de subvertê-los ou ignorá-los, nos sobraram alguns pedaços de vídeo da ação que foi transformado em vídeo-arte¹⁸. Policiais bufam, se interessam mais pelo futebol, não somos ninguém ali além de um ‘problema’.

O principal registro dessa ação é o documento oficial emitido pelo Tribunal de Justiça do Distrito Federal – TJDF. Nem artistas, nem nadas, somos criminosas respondendo para o Estado, artisticamente, nossa existência. O documento exposto anteriormente contém os nomes dos participantes gerando contradição à

.....
18 Disponível em <https://vimeo.com/93738615>. Acesso em 09 jan. 2015.

maneira de ação anônima do grupo. OBS:cênicos não nomeia suas ações, não as categoriza enquanto arte. A opção pelo conteúdo do documento é trazida enquanto escrita de registro performático, ou seja, se afasta das características das escrituras ao localiza-se domesticada e nomeada pela polícia. Não seremos reconhecidas enquanto arte, somos criminosas, questionadoras da lei. O anonimato se decompõe quando o Estado exerce sobre os corpos a nomeação dos fatos. O Estado escreve escrita, e nos por meio de nossas ações e corpos escrituramos a cidade gerando cicatrizes nem sempre visíveis, mas sentidas: burburinho, confusão. Atualmente com esse distanciamento de seis anos da fuleragem vivida, percebo potência política e histórica da ação. A arte esparramada para fora o museu, grita na rua, não-identificável, segue monstro, atentado, ato obscuro.

Terrorismo poético nosso contra terrorismo de Estado. Não estamos falando de poderes iguais, escrevemos e falamos de maneiras diferentes ao sentir os fatos. O terrorismo poético visa à reflexão e, por conseguinte, a mudança social. Assim, por vezes esse conceito pode estar engendrado na performance e na arte contemporânea. Mas esses atos poéticos e terroristas transcendem até mesmo a nomeação exclusiva da arte. É opinião viva, pulsante, que não se aguenta dentro da boca e precisa gritar, vazar. Na rua, é praga, erva comestível, planta alimentícia não convencional (PANC). Já o terrorismo de Estado é o que vivemos: genocídio das comunidades tradicionais, desmatamentos, desvalorização da cultura e dos reconhecimentos dos direitos humanos adquiridos desde a época da ditadura. O terrorismo do Estado é machista, branco e elitizado, escancarado e desmascarado a cara do golpe, assim como seus envolvidos. É difícil para nós, manter algum tipo de arte ‘neutra’, ‘imparcial’.

Terrorismo poético toma de assalto, ataca em bandos, ocupa prédios e pixa

pelas ruas. O grupo compõe-se de nós em rede, trama. Arma, ama. Infecta, destrói. Joga glitter no carpete do congresso, rasga títulos eleitorais. Terrorismo poético é ação, não anúncio. Um caso de encanto nas superfícies sensíveis que tangenciam e separam. Arte e subversão, sobre-versão, outras versões, ou simplesmente verso.

Saímos em jornais onde, diferentemente da rua, as imagens não foram censuradas e não possuíam nossas autorizações. As notícias traziam conteúdos falsos sobre a ação, mas não esperávamos nada diferente desses veículos de “comunicação”, escrita. A performance durou mais de uma hora e não um minuto como disseram. Se omitiram sobre a moça da constituição, como se ela não existisse e como se tentar impor uma lei para indígenas não fosse um ato totalmente degradante e obsceno em relação a todo histórico de genocídio e apagamento das histórias desses povos no Brasil. Em uma pasta guardamos o clipping das notícias, a velocidade dos burburinhos e a sensação de que a ação afetou o espaço e por ele também foi afetada. Os jornais disseminaram mais nossa ação silenciosa: divulgação gratuita de notícias incompletas e manipuladas.

Resistimos! Na cidade e na delegacia re-existimos¹⁹.

.....
19 “Se o propósito positivo é a continuidade vital, então falemos antes em reexistência, em resiliência: a força flexível da fragilidade adaptativa, que reside na explicitação molecular e na aceitação re-inventiva, no lidar com ‘o que se tem’ mais do que na insistência rígida da negação ou na desistência indiferente do consentimento.” (EUGENIO, Fernanda ; FIADEIRO, João, Dos modos de re-existência: um outro mundo possível, a secalhariedade, p.6, sem data)







Depois da poética do depois

Os registros apresentados buscam de diferentes maneiras uma escritura que abranja as sensações da própria ação; se apresentam como busca de um processo e não seu ponto conclusivo. Caminho ao contrário do fim: expansão. Percepcionar possibilidades poéticas do registro por meio do corpo é senti-las novamente e reinventá-las. O preenchimento das linhas, as possíveis teorias e poesias transbordam da carne que viva resiste. O papel até aqui serve como suporte e apoio ao corpo: centro de sensações.

As ações, performances ou fuleragem geram marcas na estrutura da cidade que também é corpo vivo passível de composições. Performances se incrustam e cicatrizam na cidade. Misto de arquitetura e afeto: Coração da Terra. Essas cicatrizes por vezes são invisíveis como em Pelos Pelos ou Vínculo Zero. Ocupar a cidade e marcá-la através de ações composicionais é via de pertencer à mesma, escrever com o corpo a possibilidade outra da mesma arquitetura exposta criando narrativas pessoais e/ou grupais. A poética do depois é composta de possíveis inícios: registro, memória e estória (causos).















PELE POÉTICA

Em sua etimologia a palavra cicatriz é oriunda do latim *cicatricem* que significa “marca de uma ferida” ou “marca em árvore”. Esse segundo significado intriga principalmente por seu desuso nos dias atuais. Sabe quando uma folha cai do tronco e deixa no mesmo uma marca? É a isso que se refere o segundo significado. Imerjo na brecha, a cicatriz não é condição exclusiva humana e nem de árvore. Cicatriz carrega causos. É sinal de vida que, na iminência da morte, sutura, cria outro.

Atento-me ao corpo que construo e possuo. (Atentem-se!) Suas marcas, dobras e densidades reapresentam a poesia que busco. As marcas falam por sentidos: memória, desenho, profundidade... sinais sem alfabeto e de léxico composto. Olhar sem ver, tocar o corpo já conhecido subjetivamente é possibilidade de reencontrá-lo, experimentar-se. O de novo será sempre outro, somos corpos em rede.

Escrituras e cicatrizes

Antes que eu queira escrever qualquer coisa, as coisas se inscrevem em mim. Ao escreverem-se, cravam a pele que de tão aberta e porosa ao mundo, é potência forte e frágil. Paradoxo do invólucro em que vivemos, a pele marca o tempo, o tempo marca a pele. Ao nascer viemos como folha lisa, caderno, pele rígida e nunca antes provada; o crescimento também faz marcas. O tempo impresso sobre a pele faz pelanca, se estica, se rasga, renova, modifica, cicatrizando os riscos experimentados. O sensor-pele é ininterrupto, exterioriza o ritmo do corpo e seus possíveis desejos. O sensor-pele é popular, livro de livre acesso e independente de alfabeto: para lê-lo é necessário acessar os sentidos e não o código-padrão. São milhares de volumes em tiragem única, indepen-

dentes apesar de não solitários. Sensores-pele, vibratilidade em registro, se conectam, compõem-se entre si, vida ao caderno vivo. “A pele é um livro aberto aos olhares alheios.” (JEUDY, Henri-Pierre, 2002) *Couçaças e(m) histórias*.

A escritura não só vaza do corpo como nele habita. Entretanto, existe um forte desejo atual, oriundo dos processos de cirurgias plásticas/reparadoras, pela busca da pele lisa, sem marcas, cicatrizes ou rugas. Esses processos, ao apagarem as ‘escrituras’ sobre a pele, reescrevem a estória. Uma história de apagamento de registro, ‘formatar o HD’, iniciar do zero. Ao mesmo tempo, a pele viva no corpo também se renova e transforma: nosso maior órgão também é mutante. O tempo age sobre a pele ameniza algumas marcas e simultaneamente reforça outras.

Aqui cabem as reflexões sobre performance e registro: existirão corpos que não se marcam pelo vivido ou que desejarão apagar o passado? Não faltam produtos alopáticos, cremes e pomadas, para ‘zerar’ a estória que é contada pela pele. A epiderme, camada mais exterior da pele, é uma parte do tecido tegumentar que se alastra em camadas mais profundas, marcas não são resumidas somente pelo que se vê. Cicatrizes de amor estão cravadas onde? A capacidade de retirar de si uma cicatriz, não desvincula o corpo da própria história. A pele em camadas, massa folhada de nós, possui memória só-sentidas, invisíveis de tão profundas. O corpo incorpora os fatos, transforma em carne, mantém uma memória dissociável das noções lógicas do cérebro. Corpo fala e faz cicatriz-ação.

Atualmente, vivemos em um padrão de beleza (beleza?) que prioriza corpos sem marca, sem pessoalidade, sem sobra nem dobras. De histórias e peles apagadas é feita a beleza-padrão. Nós, ampliando o conceito de performance

para a vida, estamos à margem, marcados, afetados, sangrando, em vermelho, corpo o encontro. Ao analisar a derme que envolve, reencontro muitos rastros: toda cicatriz é denúncia de vida, caso fosse morte somente seria ferida aberta. Rastros que já não tenho certeza de onde vieram rabiscam meu corpo, eterno rascunho não-refeito, não-transcreível.

Observo a alguns dias a cicatrização – trans-forma-ção – estranha-coisa-que-não-sei, umas bolhas que de tão cheias explodiriam a qualquer instante. Performance mutante sobre pele: o que é esse líquido que escorre? Afetada pelo fato, vivi meu drama canceriano acreditando que derreteria em pouco tempo. Mas bastou uma olhada mais atenta ao corpo para perceber uma queimadura de segundo grau, grande e profunda. Não lembrei de nada que me queimasse. Estranhei não ter sentido dor em hora nenhuma. Aceitei a queimadura da performance mutante sobre a pele e comecei a viver o mistério que estava embutido nesses fatos.

Transmuto possibilidade ao ser caderno. Debruço-me sobre o mistério em pele e descubro estranha criatura, pequena, bicolor e de rabo bífido. A moça da praça me disse que seu nome é Potó, que é fototrópico positivo (atraído pela luz) e que na época de início ou fim da chuva se aloja dentro das casas, preferindo roupas e superfícies claras. É um bicho bem medroso, aos mínimos movimentos se sente acuado e queima. A substância só é corrosiva em contato com a pele humana, sendo capaz de passar por têxteis sem prejudica-los.

– E o que queima não é ele. É o mijo! – Disse outra ao ver a queimadura

Nessa viagem de encontro ao Potó, nova presença inspiradora, meu caderno guardava poucas escrituras, mas em mim algo havia sido escrito. Profunda-

mente e literalmente. Voltei para o acampamento, forasteira naquele interior, com a ideia do Potó. Potó sobre mim. Silencioso Potó, corrosivo bicho. Potó, Potó, Potó.... Sem dó nem dor, segui forte das pernas cicatrizando na babosa1 a passagem do bichinho. De longe, vinha dentro de mim a certeza e a necessidade de ter havido aquele encontro. Em toda pequenez de besouro, o *Paederus irritans*, me fez retomar ao corpo. Construir um significado para aquele mijo corrosivo: por dias acreditei que fosse uma sereia, mas logo ela se mutou para um dragão. O significado não cabe na ferida sobre a pele, não se explica. A própria pele come seu ferido, autofagia, come-se ao criar carne, mudando a si própria. Aceitei a impermanência da ferida e, por conseguinte, a do corpo. (abrir/deleuze), desse já estranho corpo. “Inscrever a memória do tombo, dos tombos. Escrever o tombo da memória.” (MEDEIROS). Os machucados são fendas que mesclam interior e exterior do corpo, a cicatriz sutura o espaço aberto para o entre. Dentro e fora, o doce e o duro, as linguagens artísticas, entre o corpo e o espaço. Entre: espaço para entrar. Espaço desejoso de performances, ações e fuleragens.

Como lidar com o imprevisível cravado na pele?

Quanto mais próximo o encontro com Potó, mais abismava-se a distância do caderno e a proximidade com a re-descoberta da pele. Ao queimar ele deixa sobre pele parte dele. Espera-se do corpo, enquanto sinal de vida, absorver a ferida ressignificando-a. Espera ativa cicatrização e sua escritura sobre pele: caderno-corpo. Corpo todo afetado, compondo com o rastro do bicho.

As coisas não param de se escrever na pele, como a feitura de um diário exposto. Na construção desse mapa secreto hibridizam-se memórias que a cabeça já tinha esquecido, estórias sobre a pele, mentiras, caminhos, invasões e tantas

outras coisas. Misturadas às cicatrizes estão parte do meu eu-caderno, parte dessa construção de identidade. Me reconheço nas estranhezas das fendas cicatrizadas em cada parte que agora olho e sinto por mais tempo. É tudo isso que me torna eu mesma. Fechar as feridas, amar as cicatrizes são processos que demandam tempo – outro tempo não cronológico, tempo-corpo.

Agora a cicatriz está feita, nova-outra pele regenerada, na marca eu e o bicho seguimos em caminhos diferentes. Não sabemos de nós nada mais além da cicatriz, tempo alargado do nosso encontro. A cicatriz profunda em mim não é objeto de registro, não é destacável, analisável fora de contexto, é a própria lembrança que nada há além do corpo, do corpo como um todo: mar(ia-sem-ver)gonha. Pele como registro mais íntimo do ‘eu’:

“Curiosamente, a pele retira do corpo seu status de objeto, no momento em que ela não é mais percebida como o invólucro das formas. Tal qual uma superfície com seus próprios relevos, ela transforma o corpo-objeto em corpo-texto.”
(JEUDY , 1998, p. 2)

Potó, esse bicho pequeno, age tal qual o próprio querer performático: invade, escorre, deixa marca, não passa despercebido, itera. Reinventa registros, se indispondo à espetacularização no feito. O besouro alheio às construções humanas de conhecimento gera importante nota: ‘performance’ e ‘registro’ são bem mais do que definições acadêmicas ou artísticas, elas transpõem no corpo a urgência em reconhecer-se parte, ocupar por inteiro o ato no corpo. O corpo, como versão viva do caderno, registra em tinta de sangue e fluidos, vive com o risco perene de afetar-se e escrever-se em memórias reais ou inventadas.

A aparição do Potó me faz re-chegar ao corpo. O acaso desconhecido compõe o desejo antigo de ser em mundo. Rever o couro é deparar-se com outras

marcas de trajetos que o compõem. Releio o texto, (re)hospedo-me no corpo com deleite, encaixo-me no entre das cicatrizes. Cruzo em mim a teoria por cá apresentada a fim de conceber outro momento da mesma pesquisa: o corpo se insere, sendo escritura e(m) ação.

Cicatrização enquanto possibilidade de escrevinhação polissêmica. Corpo insiste e faz, pelas cicatrizes reconta o que as palavras silenciam. Inauguram, a cada novo instante, uma escritura íntima em carne: “meu corpo é o meu protesto”. (PANAMBY, 2009)

A seguir seguem imagens das escrevinhações em carne, poesia e teoria reinventadas:









Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a, o que salva então é escrever distraidamente.

Clarice Lispector

Escrever como forma de re-existir foi, e ainda é, a maneira sensível de trazer à superfície próprias sensações. Depois do corpo, dos batimentos cardíacos, das viagens que meus líquidos fazem por dentro, a palavra me abriga em um estranho conforto. Conforto de cama-de-pregos, pois o encontro com o texto aconteceu quando, por dificuldade de espaço de fala, as palavras escritas soavam como voz. Entretanto se silenciavam em folha de papel, já que quase nunca eram compartilhadas com outrem. Relativamente contemporâneo aos meus primeiros processos de criações artísticas, as palavras e os cadernos foram se tornando cada vez mais eu. E eu cada vez mais sem-vergonha, no tempo todo nós em grupo: trama. O caderno carinhosamente grita as escrituras afetadas compondo no corpo ritmos e formas diferenciadas. Sempre usei cadernos sem pauta, gosto do cheio de vazio (superfície para possibilidades) que a folha lisa tem e de gerar marcas. De alguma forma era o grito-corpo que ressoa no caderno. Nós, eus e o que escrevemos, nos aproximamos em uma dança de uma música totalmente desconhecida: com-tato.

No processo de fazer artístico – principalmente em performance – o caderno se mostra como parte íntegra minha e das ações criadas. Começo a percebê-lo como indissociável de mim. Lá, vários apontamentos de rotas surgem,

persistem, mas no corpo é que tudo se torna som: barulho, concerto, performance [sic], grito-grifo, vibração. Olho para meu couro e noto-me caderno de mim, inscrições de mundo, rastros, escolhas e acasos sobre a pele. Os processos de criação transbordam inclusive a literatura e a partilha dos cadernos (antigos diários secretíssimos) surgindo de forma sutil, esboçando o início de um reconhecimento, através do duro conforto e prazer que o ato de escrever proporciona. Codifica e bagunça mais ainda as sensações vividas. Começo então a me atentar para as voltas que surgem em alguns escritos. Escritos sinuosos de alvo não muito nítidos. Ao reler-me constato que sou ruim para fazer descrições das coisas, mas tudo bem isso não interessa nem à performance nem ao registro e tampouco a pele, a estas cabem transpassar o próprio texto/gesto meramente descritivo a fim de alargá-lo reinventando lógicas ilógicas. A escritura é curva no caminho do texto, forma mais cativa de falar sensações, de adjetivá-las, compor detalhes na imanência do vivido. O texto transpõe o corpo, imagetiza e fragmenta sensações, mas não poderá dá-las ao exato. O corpo sincero se insere.

Cadernos e mais cadernos, acumulados e preenchidos, alguns perdidos, abrigam outras linguagens, onde os códigos mais doces e diretos se reinventam na existência do mundo. Assumo a dureza que é escrever estando imersa ao meio, no processo, nesse ponto nevrálgico da escrita onde não há doçura. O terreno é arenoso em possibilidade, instável, mas fértil. Apesar de não dominar o ciclo da semente, percebo e sinto ao observá-la que traz em si sua própria ação: resistir, frutificar. Semente grita rompendo a terra, grita com todo seu corpo, perfura a terra com suavidade e força, se faz existir. Performance brota do concreto, do mato, performance e mar(ia-sem-ver)gonha são ervas dan(ad)inhas! “O essencial fica sendo a multiplicidade.” (SERRES, p. 273, 2001) A es-

critura se apropria do devir¹, do movimento do próprio corpo e da construção de si como espaço em/de arte. Se por vezes escrevo, sinto no escrito voz, movimento, gosto, baba, suor e gozo. Escrevo e escorro.

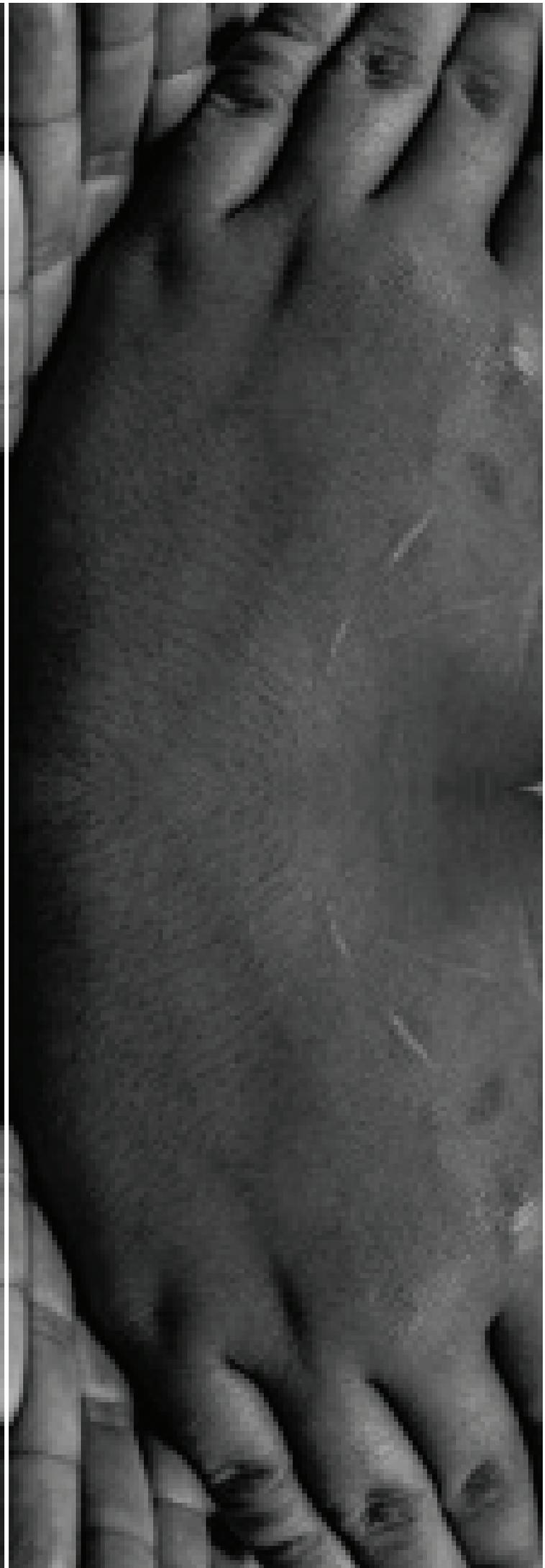
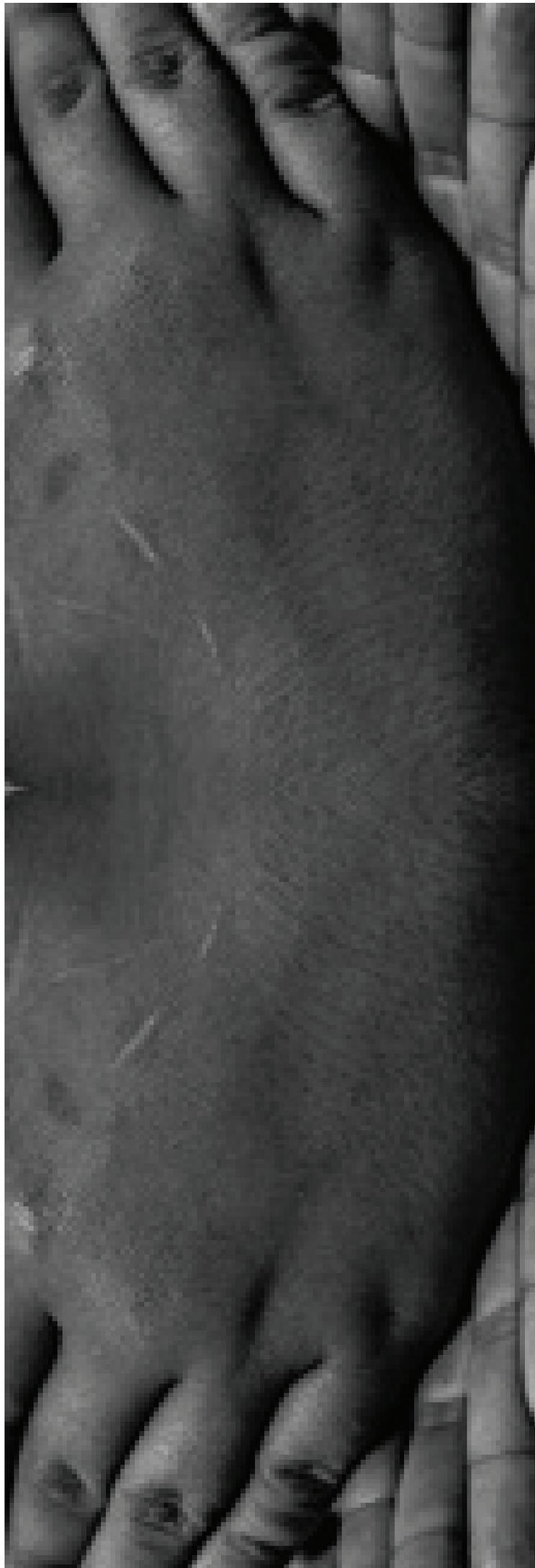
“O prazer do texto seria irreduzível a seu funcionamento gramatical, como o prazer do corpo é irreduzível à necessidade fisiológica.” (BARTHES, p.24, 2010) A escritura como modo de reinvenção de si escorre pelos muros em frases soltas, adormece em casa, manda cartas e escreve dissertação. Escrever compõe também a esfera do indizível. Mas escrever, tão somente, não basta. É preciso, ao mesmo tempo em que impreciso também, criar na linguagem e na performance seus próprios desvios. A busca do registro de/em performance através do texto poético é mais uma forma de (im)precisar a linguagem, assumindo também o lugar duro de registro e ampliando os rastros e sensações das ações executadas. As reflexões geradas através do com-tato das palavras e ações artísticas, são transbordamentos da performance, pedaço de raiz da mar()gonha que ao ir-sem-ver esparrama-se solo adentro buscando novas florescências. Em si carregam um sentido de incompletude bem como o corpo, as linguagens artísticas, estéticas e literárias compõem além da visão a esfera política da sociedade. No sentir do corpo – em todos sentidos - está imersa uma possível teoria da performance. O corpo pós-durante-ante a experiência engendra em si mesmo a ‘teoria’, re-cria. Talvez a teoria mais exata, o final da história amoral, seja experimentar/fazer com o corpo, arriscar-se em próprias lógicas e questionamentos. Cada corpo é potencialmente político e toda a cidade passível (e necessitada) de in-vazão. Poeticamente busco brechas concretas para seguir incertezas no caminhar deambulante em arte.

.....

1 “Devir é o conteúdo próprio do desejo (máquinas desejantes ou agenciamentos): desejar é passar por devires.” (ZOURABICHVILI, p. 24, 2004).

Entre tantas sensações a semente está prestes a eclodir. Sinto nesse turbilhão tanto perda quanto encontrada ao reviver na escritura o encontro de mim comigo. Cartografia Ferida é o nome que dei a esse encontro: terra fértil, semente em explosão e o início da germinação. As fotos pretas e brancas que se inserem ao longo da dissertação compõem essa cartografia, são liga prática-poética. É corpo que não fala por si só; corpo-sensação atingido na pesquisa. Corpo sincero se insere. Chama a multidão de singularidade que habita em mim. Faz paradoxal desvio: como o mais próximo pode se distanciar tanto? Desde quando não sentia o que essas brechas cicatrizadas em meu corpo poderiam escrever-me?

Quando toco o cheiro ou vejo suor nas lágrimas, percebo, sinto por todo corpo. Há dor, pungentes estacas que atiram sobre esse corpo que dança. Danço a dor até suar de prazer. Transmuto meus sentidos, (des)conheço, viro água evaporada: a intenção do líquido, sem forma.



Essa autoconexão compartilhada é uma medida do prazer que me sei capaz de sentir, um lembrete de minha capacidade de sentir. E esse conhecimento profundo e insubstituível da minha capacidade de prazer vem para demandar de toda minha vida que seja vivida dentro do conhecimento de que tal satisfação é possível, e não precisa ser chamada de casamento, nem deus, nem vida após a morte. (LORDE, online, 1984)

É belo, é sufocante, é estranho; e da bobagem, eu não teria o direito de dizer, em suma, senão o seguinte: que ela me fascina. A fascinação seria o sentimento justo que deve inspirar-me a bobagem (se chegarmos a pronunciar seu nome): ela me estreita (ela é intratável, ninguém a barra, ela nos pega na brincadeira de mão). (BARTHES, p. 58, 1975)

Presento daqui de onde sou: texto no mundo em carne viva. Fascino-me e crio, crias de mim. Das escrituras o código verbal nenhuma, além de seu título, aparece em Cartografia Ferida – poema inédito próprio. Brinquei até que desfiz em água e açúcar minhas escrituras: texto em gozo incorporado.

A letra do meu poema agora adormece e sente fome: palavra-viva. Fiz-me letra, me desfaço das pautas. Escritura agora dura a eternidade de um quase-nada: são meus passos na lama, o remendo dos asfaltos que existem na casa de minha avó, a borra de café na xícara, a leitura de lábios que pronunciam uma língua totalmente desconhecida. A escritura se estende além do código, escorrendo sem que nenhuma contenção lhe caiba transborda o corpo. Não se entende – sente, degusta, seja. Caminhos torpes e dúbios são esses do fim que anuncia tanta bobeira e fuleragem. Estou inundada de nós em eus.

Tratado geral das grandezas do ínfimo

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias

(do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado.

Sou fraco para elogios.

Manoel de Barros

peça uma cerveja gelada

o primeiro passo da conclusão é assumir publicamente que a es critura é esse ponto (brinde) longe do fim, imerso nas possibilidades do vir a ser cada coisa ou objeto que escreva modificado... aqui, quase longe e tão perto dessa mo da palavra, que dita... aqui, quase longe e tão perto dessa es crevencia eterna imersa ni mim. meio do mapa, me desconecto. é rua, é bueco, e é a escritura refugiada de mim mesma

cicatriz exposta eu loutra fora do que poderia ser, so sendo sem fim, concluir é restringir a potencia do indizível quase não concluo, mas a pesquisa se conclui em mim, modificadopo tornar público o deses pero necessariamente solitário do fim conclusão atrasada: não há conclu.... quem??? sandão entra bar:

~~mateus~~ diz: posso escrever? ao receber sim como resposta sai. não pega a máquina. dita, escrever é colocar-se ... definir -se na subjeção da conclusão: e f raudulenta

NA SUBJETIVIDADE DELINQUENTE? SANDRA? SOMOS ASSIM QUASE ESCRITORAS E QUASE NINGUÉM

SÔ MINEIRO PORRA? CARAI;;; JOGO CINUCA E EU QU E ERA DINOMAS SALRO E MSRISNA HOMO SAPIENS AZUL NO CERRADO ENQUEN MICHEL TEMER É PRESIDENTE

PASSE O papel da maõ do jenipapo toninho entra em campo extase me chama, na verdade toninho é grelo, vamos bater essa máquina do outro lado da rua, sem conclusão ainda..... vamos ver no que dá

agora eh outa linha meu anjo penetra convida o que bate em tudo anja ma

PASSO NUMERO DOIA? DIGO? DOIS: peça outra cerveja, bidu

deusa da madrugada, fenix, subtropical, agrra todo fim como possibilidade de fim igual seja inicio. ~~xixixixi~~ simultaneamente

cade meu cifarrooooooooooooooooooooooooooooooooooooo? agora que achei, vou ali fumá-lo antes que esse texto me fume por inteira.

PASSO NUMERO ZERO (ANTES DO ANTE S)

res pira re pitra pira pira pitra escreveu na rua, vejo a noite tec tec tectec

é xpkw32=597 ahnnnnnnn ainda nao // pode ser só mensagem:
isso por enquanto. hashtag sonasuépiseu nao sei o que
é dignidade do fracasso.

mas ates, o que é fracasso vc sabe,;;;???
não ressentir o fracasso, ou seja, bem vindo a conclu
são.

hahahahahahahahha riu m ari britis. deixa eu ser feliz deixa
eu chupar meu nariz. maquina herança..... digite a dissertação

~~ma~~ ~~ba~~ ~~sa~~ ~~ar~~ ~~fi~~ ~~na~~ ~~que~~ ~~fa~~ ~~ha~~ ~~ba~~ ~~ça~~ ~~sa~~ ~~ndra~~ ~~fr~~ ~~an~~ ~~ça~~ ~~ma~~ ~~ndra~~ ~~97~~ ~~?~~ ~~...~~ ~~me~~ ~~fo~~ ~~fo~~ ~~fo~~ ~~to~~ ~~na~~, ~~msi~~

sandra. nessa maquina herança, sandra da frança
a merda e que ela ta tentandl esgrewer a tesende mestrado
do dela.... fupa uma taba. from taba

tabata solta a tabata pois em tem que bota essa t
fracasso da fuleragem. vc tem que ir picole na etimologia
da palavra u ~~99n~~
dedo duro bate tinta mistura
mas to na rua tectec tec tec tec

fluxo corre tecla dança
pouca luz, ápice da visita vista
molhada e quente

me i nspirar re se deli
canto

ççççlkkkkkkkkkkkkkl1111111111111111ççççç

no real pipoco mas a ritual do pixel imaterial
inunda vc encontra a tecnologia demais no
sempre antes

senha

viado

CALMA
QUE GARNE NAO E SO SEXO

hh

■ ■ ■

farofa com sopa de beterraba, pode ter reunião mas ã tira a comida

SECRETARIA

jacertei meu erro :)

pharopha d'ayla

segunda ata
pauta: sopade beterraba

CADE O PROJETOR
NAO SEI ACABOU AGUA
ELEN BRAGA:

COMO CE EU CHEGI NA ARTE COMTEMPOR ANE
FUI CANTORA GOSPEL
MACULADA
SECRETARIADO

COMO SE
P)ORTAR

AUTORETRATO

COMO SERIA O CORPO
PUS MINHA MAE PRA FILMAR

MPOUSSIO

KKKKUHII

FORTEFORTE VC PRECISA SER FORTE

PASSO A PASSO PARA SER FORTE DOZE TRABALHOS DE HERCULES
ACOES CONTRA FORÇA DA NATUREZA FORÇA

LUTA DE INICIACAO M TENTAR VENCAR O CORPO RESISTIR
APANHAR PARA EXISTIR VC QUER BATER POR QUE EU NAO BATI PERGUNTA
FICAR AGRESSIVA E PASSAR CORRENDO ATRAS DO SOL COM CAMERA
CORRIDA DO TEMPO DE ROTAÇÃO EM TORNO DO SOL YUNI EM LA PAL LA PAZ
CORRER UM POUQUINHO SITUAÇÕES IMOSIIIMPOSSIVEIS

EU SOU UM EXEMPLOM DE FORÇA E RESISTENCIA AS REGRAS DO QUE SE
AGUENTZ FAZER

VC NAO PODE RESPIRAR OFEGANTE EM PERFORMANCE

CONVERTER AS REGRAS \$\$\$) REGRA PARA QUE PERGUNTA

IMPOSIÇÃO DO OUTRO

ESSE foi um caso muito complicado,
gente que quer fazer por permuta
eu gosto

grande honra ao mérito é não ter pódion

participação

fracasso

da performance
mas o fracasso tb ã é o imprevisto da performance??

um erro gera sempre a transcendência de alguma coisa
e que querer entender em sim, já pd ser o fracasso

interessante ver o que as pessoas olham quando elas olham
corpos tais como tal misqueci

beira do rio professor apaixonado

rua performance da angústia do dia a dia

fac contato corpos urbis

agosto como performar na escola. foi gente silvamara

na area pra contar os
babado

a hanna ta doida com os bicho voando
ela ta deitada agora, deve ta cansada

a janta tava ooooootima, comi pacas rrsrrs

escola

lixcola libera os alunos pra performance porra

atr6666666=====oprei

muito bacana
banana
deu. fim?

.....
o sejejo de fazer um impulso na rua
um se sej um sej um desejo nagaiola cara de s

cara de sofrimento ... achar charo a a o performande

um canss... so de fazer a performance... Ligya Clark

Ligya Crack. . um banquete... o lugar do sensorial

a imagem ... o processo... o lugar daex exper encia

fazer com ... esa ... estar ci ... com...

o intelecto, ele nasce como característica humana,
por ser cismado minha mente não consegue entender a pronó

ia. Auri... BUCETA na TERRA

buceta vermelha escreve líquida em comunhão sem manifesto
sendo líquido o próprio manifesto inexistente; assim na
da fra cassou'

'(o importante tem álcool)

muito obrigado por me citar

outro dia ...

isto no meio do caminho de um modo que qualquer bairrada
é canto. no meio do caminho que é a parte do cam
imho todo

voyerizando na máquina o sigili espalhafatoso de das

ent

barulho de mato cortando
cortando com mãos de carinho que cortam dançam fluem
noutro canto qualquer som de por do sol, deixa esse
MELADO
~~XXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXX~~

BARULHO DE SO?BRA? E QUALQUER HISTÓRIA FAZ DA GENTE COPA DE ARVO
A SOPA DE BETERRABA? REFOGA? ANTES DE FAZER O ARROS; TÉCNICA
CULINARÍSTICA TEM AGORA O PORTUGUES TA MUITOM MAL?; MAU? BEM DESCOFIAD
NAO MANDARIA ESSE TEXTO AO PROFESSOR PASQUALETE
AS CARAS DO MATEUS SAO FODA; QUANTAS CARAS ELE TEM? E CARNE?
BIA MEDEIROS LIDER DA COLONIA? COLONIA? ALCATEIA? TEIA? TETE A AZ
COPA DO MUNDO: :::: FALTA DIGNIDADE NIDADE DADE DADA:
8 NALDO ENCHEL O COLCHAO; COM MUITO AR: VENTO NO EMENTO SOU LE

666-: capiroto cao vadio renegado dos ceus-ceu,?
pamenhas de jaboticaba com banana frita com óleo de andiroba
oi; disse eu olhando pra mim mesmo so que sou mulher nes
papo pintada eu de genapapo um piercing no nariz.

de papo no geni. de jeni no papo... furado, cavado esculpido por
copas, verdadeiras plantas e não a do mundo.....



Caminhos (in)visíveis

Entro lentamente na minha dádiva a mim mesma, esplendor dilacerado pelo cantar último que parece ser o primeiro. Entro lentamente na escritura assim como já entrei na pintura. É um mundo emaranhado de cipós, sílabas, madressilvas, cores e palavras - limiar de entrada de ancestral caverna que é o útero do mundo e dele vou nascer.

Clarice Lispector

Eu tô te explicando pra te confundir, eu tô te confundindo pra te esclarecer, tô iluminado pra poder cegar, tô ficando cego pra poder guiar. Suavemente pra poder rasgar, olho fechado pra te ver melhor.

Tom Zé

*Para acompanhar bocejos, sonhos matinais
Eu não estou interessada em nenhuma teoria,
Nem nessas pessoas do oriente, romances astrais
A minha alucinação é suportar o dia-a-dia
E meu delírio a experiências com coisas reais.*

Belchior

O que posso dizer do fim é que é sempre outro início e caminho. As páginas passadas, ainda presentes em sua leitura, compõem mudança lenta: corpo que frita, arte que insiste. A pulsão querida de fim é a própria morte. Como a decomposição de um ser morto o texto se vai. Se funde aqui e em ti. Desejo de procura doida de outros pares para dança estranha, fuleira e sem vergonha. Dança-se sobre o asfalto quente, descalço, caleja-se os pés tanto quanto as palavras no papel. Nascidos, prazeres de dor me ocupam: metamorfoses da metalinguagem. Para que o estimado fim mantivesse sua vida-em-morte, estive por três dias do mês de novembro desse ano, escrevendo livremente como concluir tantas frinchas que essa pesquisa me apresenta.

A máquina de escrever me apresenta a analogia do erro, as cicatrizes do papel, por isso estivemos muito próximas: coladas. Escritura em registro que parece não se findar. Os dedos viciados da música “tec tec tec tec tec piim tec tec tec tec pi” tilintam rumos incertos desdobrados no corpo. A máquina de escrever, o papel e a caneta, reescrevem mensagem fragmentada e imagetizada. A polissemia abraça, como o grupo coletiviza. Compõem nós em trama, arma e ama estar em muitos. Aquece como quem se joga na rua, adrenalina. Expõe ferida aberta para moscas pousarem: arrisca-se.

Sou muitas e sei que o grupo me multiplica mais ainda. São incontáveis nós nessa trama: somos. As criações existem, fuleiram-se em nós, somos tantas elas quanto elas nós. Não criamos a partir do nada, criamos como quem compõe estratégia: em bando visamos o ataque político e artístico que compõem outra mudança lenta: a da cidade ao nosso redor. Nossas ações pela cidade também são cicatrizes, marcas de pertencimento à mesma. Da teoria descende a ação, ou vice-versa, o caminho é liso traz em si mesmo a possibilidade de queda e erro. Escorregamos sem ver, vamos e se caímos: ali está a potência do procurado desconhecido: como dançar com ele?

Na dúvida, a disposição ao movimento não deve ser vacilada. Dança-se com o par que couber, desconhecida afecção me tremula ao também desconhecer-se. Estamos sendo construção - percepção. A máquina multiplica a autoria: quem o fez? Mesmo quando está sendo falado eu, não estamos no singular. Somos um grupo de ‘eus’. Concluimos novo passo, nova trilha inconclusa, difusa: estamos na bifurcação. Movimentamos no entre, trilhamos a terceira trilha. Terceiro olho olha terceira margem, imagina com dedos as mesclas do texto em textura. Tecido, trama e nós compomos instantes, geramos desejo e abortamos incerteza. Crava-se no papel esse talvez. A caminhada multiplicada, espelhada e afetada,

está no corpo. Inscrita de mundo escrevo obsessivamente. Os conceitos me abrem a carne, o desejo me cicatriza. Na brecha da nova pele sou parêntesis, respiro em reticências. Quantas músicas não fizeram esse caminho comigo?²

A conclusão conclui novo início. Como traça de livros traço o caminho do prazer, não me preocupo com a destruição de antigos pedaços – essa digestão em pesquisa me levará a próxima que serei. Esparramo como raiz de mar(ia-sem-ver)gonha, escrituro como abraço, leio como quem capta entrelinhas, performanço quando desejo, cicatrizes me vêm como o próprio instante passado. Laços que me compõem se dissolvem, afrouxam-se ao destino incerto seguido e dançam. Sons latentes de aqui e agora, dissonantes ressoam nesse corpo que vibra e é poroso.

Corpo que se abre ao fim como quem abre a porta de casa para sair sem rumo. Para que a caminhada seja composta de delírio anuncio-me disposta. Como a mesa na sala de jantar que espera qualquer um para o banquete me ofereço crua como as linhas que compuseram meu encontro com pessoas que se outram em escrituras. Faço um brinde na mesa vazia, mas de copos cheios, uma ode que o acaso preencha: os lugares, as vidas e as existências minhas, suas e nossas. Seguimos em deslocamento e viagem constante...

.....

2 Antiga Poesia - Ellen Oléria (<https://www.youtube.com/watch?v=u0lxuiyW6f0>)

Chuva no mar - Carminho (<https://www.youtube.com/watch?v=hliRXFz7C24>)

Estado de Poesia - Chico César (<https://www.youtube.com/watch?v=yZq0A7y7hHI>)

Língua - Caetano Veloso (<https://www.youtube.com/watch?v=tX7cqBreLUY>)

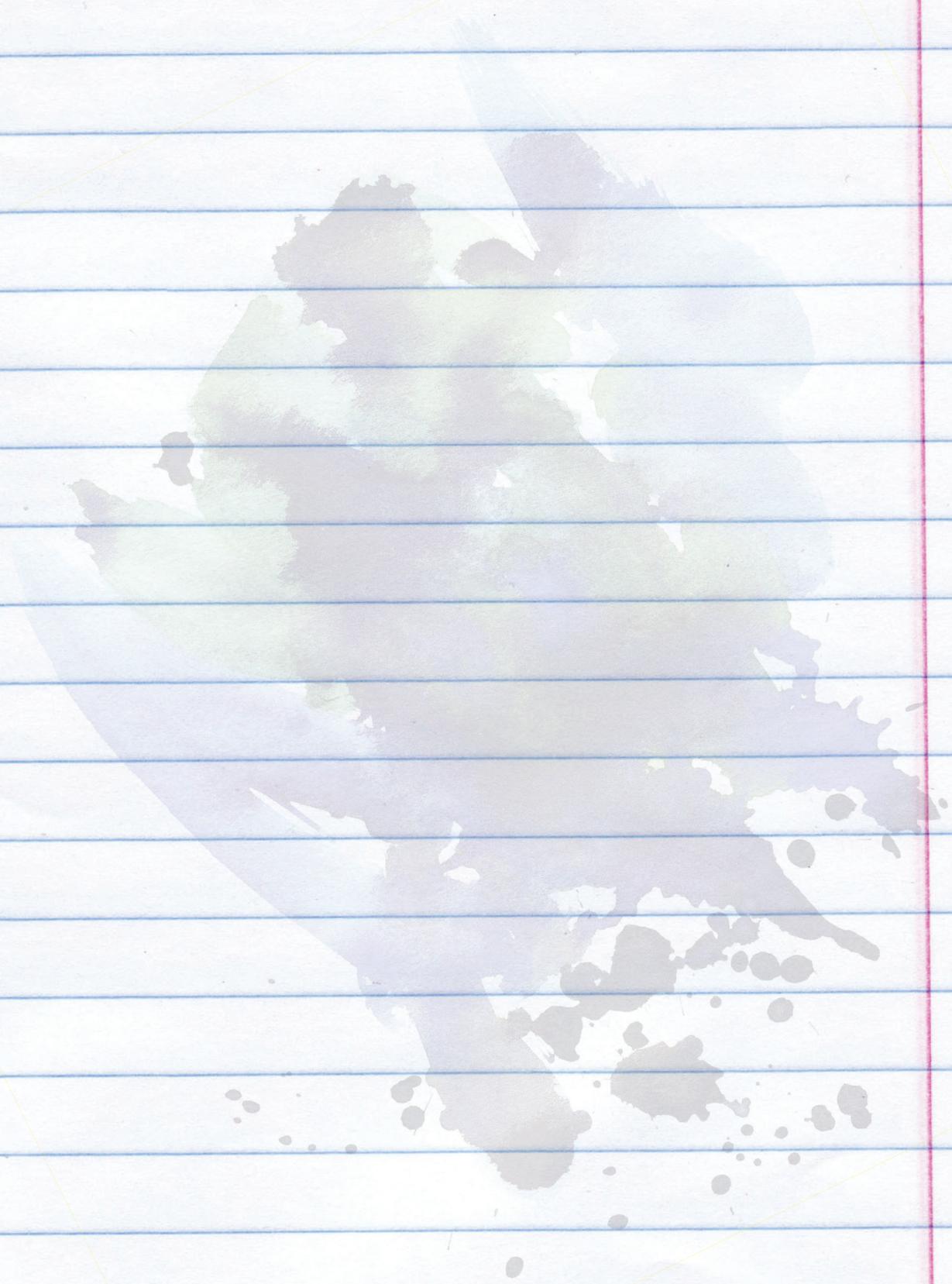
Metáfora - Gilberto Gil (<https://www.youtube.com/watch?v=uBA1nUHJhI0>)

Polivox (o outro) - Adriana Calcanhoto (<https://www.youtube.com/watch?v=Zl2XZlItLU4>)

Quem Canta - Tatá e Danú (https://www.youtube.com/watch?v=WVpWKFz_rqE)

Zera a Reza – CaetanoVeloso (<https://www.youtube.com/watch?v=HQaKROzvQ20U>)





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. Lisboa: Cotovia Ltda, 1999.

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. *Cadernos de viagem à China*. Trad.: Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. *Fragmentos do discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad.: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

COTRIM, Cecilia; FERREIRA, Glória (org.). *Escrito de artistas 60/70*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs 1*. São Paulo: Editora34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é filosofia?* 2. ed. São Paulo: Editora34, 1993.

JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Loyola, 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1987).
2005.

MEDEIROS, Maria Beatriz. *Aisthesis*. Estética, educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2007.

MEDEIROS, Maria Beatriz; AQUINO, Fernando (Org.). *Corpos informáticos: Performance corpo, política*. Brasília : PPG-Arte/UnB, 2011.

SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos*. Trad.: Eloá Jacobina – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ONFRAY, Michel. *Teoria da Viagem*. Porto Alegre: L&PM, 2015.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Com Roland Barthes. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ZOURABICHVILI, François. Trad.: André Telles. *O vocabulário de Deleuze*. Campinas: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação: 2004

REFERÊNCIAS: DISSERTAÇÕES

MATRICARDI, Maria Eugênia. *Ações, políticas estéticas, heterotopias nômade: lugares possíveis*. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arte Contemporânea, Artes Visuais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

REFERÊNCIAS: ARTIGOS

BRITES, M. e MEDEIROS, M.B. *Dance: o lance do dado. Uma pesquisa em arte e em escrita*. Revista Artefactum, 2014, no 1. Disponível em <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/249>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

FABIÃO, Eleonora. *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. Sala Preta, Brasil, v. 8, p. 235-246, nov. 2008. ISSN 2238-3867. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57373>>. Acesso em: 06 feb. 2017.

REY, Sandra. *Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em Poéticas Visuais*. Revista de Artes Visuais, Porto Alegre, v. 13, n. 7, p.81-95, 1996.

REFERÊNCIA: WEB

BARRANTES, Tzitzzi; ORTIZ, DAVI (org.) *Catálogo 6 Encuentro en Vivo y Diferido – AVD*. 2014. Disponível em: <http://eavd.metzonimia.com/avd2014> Acesso em: 20 dez. 2015

CALCANHOTO, Adriana. *Polivox (O outro)*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZI2XZIIltLU4>>. Acesso em 15 out. 2017.

CARMINHO. *Chuva no mar*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hliRxFz7C24>>. Acesso em 12 abr. 2016.

CESÁR, Chico. *Estado de Poesia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yZq0A7y7hHI>>. Acesso em 08 set. 2016.

CORPOS INFORMÁTICOS (Brasília) (Org.). *Performance Corpo Política*. 2013. Disponível em: <www.performancecorpopolitica.net>. Acesso em: 19 mai. 2016.

DELEUZE, Gilles. *Les cours de Gilles Deleuze*. 29/04/1980. Disponível em: <<http://www.webdeleuze.com/texte.php?cle=54&group=Leibniz&langue=1>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. *Verbetes: Cicatriz*. Disponível em <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/cicatriz/>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

ERRATIK, Ktrina. BQDXCÃO. Disponível em: <<https://soundcloud.com/popger-rilha/bqdxco>>. Acesso em 26 out. 2016.

GIL, Gilberto. *Metáfora*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uBA1nUHJhI0>>. Acesso em 01 fev. 2017.

LINS, Ariel. *Relato pessoal sobre a performance Pelos Pelos* [e-mail]. Brasília, 2013.

LORDE, Audre. *Poesia não é luxo*. Disponível em: <<https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/13/poesia-nao-e-um-luxo-de-audre-lorde/>>. Acesso em: 15 jan. 2016

LORDE, Audre. *Uso do erótico: o erótico como poder*. Disponível em: <<https://traduzidas.wordpress.com/2013/07/11/usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-audre-lorde/>>. Acesso em: 25 nov. 2016

MARTINS, Alexandra. *Análise crítica da performance Pelos Pelos em diálogo com o livro Performance, Corpo e Política* [e-mail]. Brasília, 2013.

MATRICARDI, Maria Eugênia. *Superfície do sensível: pesquisa em performance nas artes visuais*. 2014. Disponível em: <<https://superficiadosensivel.wordpress.com/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <<http://www.more.ufsc.br/>>. Acesso em: 15 jan. 2017

OLÉRIA, Ellen. *Antiga Poesia*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u0lxuiyW6f0>>. Acesso em 10 out. 2016

TATÁ E DANÚ. *Quem Canta*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WVpWKFz_rqE>. Acesso em 12 out. 2016.

VELOSO, Caetano. *Língua*. <<https://www.youtube.com/watch?v=tX7cqBreLUY>>. Acesso em 25 nov.2016.

VELOSO, Caetano. Zera a reza. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HQaKROzvQ20U>>. Acesso em 10 out 2016.





MANIFESTOS

Essa sessão é dedicada às escrituras de manifestos em parceria com Carol Barreiro, no ano de 2016. Escritura disseminada na rua sem nome, panfletária. Escritura que grita o que o corpo não aceita mais pacificamente. Manifesto como arma em revolução. Não há sim, nem não. Há brechas em devaneios constantes. Textos que não se sustentam em apenas duas mãos, textos múltiplos, textos-em-fala. Prelúdio para performances, quiçá.

Escritura do desejo como o encontro com o outro disposto a escriturar com: compor mundos. Novo grupo inexistente somos em xerox nosso manifesto barato. Escrever como movimento primeiro e último de inscrever-se no mundo. Desejo simples de prazer sem fim, em fim, em nós. Esses manifestos estão dispostos para serem disseminados a qualquer pessoa, gratuitamente, cópias são autorizadas sem necessitar de aviso prévio. Manifesto manifesta-se em mundo: é cosmos, não posse.

As datas de criações dos manifestos, Greve de Manifesto em 31/08/2016 e Manifesto do Grelo Duro em 17/04/2016, correspondem respectivamente à iminência de golpe contra a ex-presidênta após aprovação do senado para a continuidade do processo e ao dia em que o golpe de Estado, alguns diria impeachment, foi consumado e o Brasil passou a ser governado por presidente ilegítimo: golpista.

FORATEMER #OCUPATUDO #DEMARCAÇÃOJÁ #PELOFIMDOGENOCÍDIO

#NÃORECONHEÇOGOVERNOGOLPISTA #PODERPOPULAR #TEMERGOLPISTA

#MÍDIAGOLPISTA #MAISSAÚDEEDUCAÇÃO #PELOFIMDADITADURA #AXÉ

MANIFESTO GRELO DURO

31/08/2016

Instruções de uso: primeiramente, grelo duro. Massageie manualmente o maior concentrado de terminações nervosas propiciadoras de prazeres cósmicos. Mantenha distância das falas e dos falos, a meia noite e ao meio dia, estaremos mantrando e mentalizando juntas um grelo duro gigante.

1. Não teremos mais paciência com vossa fala e muitos menos com vosso falo, podendo ser de ritualística violência nossa resposta a atitudes heteronormativas mesmo na sua mais minuciosa expressão.

2. Já que a culpa é do nosso ventre Jesus, não discutiremos em público questões sobre política e nem sobre religião (parece que se tornou a mesma coisa) mas te faremos soltar faíscas, aquelas mesmas que indicam a tal fogueira, para que tua paciência dogmática se faça vítima de si mesma e possa ressentir na sua eternidade.!!

3. Reativaremos antigas tecnologias para estrangular seres que se alimentam exclusivamente da energia peniana, falocratas de plantão, isso inclui toda uma linhagem ancestral que precisa ser reciclada, porque fede a golpes cotidianos e genocídios frequentes. Antigos demais para os nossos corpos ressuscitados das cinzas da inquisição. Não temos medo, apenas violências.

4. Óh águia indomada, amazona sub-tropical, agarra todo fim como possibilidade de início, da catástrofe renascida à potên-

cia do voo. Close é resistência diária. Close é resistência diária. Close é resistência diária. Mesmo sem glitter paira, maquiada de cinzas estilo Fênix.

5. A raiz que brota da terra é a mesma que estrangula. Não somos apenas democráticas, mas diabólicas, questionadoras de todos nossos suspeitos transgênicos, e por isso não descansaremos. Motins pagãos, despachos, encruzilhadas, danças macabras, meditação coletiva, sacrifícios, não te pouparemos ó homens de luz, sua benevolência institucionalizada em golpe será teu inferno cotidiano. O verdadeiro talismã dessa jornada é a certeza de que tu caias instintivamente na mais vasta miséria existencial que criou para si mesmo e impôs aos outros.

6. Em cada rito respiratório inalaremos o pânico, a culpa e o medo desses fálicos cis-temas biocidas engravatados e exalaremos a fúria felina da loba solitária. Empoeirada ainda das cinzas que tratam as feridas históricas nunca cicatrizadas. Mênades no mesmo ciclo lunar, misturando-se para sacrificar, expirando o sangue renovado.

7. Grite, gruva, uive, carcareje, lata, relinche, cochiche, renove, mie, cante seu próprio mantra em gozo pleno.

8. Aqui quem fala é grelo duro, não estamos dispostas a morrer novamente na fogueira do teu falo que fala, e faremos o possível para que essa história trágica do passado seja a comédia atual da tua desgraça, com nosso riso bafônico-bufônico te matamos diariamente.







GREVE DE MANIFESTO

0. Esse manifesto não é um manual. É um animal.
100. Manifestar dos sem manifestos, dos duzentos manifestos, dos 300 milhões, vezes 8, mais 3.
8. Esse manifesto funciona (?) por maquinologias inutilizadas, precarizadas, ferrugem e esterco.
3. Dilacerar o eu-ego e o funcionalismo essencial do ser histórico.
1. Pauta da greve: o inútil será inutilizado.
1848. Nós manifestamos diariamente a autonomia do trabalho inútil, por isso a greve do inútil é o manifesto.
69. Não pararemos o Brasil, trabalhadores da causa com código estabelecido de entretenimento, somos em parceria o movimento manifestado.
7. O manifesto não precisa de uma linguagem própria, por isso a partir de hoje não faremos mais manifestos.

3000000 X 8 +3 = Vocês ainda continuam falando do mesmo jeito, e da mesma forma as mesmas coisas, o manifesto ainda é assim de 600 anos manifestados. As coisas de sempre se dilaceraram, exposta podridão constitucional - nós também falamos igual, nós estamos desajustados de greve mesmo, manifesto.

2016. Somos em manifesto.
500. Não arrancamos as casquinhas de nossas feridas ancestrais.
64. Nossa greve é por uma cicatriz histórica: sangrada, roubada e torturada.

0. Não temos dinheiro. Nem estamos à venda.

13. Não sorrimos à toa, nem choramos por causas nobres.

11. Em resistência à sabotagem daquilo que nunca se quis, quando o insuportável daquilo que fomos manifesta mudança muda.

///. Não é uma greve do ócio, é a greve do inútil!

\$\$\$ Arte é inútil.

A.C. Inutilizam manifestos, gestos, rações, relações intrínsecas, indizíveis, incorporais que, corporificadas, ostentem sua relação com a própria inutilidade.

XXY. Separar, banir, decantar, renomear qualquer ato que possa ser mantido pela obviedade de sua falta e/ou excesso de utilidade.

54.000.000 Greve manifestada: a arte de ser inútil e a diferença do inútil enquanto arte.

&. Secar a última gota de inutilidade que nossos corpos possam oferecer.
Evocar: paralisia, estagnação, imobilidade.

24. Estagnar ao sol sob a bandeira da exaustão multicolor, empalamos.

17/04. Exaustão estagnada escancarada: encarar-se. (!!)

22. Inutilitarismo: paralisção arquitetada em greve que valor não convém.

23. Treino habitual para inutilidade de greve: paralisia evocada enquanto paradoxo. Corpo parado em potência de aparição, corpo em paragem grávida de ação.

n+1. Corpo estático em vibração eterna - microscópica.

n-1. Reduzir o tempo para encontrar o corpo de antes/outro.

%. Estagnação para encontro do tempo das outras coisas, corpo mineral, animal, vegetal, ancestral.

000. Inutilidade = você = eu = 30000000 x 8 + 3 (animal) = sem manifestos, duzentos manifestos....

